

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Centro de Letras e Comunicação
Programa de Pós-Graduação em Letras – Mestrado
Área: Estudos Da Linguagem

Dissertação



Me manda um *whats*?!
A Aprendizagem de Inglês como Língua Adicional por *WhatsApp*

Bianca Legramante Martins

Pelotas, 2017

BIANCA LEGRAMANTE MARTINS

Me manda um *whats*?!

A Aprendizagem de Inglês como Língua Adicional por *WhatsApp*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras, área de concentração Estudos da Linguagem.

Orientador: Prof. Dr. Rafael Vetromille-Castro

Pelotas, 2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M379m

Martins, Bianca Legramante
Me manda um whats?! A Aprendizagem de inglês como Língua Adicional por WhatsApp /Bianca Legramante Martins, 2017.
97 f.

Orientador: Dr. Rafael Vetromille-Castro

Dissertação (Mestrado) –Universidade Federal de Pelotas. Programa de Pós-Graduação em Letras, Pelotas, 2017

1. Linguística Aplicada. 2. Aprendizagem de inglês como língua adicional 3. ecologia I. Universidade Federal de Pelotas. Programa de Pós-Graduação em Letras. II. Título.

CDD 420

Bibliotecário Responsável:

Vanessa Abreu Dias
CRB 10/1756

Bianca Legramante Martins

**Me manda um *whats*?! A Aprendizagem de Inglês como
Língua Adicional por *WhatsApp***

Dissertação aprovada, como requisito parcial, para obtenção do grau de Mestra em Letras, do Programa de Pós-Graduação em Letras - Mestrado, Área de Concentração Estudos da Linguagem, da Universidade Federal de Pelotas.

15 de março de 2017

Banca examinadora:



Prof. Dr. Rafael Vetromille-Castro
Orientador/Presidente da Banca

Doutor em Informática na Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul



Prof. Dr. Vilson José Leffa
Membro da Banca

Doutor em Linguística Aplicada pela University of Texas System, Estados Unidos



Prof.ª Dra. Tatiana Bolivar Lebedeff
Membro da Banca

Doutora em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

AGRADECIMENTOS

Ao apresentar este estudo, coloco-me no lugar de agradecer:

- à Universidade Federal do Pampa, Unipampa, por possibilitar que fosse conciliada minha vida acadêmica à profissional e aos colegas da Pró-Reitoria de Graduação pelo apoio e companheirismo diário, durante todos esses anos;
- ao meu orientador, Prof. Dr. Rafael Vetromille-Castro, responsável pelo meu encanto para com as teorias que serviram de base para este trabalho, assim como pelo seu olhar atento e suporte durante todas as etapas de elaboração da pesquisa;
- aos professores do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pelotas, UFPEL, em especial, à Prof^a. Dr^a. Tatiana Bolívar Lebedeff, pela dedicação e prestatividade, seja em sala de aula ou fora dela;
- aos colegas do Programa, com um carinho especial à companheira de pesquisa Raquel, pelo companheirismo e apoio, desde os primeiros encontros até a fase final da pesquisa;
- aos amigos, pela paciência, compreensão e suporte;
- aos meus pais, César e Bia, e irmãos, Caroline e Guilherme, pelo amparo, carinho e amor e por compreenderem a distância física que se impôs entre nós em alguns momentos, em decorrência dos estudos;
- ao meu noivo, Andrews, meu companheiro de sempre, pelo amor, carinho e escuta diligente, principalmente a respeito de minhas inquietações da pesquisa. Por me apoiar na jornada acadêmica e em todos os outros momentos, sempre.

Dedico este trabalho à minha primeira grande mestra, professora, amiga e parceira de jornada, Prof. Rosane Vontobel Rodrigues, in memoriam, a qual me cativou pelas palavras, sempre marcadas por afeto.

*Tudo no mundo está dando respostas,
o que demora é o tempo das perguntas.*

JOSÉ SARAMAGO, 2012

Resumo

MARTINS, Bianca Legramante. **Me manda um *whats?! A*** aprendizagem de Inglês como Língua Adicional por *WhatsApp*. 2017. 97f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2017.

Em uma perspectiva complexa (LARSEN-FREEMAN e CAMERON, 2008; ELLIS e LARSEN-FREEMAN, 2009) e percebendo um grupo em um Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) enquanto Sistema Adaptativo-Complexo (SAC), Vetromille-Castro (2007, 2011) apresentou o papel do professor como perturbador, o qual pode proporcionar condições favoráveis à interação e, portanto, à manutenção de um sistema, quando considerados conceitos como equilíbrio dinâmico/sistêmico e limite do caos. Neste trabalho, estuda-se um grupo de aprendizagem de inglês constituído de forma autônoma e colaborativa no aplicativo *WhatsApp* e questiona-se como ele se constitui e se mantém coeso sem planos de curso, de aula e sem a figura do professor como perturbador, bem como quais elementos poderiam ser apontados como propiciadores da interação. O estudo é norteado por um aporte ecológico (KRAMSCH, 2002, 2008; KRAMSCH E STEFFENSEN, 2008; TUDOR, 2003; VAN LIER 1988, 1996, 2002, 2004, 2007), o qual sugere que o uso das tecnologias não seja visto com um fim em si mesmo, mas como ferramenta que possibilita um entendimento mais amplo e mais complexo do processo de aprendizagem, especialmente de línguas. Tal abordagem concebe, ainda, a aprendizagem de línguas como uma atividade contextualizada, marcada por experiências multimodais e multissensoriais, fomentada por meio da emergência de *affordances*. Para esta investigação, utiliza-se como metodologia a etnografia para a Internet com base em Hine (2000, 2005, 2008 e 2015); Fragoso, Recuero e Amaral (2009); Amaral (2009) e Poliavnov (2013). A partir da análise dos dados, percebeu-se que o grupo manteve-se ativo e coeso por meio do engajamento entre seus membros, seja pela perturbação da ordem do sistema realizada por alguns participantes, seja pela colaboração e, a partir disso, pela emergência sistêmica de *affordances*, especialmente linguísticas. Também foi fundamental para a coesão do espaço a autonomia, em uma visão ecológica. Além disso, o *WhatsApp* também se mostrou um espaço propício para novas práticas de aprendizagem online, especialmente por sua multimodalidade fluida.

Palavras-chave: aprendizagem de inglês como língua adicional; ecologia; *WhatsApp*; etnografia para a Internet.

Abstract

MARTINS, Bianca Legramante. **Will you send me a message?!** Learning English as an Additional Language through WhatsApp. 2017. 97f. Dissertation (Master Degree) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2017.

In a complex perspective (LARSEN-FREEMAN and CAMERON, 2008; ELLIS and LARSEN-FREEMAN, 2009) and perceiving a group in a virtual learning environment (VLE) as a Complex Adaptive System (CAS), Vetromille-castro (2007, 2011) presented the role of the teacher as a disturber one, which can provide favorable conditions for interaction and, therefore, for the maintenance of a system, when taking into account concepts such as dynamic/systemic balance and edge of chaos. In this work, we study an autonomous and collaborative English learning group in WhatsApp application and question how it is constituted and remains cohesive without course and lesson plans and without a teacher as a disturber as well as what elements could be pointed out as affordances of the interaction. The study is guided by an ecological view (KRAMSCH, 2002, 2008; KRAMSCH and STEFFENSEN, 2008; TUDOR, 2003; VAN LIER 1988, 1996, 2002, 2004, 2007), which suggests that the use of technologies should not be seen as an end in itself, but as a tool that allows a broader and more complex understanding of the learning process, especially language learning. It also perceives language learning as a contextualized activity, marked by multimodal and multisensory experiences, fostered through the emergence of affordances. The methodology adopted is ethnography for the Internet, according to Hine (2000, 2005, 2008 and 2015) as well as Frago, Recuero and Amaral (2009); Amaral (2009) and Poliavnov (2013). Based on data analysis, it was noticed that the group remained active and cohesive through the engagement among its members, either by system order disturbance performed by some participants and/or by collaboration and, from this, by the systemic emergence of affordances, especially linguistic ones. The autonomy in an ecological perspective was also fundamental for the cohesion of this space. In addition, WhatsApp has also proved to be a conducive space for new online learning practices, especially for its fluid multimodality.

Key words: English learning as additional language; ecology; WhatsApp; ethnography for the Internet.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
1.1 MOTIVAÇÃO PARA O ESTUDO.....	11
1.2 APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA DE PESQUISA.....	13
1.3 OBJETIVOS DE PESQUISA.....	15
1.4 ORGANIZAÇÃO DA DISSERTAÇÃO.....	17
2 REVISÃO TEÓRICA	19
2.1 APRENDIZAGEM DE INGLÊS MEDIADA POR DISPOSITIVOS MÓVEIS.....	19
2.1.1 What's up with WhatsApp?.....	21
2.2 APRENDIZAGEM DE LÍNGUA ADICIONAL BASEADA NA AUTONOMIA.....	26
2.2.1 Cooperação.....	30
2.3 PRESSUPOSTOS PARA UMA ABORDAGEM ECOLÓGICA.....	32
3 METODOLOGIA	39
3.1 ETNOGRAFIA PARA A INTERNET: PARTINDO DE UMA CONCEPÇÃO COMPLEXA E ECOLÓGICA.....	39
3.1.2 Questões éticas para desenvolvimento de uma “pesquisa virtual”.....	43
3.2 DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA.....	45
3.2.1 Um olhar etnográfico para grupos de aprendizagem no <i>WhatsApp</i>	45
3.2.2 Definição do contexto e critérios para análise do grupo.....	46
3.2.3 Etapas de desenvolvimento da pesquisa etnográfica.....	50
3.2.3.1 Visualizou e não respondeu: dificuldades para entrada “em campo”.....	53
3.2.3.2 Diário de uma etnógrafa virtual enquanto insider.....	54
4 ANÁLISE DOS DADOS	57
4.1 SOBRE A CONSTITUIÇÃO DO GRUPO: CONDIÇÕES INICIAIS, REGRAS DE BAIXO NÍVEL E PERTURBADORES DA ORDEM NO SISTEMA.....	58
4.2 JÁ ACABOU WHATSAPP? O GRUPO SOB UMA VISÃO ECOLÓGICA.....	68

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	82
6 REFERÊNCIAS	85
7 APÊNDICES	90

1 INTRODUÇÃO

1.1 MOTIVAÇÃO PARA O ESTUDO

Esta pesquisa emergiu das leituras e discussões fomentadas durante a disciplina de Novas Perspectivas na Aprendizagem de Línguas, ministrada pelo Prof. Dr. Rafael Vetromille-Castro, também orientador desse trabalho, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pelotas, área de Estudos da Linguagem. Durante as aulas, foi possível aprofundar a compreensão do ensino/aprendizagem de línguas como uma atividade complexa (LARSEN-FREEMAN, 1997; LARSEN-FREEMAN e CAMERON, 2008; LARSEN-FREEMAN e ELLIS, 2009) e, diante de distintas perspectivas teóricas, também avaliá-lo como passível de ser estudado sob um enfoque ecológico (KRAMSCH, 2002; TUDOR, 2003; VAN LIER 1996, 2002, 2004, 2007).

Assim, conforme Tudor (2003), falar sobre o processo de aquisição/aprendizagem¹ de línguas como uma atividade complexa pode parecer uma afirmação óbvia, principalmente por parte dos professores e dos aprendizes. Todavia, uma maneira de trabalhar o ensino de línguas que leve em conta a complexidade que o envolve já não parece ser algo tão evidente. Uma alternativa pode ser a tecnologia², a qual “[...] oferece um potencial, porém não garante por si só que determinado resultado pode ser obtido, não em uma atividade humana complexa como o ensino”³ (TUDOR, 2003:03). Com base nisso, representa ser importante pensar em formas pelas quais a tecnologia pode ser utilizada, sem figurar como um fim em si mesmo.

Inúmeros são os estudos desenvolvidos sobre as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) na Educação e, em especial, destacam-se aqueles que se inserem no âmbito do ensino e aprendizagem de línguas, sobre aprendizagem

¹ Há a ciência de que Larsen Freeman e Cameron (2008) não utilizam o termo aprendizagem, mas sim desenvolvimento linguístico. Todavia, seguirá sendo utilizado esse termo por ser ainda o mais comum. Em alguns momentos também serão empregados aprendizagem e aquisição como intercambiáveis.

² Entende-se que o termo “tecnologia” abarca uma vasta gama de acepções, desde lápis, canetas, calculadoras, até dispositivos móveis. Neste trabalho, tal substantivo é empregado como sinônimo de Tecnologias Digitais Móveis e as TDM, por sua vez, são vistas, especificamente, no âmbito de dispositivos móveis – telefones celulares.

³ Tradução minha (por questões de economia, esse aspecto não será sinalizado nas próximas citações): “[...] offers a potential, but does not in itself guarantee that a given result will be obtained, not in a complex human activity like teaching (TUDOR, 2003:03).

mediada por dispositivos móveis. Embora sejam crescentes as pesquisas que contemplam os dispositivos móveis aliados à aprendizagem de línguas, essas ferramentas têm, ainda, muitas potencialidades a serem exploradas, pois entende-se que “os desafios das atividades de aprendizagem de língua estrangeira mediadas por telefone celular são teóricos e didáticos, não técnicos” e “a aprendizagem é mais significativa quando ocorre fora do ambiente formal da sala de aula, em ambientes autênticos” (ALDA 2013:87).

A partir disso e no que se refere à aprendizagem de língua inglesa, especificamente, surgiram alguns questionamentos, dos quais destacamos: como trabalhar, com um grupo, atividades mediadas por dispositivos móveis? Como podemos nós, enquanto pesquisadores⁴, inserir-nos nesse espaço e de que forma a tecnologia (dispositivos móveis) poderia ser inserida em um ambiente de sala de aula, levando-se em conta sua enfática proibição⁵? Como seria a aprendizagem dessa língua em ambientes não formais? Como se dá o uso da tecnologia nesses contextos? Ainda: sob quais maneiras os dispositivos móveis estão sendo mais utilizados?

Enquanto pesquisadores, então, passamos a fazer parte de grupos *online* no site *Facebook*, os quais eram formados principalmente por estudantes vinculados ao curso My English Online⁶, mas também por outras pessoas, todas elas interessadas na aprendizagem dessa língua. Em um dos grupos, havia um tópico específico, no qual um membro da comunidade sugeriu que fosse criado um outro grupo de aprendizagem no aplicativo *WhatsApp*⁷, com o objetivo de praticar a língua inglesa. Em poucos minutos, dezenas de pessoas mostraram-se interessadas e disponibilizaram o número

⁴ Explicitamos que dois são os momentos de nossa inscrição no lugar de pesquisador: enquanto aquele que se propõe a desenvolver um trabalho teórico-analítico, escrevendo sua dissertação (e que, no texto, usa a primeira pessoa do plural) e aquele que participa – também como pesquisador – no grupo do aplicativo *WhatsApp*, que vai ser objeto na descrição e das reflexões (sendo, que, para este, usar-se-á a terceira pessoa e será referido como pesquisador, atendendo à demanda do distanciamento necessário para as análises).

⁵ Lei nº 12.884 de 03 de janeiro de 2008, proíbe o uso de telefones celulares em estabelecimentos de ensino, durante o horário de aula, no Estado do Rio Grande do Sul.

⁶ My English Online – MEO, curso de inglês online do Programa Inglês sem Fronteiras. Uma iniciativa do Ministério da Educação (MEC) e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) destinado aos alunos de graduação e pós-graduação de instituições de ensino superior públicas e privadas brasileiras.

⁷ O *WhatsApp Messenger*, chamado durante o trabalho apenas da *WhatsApp*, é um aplicativo de mensagens multiplataforma que permite trocar mensagens instantâneas entre dispositivos móveis (celulares). O aplicativo é gratuito; exige conexão com a Internet e, a partir disso, permite envio de SMS e realização de chamadas gratuitas entre os apelidos. Também possibilita envio de imagens, vídeos e áudios. Pesquisa realizada pela Conecta, plataforma *web* do Ibope Inteligência, realizada em dez. 2015, disponível *online*, informa que o aplicativo mais utilizado pelos brasileiros é o *WhatsApp*, totalizando 93% de usuários entre os entrevistados, seguido pelo *Facebook*, 79% e *Youtube*, 69%.

de seus celulares para esse fim. Posteriormente, surgiram outros tópicos semelhantes, o que representou que a prática pode ser algo corrente. Também se procurou por outros espaços nos quais houvesse sujeitos interessados em fazer parte de grupos para aprendizagem, também no *WhatsApp*, dentre os quais, fóruns de discussão no site *Interpals*⁸. Em um curto espaço de tempo, incluímo-nos, como participantes e, especialmente, como pesquisadores em inúmeros grupos. Após um período de observação e de participação, um grupo, em especial, sobressaiu-se pela relação desenvolvida entre seus participantes quanto à interatividade. Assim, optou-se por estudar como ocorria a prática da língua inglesa naquele espaço específico. A nossa inclusão no grupo deu-se pelo contato com um de seus membros, a partir de informação do número de telefone em um fórum do site *Interpals*. Ao longo do tempo, observamos que houve não apenas um gesto de inclusão nesse grupo, mas de participação em suas atividades e de criação de vínculos entre todos os seus integrantes.

1.2 APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA DE PESQUISA

Em uma perspectiva complexa e percebendo um grupo em um Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) enquanto Sistema Adaptativo-Complexo (SAC)⁹, Vetromille-Castro (2007, 2011) apresentou o papel do professor como perturbador, o qual pode proporcionar condições favoráveis à interação e, portanto, à manutenção de um sistema, quando levados em conta conceitos como equilíbrio dinâmico/sistêmico e limite do caos. Entendemos que “também se constituem como favoráveis à interação planos de curso e de atividades que buscam o desenvolvimento de comportamentos colaborativos e autônomos por parte de professores e alunos” (DUARTE e VETROMILLE-CASTRO, 2011:138). Tendo em vista a inclusão da pesquisadora em um grupo de aprendizagem através de dispositivos móveis, emergiu, como problema de pesquisa, o questionamento de como um grupo de aprendizagem, via *WhatsApp*,

⁸ Criada em 1998, é uma rede social na qual os aprendizes de determinada língua alvo cadastram-se para fazer amizade, dialogar, compartilhar conteúdo, etc, com outros falantes, de todo o mundo, sejam eles nativos ou não. Iniciou como um meio para troca de correspondência entre os membros, porém, atualmente, conta com serviço de chat, envio de e-mail, mensagens de voz, entre outros. Possui mais de cinco mil membros, de centro e trinta e oito países.

⁹ Tais siglas, AVA para Ambiente Virtual de Aprendizagem e SAC para Sistema Adaptativo-Complexo serão assim significadas e usadas neste estudo.

constitui-se e mantém-se coeso sem planos de curso, sem plano de aula e sem a figura do professor como perturbador, bem como sobre quais elementos poderiam ser apontados como propiciadores da interação.

Percebemos, inicialmente, no grupo observado, algumas singularidades em relação ao trabalho referido anteriormente. Não há uma organização formal ou um programa de estudos, como era o caso da pesquisa de Vetromille-Castro (2007), um curso de extensão com atividades determinadas. Também não há a presença formal de um professor ou tutor; os membros organizam-se voluntariamente, motivados pelo desejo de aprender ou praticar o inglês. Podemos ressaltar que

[a] colaboração e a autonomia, importantes na sala de aula presencial, aparecem como essenciais para a interação em contexto digital, uma vez que oportunizam o reconhecimento do valor do outro, do seu par, do seu interlocutor, e de si mesmo na constituição da sala de aula e na construção do conhecimento” (DUARTE, VETROMILLE-CASTRO, 2011:138).

Com base nisso, compreendemos que a colaboração e a autonomia parecem se constituir como favoráveis para a emergência sistêmica de *affordances*¹⁰. Sob uma abordagem ecológica, tal emergência representa estar intimamente relacionada a práticas significativas de aprendizagem. Gibson (2015:132) considera que “[a] questão central para a teoria das *affordances* não é se elas existem ou são reais, mas se a informação está disponível em luz ambiente para percebê-las”¹¹. Barton e Lee (2013) falam que os espaços *online* podem compreender a forma pela qual os sujeitos fazem uso da tecnologia embasados em seus próprios objetivos. Assim,

[o] outro aspecto de uma abordagem ecológica é que o meio não está dado nem fixado. Em vez disso, as pessoas ao mesmo tempo criam e são criadas por ele. Dessa forma, *affordances* são socialmente construídas e modificadas ao ponto que as pessoas agem em seu meio. *Affordances* afetam o que pode ser feito facilmente e o que pode ser feito convencionalmente com um recurso. (BARTON E LEE, 2013:28)¹².

Nesse sentido, Van Lier (1996) pondera que há muitas formas de interagir e que algumas se mostram mais benéficas do que outras. Além disso, para o autor, o

¹⁰ Conforme Van Lier (2014), uma *affordance* é um uso/prática que acontece a partir das características que determinado contexto possibilita. Neste trabalho, utiliza-se o termo para referir-se às práticas de uso construídas pelos usuários a partir das características que o aplicativo *WhatsApp* apresenta.

¹¹ “[t]he central question for the theory of affordances is not whether they exist and are real but whether information is available in ambient light for perceiving them” (GIBSON, 2016:132).

¹² [...] another aspect of an ecological approach that the environment is not given and it is not fixed. Rather, people both create and are created by their environment. In this way, affordances are socially constructed and change as people act upon their environment. Affordances affect what can be done easily and what can be done conventionally with a resource (BARTON E LEE, 2013:28).

estudo das interações pode ser visto como o grande foco da pesquisa sobre o ensino/aprendizagem de línguas, e o conceito de interação deve estar claro, a fim de evitar que sejam levadas em conta interações superficiais e, até mesmo, o que considera como pseudo comunicação.

O *WhatsApp* possui certas características pré-determinadas, como a possibilidade de envio de textos, áudios, vídeos e imagens. Não há um limite de caracteres, como é o caso do *Twitter*, mas seu uso constitui-se de forma diferente de um *e-mail*, por exemplo, tendo em vista que sua função principal é servir como aplicativo, destinado ao envio e ao recebimento de mensagens instantâneas. Esperamos que as *affordances* possam ser visíveis tanto a partir do uso que os sujeitos já fazem das características e ferramentas disponibilizadas por esse programa, com referência no contato com a língua e seu engajamento ativo, quanto com base em usos outros, possíveis, que possam ser feitos dentro das características que ele encerra. Devido à figura do professor, dentro de uma visão tradicional, não estar presente no grupo, também questionamos se algum/alguns de seus membros poderia(m) exercer o papel de perturbador(es) para a interação e, ainda, quais os motivos que poderiam suscitar a cooperação entre os membros do grupo.

1. 3 OBJETIVOS DE PESQUISA

OBJETIVO GERAL

Verificar por que e como os sujeitos cooperam e interagem entre si em um grupo constituído em ambiente virtual e não formal (grupo de aprendizagem de inglês por *WhatsApp*), sem a presença de um professor/tutor e sem a existência de planos de curso ou atividades.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Analisar como se dão as interações dos e entre os sujeitos da pesquisa, no grupo;
- investigar a emergência sistêmica de *affordances* que auxiliem no processo de aprendizagem/prática da língua inglesa;

- investigar a existência de *affordances* que mantém o grupo coeso;
- observar se, como e por quem é desempenhado o papel de perturbador e qual sua influência dentro do grupo.

1.4 ORGANIZAÇÃO DA DISSERTAÇÃO

Este trabalho está dividido em cinco capítulos, os quais fazem um percurso do aporte teórico ao contexto e à análise dos dados. A motivação para o estudo, apresentação do problema de pesquisa e objetivos foram abordados previamente, na introdução, constituindo o primeiro capítulo.

O segundo capítulo contempla a revisão teórica. Primeiramente, abordamos a aprendizagem de inglês mediada por dispositivos móveis, fazendo uma breve contextualização sobre ambientes virtuais de aprendizagem (AVAs) e os usos que podem ser feitos dos dispositivos móveis nos dias de hoje, em especial, a partir das características que apresentam. Nessa seção, também são mencionados alguns estudos sobre o aplicativo *WhatsApp*, sua utilização voltada à aprendizagem de línguas e algumas de suas implicações, de suas características e de seus usos. Na sequência, discutimos sobre a aprendizagem de língua adicional baseada na autonomia, a partir de Van Lier (1996, 2002 e 2007), Dickinson (1994) e Sullivan e Conway (1989), a fim de perceber um aprendiz autônomo como sujeito responsável por seu processo de aprendizagem, relacionando-a com alguns aspectos da evolução humana com base em Tomasello (2008, 2009). Embora o autor não fale especificamente sobre aprendizagem de línguas, fazemos uma aproximação com seu trabalho, relacionando a aprendizagem de língua inglesa a aspectos como colaboração e altruísmo. Por fim, discutimos alguns pressupostos para uma abordagem ecológica com base em Kramsch (2002, 2008), Kramsch e Steffensen (2008), Tudor (2003) e Van Lier (1996, 2002, 2004, 2007, 2012), mencionando não só a importância do contexto, mas o como pode se dar a aprendizagem marcada por experiências multimodais e multissensoriais, por meio de *affordances*.

No terceiro capítulo, referimo-nos à metodologia adotada, etnografia para a Internet, com base em Hine (2000, 2005, 2008 e 2015), Amaral (2009), Fragoso, Recuero e Amaral (2015) e Poliavanov (2014). Tratamos sobre as possíveis relações entre uma pesquisa complexa e ecológica e uma metodologia etnográfica, a qual parece permitir um olhar mais amplo e contextualizado para a aprendizagem de língua inglesa de forma autônoma e colaborativa. Neste mesmo capítulo, também incursionamos por discussões sobre questões éticas para o desenvolvimento de uma

“pesquisa virtual”, sobre contexto da pesquisa e critérios para a análise dos dados, assim como sobre as etapas necessárias para o desenvolvimento da pesquisa.

No quarto capítulo, procederemos à análise dos dados, em dois momentos. Inicialmente, é utilizada a complexidade, a fim de percebermos algumas características de SAC como regras de baixo nível e condições iniciais, as quais possibilitam visualizar a constituição e emergência do grupo, levando-se em conta, também, o papel de alguns participantes como perturbadores da ordem no sistema. Na sequência, analisaremos o funcionamento do grupo com base em uma abordagem ecológica, foco do estudo, percebendo a emergência sistêmica de *affordances*, especialmente linguísticas, bem como a autonomia e a colaboração dentro do grupo.

Finalmente, no quinto capítulo, discutiremos algumas considerações, tais como a figura do professor como perturbador da ordem no sistema, o controle descentralizado, a emergência de *affordances*, bem como reflexões acerca dos motivos que mantêm o grupo estudado ativo e coeso.

2 REVISÃO TEÓRICA

Currículos tradicionais podem oferecer a comida linguística de forma pré-cozida ou, até mesmo, mastigada, na esperança de que o processo inteiro possa ocorrer, portanto, dentro da sala de aula, sob o olhar vigilante e controlador do supervisor obrigatório (o professor), mas a tecnologia não pode, nem mesmo aliada à burocracia, driblar a digestão. (VAN LIER, 1996:43)¹³

2.1 APRENDIZAGEM DE INGLÊS MEDIADA POR DISPOSITIVOS MÓVEIS

O uso de dispositivos móveis como conhecemos hoje é, de certa forma, um fenômeno recente. Guy (2009), em sua obra voltada para a evolução dos dispositivos móveis no contexto de ensino e aprendizagem, avalia que a era da informação na qual nos encontramos está modificando a cultura da educação. Para a autora, houve uma mudança de paradigma da educação a distância (*d-learning*), para educação eletrônica (*e-learning*) e, atualmente, para educação mediada por dispositivos móveis (*m-learning*).

Neste trabalho optamos por não discutir minuciosamente a transição entre os paradigmas elencados pela autora por compreender que Alda (2013) já apresentou o papel dos dispositivos móveis aliados à aprendizagem, percorrendo desde o MOOD/MUD até a aprendizagem mediada por dispositivos móveis. Assim, abordaremos brevemente alguns tópicos sobre Ambientes Virtuais de Aprendizagem e características e funcionalidades de dispositivos móveis por entender que ambos podem contribuir com a reflexão acerca da aprendizagem de inglês de forma autônoma e colaborativa, pelo aplicativo *WhatsApp*.

No que se refere à aprendizagem em ambientes virtuais de aprendizagem (AVAs), Mill *et al* (2013) e Mill e Fidalgo (2007) reiteram a necessidade de se pensar sobre o conceito desses ambientes em relação às noções de redimensionamento da temporalidade e espacialidade da educação. Souza (2011:93), por sua vez, pontua que “[...] são domínios de produção e processamento textual que abarcam gêneros digitais” e ressalta que “[a] criação e uso de AVAs têm crescido para auxílio em cursos presenciais e a distância, bem como para criação e gerenciamento de comunidades virtuais” (SOUZA, 2011:94). A autora defende a hipótese de que AVAs poderiam ser

¹³ Traditional syllabuses may offer the linguistic food in pre-cooked or even pre-chewed manner, in the hope that the entire process can thus occur inside the classroom, under the watchful controlling eye of the mandated supervisor (the teacher), but technology cannot, not even in league with bureaucracy, circumvent digestion (VAN LIER, 1996:43).

vistos sob o paradigma da complexidade, sendo constituídos a partir de gêneros digitais, os quais também se enquadrariam na percepção de sistemas adaptativos complexos - SACs, ressaltando que “[...] os gêneros digitais e os AVAs pressupõem investigações com resultados provisórios, já que tanto o *design* como a utilização de linguagem desse e nesse meio passam por mudanças contínuas” (SOUZA, 2011: 111). Também se faz necessário citar a pesquisa de Vetromille-Castro (2007, 2008), na qual ele buscou “examinar aspectos que levam um grupo em ambiente virtual de aprendizagem a permanecer coeso até o final de um curso” (VETROMILLE-CASTRO, 2007:14-15), assim como “investigar uma possibilidade pedagógica no referido meio, com base pressuposto de que a interação social [...] se estabelece e persiste quando os aprendizes constituem um sistema complexo, que por sua vez é originado e sustentado pelo benefício recíproco” (VETROMILLE-CASTRO, 2007:15).

Especificamente sobre dispositivos móveis, Chinnery (2006) pondera o papel dos telefones celulares no contexto da aprendizagem mediada por dispositivos móveis como ferramentas instrucionais, o que vai ao encontro do proposto por Miangah e Nezarath (2012) que também os consideram, a exemplo de lápis e de calculadoras, equipamentos básicos no processo de aprendizagem do estudante. Ademais, ressaltam, como fator importante, a comunicação entre os aprendizes, pois a aprendizagem de uma língua alvo requer, *a priori*, interação. Importante frisar que a aprendizagem de uma segunda língua, de acordo com os autores, nem sempre ocorre em ambientes formais. Os aprendizes podem ter a oportunidade de aprender uma língua usando dispositivos móveis quando desejam e onde quer que estejam, a partir de engajamento ativo e oportunidades de ações e interações significativas.

Klopfer (2002), por sua vez, elenca cinco propriedades fundamentais aos dispositivos móveis, que são: a portabilidade, a interatividade social, a sensibilidade contextual, a conectividade e a individualidade. A portabilidade refere-se à possibilidade de eles serem utilizados em diferentes lugares e espaços, principalmente, devido ao seu formato portátil; a interatividade social significa que um aparelho propicia interações e trocas entre usuários e serviços; a sensibilidade contextual implica no fato de os dados dos dispositivos móveis poderem ser compilados e respondidos a partir de um único lugar e de um único tempo; a conectividade está relacionada à possibilidade desses dispositivos conectarem-se a outros, compartilharem informações e construir redes; por fim, a individualidade, que se refere ao fato de que todas as atividades podem ser customizadas para os aprendizes, individualmente.

Diante do exposto, pensar sobre novas configurações de espaço/aprendizagem faz-se fundamental, especialmente quando aliadas às funcionalidades e possibilidades de uso que os dispositivos móveis apresentam. Assim, na sequência, discutimos sobre o aplicativo *WhatsApp*, destacando algumas diferenças do programa em relação a outros semelhantes, procurando assinalar aspectos que possam contribuir para novas práticas de aprendizagem por meio dele, com atenção especial para sua multimodalidade fluida.

3.2.1 What's up with WhatsApp?¹⁴

Ao optar por estudar a aprendizagem de inglês como Língua Adicional e definir o aplicativo *WhatsApp* como ferramenta para execução da pesquisa, buscamos trabalhos acadêmicos, principalmente da área de Linguística Aplicada, que estivessem tratando do emprego desse aplicativo. Infelizmente, não foram encontradas muitas publicações. Sobre a relação entre utilização do aplicativo e aprendizagem de línguas, sobressaíram-se os textos de Plana *et al* (2013) e Da Fonte e Caiado (2014); no que se refere às implicações e ao uso do aplicativo, podemos destacar os estudos de Church e Oliveira (2013), Alsaleem (2014) e O'Hara *et al* (2014).

Church e Oliveira (2013) comparam aplicativos para envio de mensagens instantâneas com o tradicional método de *Short Message Service*, SMS. De acordo com eles, há a possibilidade de o SMS perder seu espaço devido à grande difusão do aplicativo para envio de mensagens instantâneas. Após pesquisa realizada com usuários de ambos os serviços, os autores constataram que, embora nenhuma tecnologia deva ser vista como substituta uma da outra, principalmente devido aos seus propósitos para utilização, consideram alguns fatores – custo, influência social, natureza e propósito – como aspectos que influenciam no uso do *WhatsApp*:

[e]nquanto o custo impacta significativamente na frequência de uso das pessoas, a influência social é uma das razões principais para as atuais

¹⁴ Empréstimo do título de CHURCH, K.; DE OLIVEIRA, R. What's up with whatsapp?: comparing mobile instant messaging behaviors with traditional SMS. In: **Proceedings of the 15th international conference on Human-computer interaction with mobile devices and services**. ACM, 2013. p. 352-361. A expressão "What's up?" é bastante utilizada no inglês informal e significa "o que há de novo?" ou "o que está acontecendo?". O nome do aplicativo *WhatsApp* faz uma analogia com essa expressão e ambas, no título da seção, compõem um trocadilho, sobre "o que há" com o *WhatsApp*, suscitando, assim, sentidos.

migrações para aplicativos de mensagens instantâneas. A natureza e objetivo das mensagens do *WhatsApp* tendem a ser mais sociais, informais e conversacionais ao natural, enquanto SMS é visto como se preservasse mais a privacidade, mais formal e geralmente mais confiável (CHURCH E OLIVEIRA, 2013:361)¹⁵.

Alsalem (2014) também percebe o fator econômico como aspecto importante para situar o *WhatsApp* como meio de comunicação em massa e aborda que, quando comparado a canais mais prevaletentes historicamente, como SMS, é inquestionável o domínio do aplicativo. É preciso ressaltar, ainda, que “já existe um vasto corpo de pesquisa que busca entender como e por que as pessoas, especialmente os adolescentes, têm adotado a comunicação via SMS em seu cotidiano”¹⁶ (CHURCH e OLIVEIRA, 2013:352). Contudo, parecem existir poucos estudos sobre o uso de *WhatsApp* e sua possível aproximação a práticas de aprendizagem. Church e Oliveira (2013:353) reafirmam tal constatação:

[...] nosso atual entendimento de aplicativos de *Instant Messenger* é muito limitado. Ao que nos consta, o trabalho apresentado nessa pesquisa é o primeiro a explorar como e por que as pessoas têm adotado e se apropriado de aplicativos MIM, especificamente o *WhatsApp*, e como as práticas de comunicação diferem entre *WhatsApp* e o tradicional SMS¹⁷.

Outra percepção acerca do uso do aplicativo reside nos estudos de O’Hara *et al* (2014), nos quais é analisado o conceito de *dwelling*¹⁸, assim como a construção do sentimento de pertencimento, presença e aproximação àqueles que são ligados ao sujeito através desse serviço. Para eles, a própria configuração de *status* disposta no aplicativo pode representar a presença, isto é, sinalizar se o interlocutor está *online* e, portanto, disponível e, também, quando ele esteve presente e/ou visualizou por último; quando ele recebe a mensagem e faz a leitura no mesmo momento, a qual o emissor pode acompanhar por meio de notificação (o que difere de um SMS, pois ele não

¹⁵ [w]hile cost significantly impacts people’s frequency of usage, social influence is one of the main reasons for today’s migration to such MIM applications. The nature and intent of WhatsApp messages tend to be more social, informal and conversational in nature, while SMS is seen as more privacy preserving, more formal and generally more reliable (CHURCH E OLIVEIRA, 2013:361).

¹⁶ “[...] there is already a vast body of research aimed at understanding how and why people, in particular teenagers, have adopted SMS communication in their daily lives” (CHURCH e OLIVEIRA, 2013:352).

¹⁷ “[...]our current understanding of MIM applications is very limited. To the best of our knowledge, the work presented in this paper is the first to explore how and why people have adopted and appropriated MIM applications, specifically WhatsApp and how messaging practices differ between WhatsApp and traditional SMS (CHURCH E OLIVEIRA, 2013:353).

¹⁸ Os autores utilizam o conceito de *dwelling* com base em Ingold (2011) *apud* O’Hara *et al* (2014), o qual consiste no engajamento humano com seu meio, levando em conta a ideia de pertencimento, a interação social como um fenômeno situado e assuntos humanos como formas incorporadas.

oferece possibilidade de confirmação de efetiva leitura, apenas recebimento). Nesse viés, a chave para um sentimento de fazer parte ou de estar junto/conectado a alguém não significa compartilhar um mesmo espaço físico, mas sim estar em um/fazer parte de um domínio compartilhado, o qual é, ao mesmo tempo, real e virtual. Também elencam que há significados subjacentes através dos mecanismos presentes no aplicativo, como a configuração “visto por último”¹⁹, por exemplo, que não indica apenas o melhor momento para contatar alguém ou quando ele leu a última mensagem, mas suscita outras interpretações através do que se conhece do sujeito, tanto no caso de uma mãe que verifica a última vez que o filho esteve *online* (o que pode indicar, na relação construída, que ele está seguro em casa) quanto a quebra de um contrato de confiança em uma relação existente, ao ponto que o destinatário recebeu a mensagem, visualizou e não respondeu, caracterizando um descaso com o outro sujeito. É válido ressaltar, conforme os autores, que essa quebra de confiança não se dá da mesma forma nas diferentes relações. Caso exista uma relação de proximidade entre os interlocutores, é possível que os motivos pelos quais determinada mensagem foi visualizada e não respondida possam ser compreendidos, ao passo que, em relações menos próximas, tal comportamento pode ser visto como descaso, por exemplo. Assim, “isso ajuda a prestar atenção não apenas em práticas com o *WhatsApp*, mas às formas de comprometimento, confiança e conhecimento manifestados através das possibilidades presentes nessa forma de comunicação” (O’HARA *et al*, 2013:1142)²⁰.

A pesquisa de Plana (2013), por sua vez, foi baseada nos princípios de conteúdo, atividade e usabilidade do programa e foi aplicada a estudantes espanhóis, aprendizes de inglês como língua estrangeira, alunos universitários, que tinham como objetivo melhorar suas habilidades de leitura da língua inglesa para propósitos acadêmicos. Foram aplicadas atividades mediadas e orientadas pelos professores, através do aplicativo *WhatsApp*, e os questionários e exercícios foram desenvolvidos e compartilhados através do *site surveymonkey.com*. Os autores perceberam um aumento na motivação e na satisfação dos alunos, assim como constataram uma

¹⁹ O aplicativo *WhatsApp* possui uma funcionalidade chamada visto por último, o que aparece abaixo do *status* e indica a última vez que determinado contato visualizou as notificações recebidas no aplicativo. Além disso, também há uma funcionalidade que indica que as mensagens recebidas foram lidas, a menos que o usuário desative tal notificação.

²⁰ “[t]his helps draw our attention not just to practices with *WhatsApp* but to the forms of commitment, faithfulness and knowledge manifest through the possibilities presented in this form of communication” (O’HARA *et al*, 2014:1142).

melhora em sua habilidade de leitura. Sobre alguns estudos que buscam inserir o uso dos dispositivos móveis em práticas didáticas, pontuam que “é necessário ter cautela para não transformá-lo apenas em um substituto das ferramentas tradicionais” (ALDA, 2013:87).

Barton e Lee (2013), ao discutir sobre a questão do que é realmente novo no âmbito das tecnologias de informação e comunicação, ressaltam que “novas tecnologias” como mensagens instantâneas e *e-mail*, por exemplo, não são mais novas se comparadas com a Web 2.0, caso do *site Facebook*. Sobre ele, os autores destacam que a rede social também não é algo novo, visto que já está amplamente difundida junto à população, sendo disponível no Brasil desde 2008. Acredita-se que são relevantes as pesquisas que levam em conta tecnologias e, por conseguinte, dispositivos móveis, não percebendo seu uso como uma novidade por si só, mas como instrumentos que elencam novas práticas de uso ou aprendizagem que emergem com o auxílio de tal dispositivo.

Nesse contexto, também se menciona o papel da Internet, uma vez que a conectividade e a interatividade entre os dispositivos móveis está intimamente relacionada a ela. Fragoso, Recuero e Amaral (2015) questionam se os estudos acerca dessa rede poderiam ser vistos como uma disciplina ou como um campo de estudo, percebendo, ainda, a necessidade de estudá-la como fenômeno interdisciplinar. Hine (2015) pensa a dinamicidade da internet nos dias atuais, diferentemente do cenário existente em Hine (2000), pois, para ela, o surgimento das mídias sociais teve impacto tanto para a amplitude da participação quanto com a forma como nos relacionamos com ela hoje.

Por fim, devido à existência de poucos estudos específicos sobre o aplicativo *WhatsApp*, entende-se que ele poderia se aproximar, também, dos escritos já publicados sobre *Instant Messaging* (IM). IM significa *Internet-based synchronous text chat*, e consiste em uma janela, na qual são dispostos os diálogos das mensagens, encaminhados instantaneamente e, muitas vezes, com indicativos de quando a mensagem foi encaminhada, recebida e/ou lida. Possui bastante popularidade, estando presente no dia-a-dia da maioria das pessoas. Compõe-se, principalmente, por textos escritos, sendo que “tal uso cotidiano e troca de mensagens de texto nutrem o desenvolvimento de IM como prática social associada a uma série de valores que influenciam as pessoas a utilizar os textos de maneiras específicas” (BARTON, LEE,

2013:40)²¹. Além disso, o IM não é percebido tipicamente como sendo Web 2.0, embora compartilhe muitas de suas características. É interativo, rico no gerenciamento de textos, suporta mensagens multimodais e proporciona novas formas de criatividade e aprendizagem (BARTON, LEE, 2013).

A multimodalidade está presente na linguagem *online* à medida que, para compreendê-la, faz-se necessário que sejam levados em conta os diferentes “modos” como se relacionam e com os quais possibilitam que sejam construídos textos significativos *online*. Abarcam língua falada, escrita, imagem, sons, gestos, entre outros. Tais práticas não são algo novo e foram bastante importantes na compreensão de textos escritos ao longo da história. Em grande parte dos espaços, inclusive em *websites*, a multimodalidade dá-se de forma estática, pois os textos são criados, na maioria das vezes, por um único autor – que também poderá ser o moderador; até mesmo os comentários feitos pelos leitores, por exemplo, obedecem a critérios previamente por ele delimitados. Na web 2.0, há uma modalidade mais dinâmica, pois o conceito de autoria passa a ter mais de um autor, os quais colaboram entre si e podem editar as informações simultaneamente. Todavia, dependendo do espaço, ainda há certa limitação (BARTON, LEE, 2013).

Como exemplo de web 2.0, cita-se, novamente, o *site Facebook*, no qual as informações podem ser compartilhadas, publicadas ou editadas. No mural, que seria a ferramenta principal do *site*, existe limitação por ser baseada, grande parte, em texto escrito; até o momento, não há a possibilidade de se fazer uma publicação diretamente através de áudio, embora seja possível compartilhar imagens, músicas ou vídeos que tenham sido carregados previamente. Nesse contexto, o *WhatsApp* possui uma multimodalidade muito fluida: os usuários podem enviar mensagens instantâneas diretamente escritas, ou através de áudio, ou de imagens ou também de vídeos; podem encaminhar músicas, vídeos ou *links* para acessá-los. Nesse aplicativo, igualmente são fundamentais, para a plena compreensão do significado do texto, os *emojis*²² utilizados, pois eles podem indicar contentamento, ironia, concordância, irritação, diversão, medo, entre outros. Da Fonte e Caiado (2014) discutiram sobre a multimodalidade presente

²¹ “[s]uch everyday use and exchange of text messages foster the development of IM as social practice associated with sets of values that influence people to use texts in specific ways” (BARTON, LEE, 2013:40).

²² O *emoji* é uma palavra de origem japonesa, composta pela junção de “e” (imagem) e “moji” (letra), sendo considerado um pictograma ou ideograma, ou seja, uma imagem que transmitem a ideia de uma palavra ou frase completa. Atualmente, devido à difusão desses pictogramas já foi criado um dicionário, *online*, de seus significados, o qual é chamado de Emojipedia (<http://emojipedia.org/>)

nesse aplicativo através de uma análise verbo-visual de discursos multimodais, refletindo sobre imagens, vídeos e *emojis* compartilhados. Ao fazê-lo, constataram que nele há uma independência absoluta da imagem em relação ao texto, assim como se possibilita o favorecimento de práticas multimodais a partir do conhecimento das suas características e da relação entre os sujeitos da pesquisa.

Diante do exposto, questiona-se quais *affordances* que o *WhatsApp* pode possibilitar para os sujeitos da pesquisa. Sobre o processo individual de *affordances*, Barton e Lee (2013) afirmam que tais indivíduos, mesmo que compartilhem de um *background* similar, o qual pode ser esse tanto o país de origem, quanto a língua materna, ou a cultura, possivelmente têm *affordances* diferentes, haja vista que o uso dos recursos é individual, subjetivo e marcado pelos próprios propósitos.

Kress (2004), partindo do caráter multimodal da linguagem, reflete sobre os modos e suas *affordances* e, de acordo com o autor, elas constituiriam a própria materialidade dos modos. Conforme o pesquisador, uma abordagem semiótica e social da modalidade deve estar preocupada em verificar e descrever os potenciais e as limitações intrínsecas a cada modo, sendo essencial levar em conta sua materialidade. Assim, “o discurso usa o material do som (humano); a escrita usa o material da substância gráfica. Há coisas que você pode fazer com o som que você não consegue com a substância gráfica, tanto facilmente quanto de forma alguma [...] (KRESS, 2004 - *online*).

Entende-se, por fim, que “o que há com o *WhatsApp*” são inúmeras possibilidades de uso/multimodalidade, o que poderá suscitar a emergência sistêmica de *affordances*. Além disso, esse aplicativo parece não somente instrumentalizar o pesquisador com ferramentas para investigar e analisar processo de cooperação em um ambiente autônomo de aprendizagem, *online*, como também auxiliar no entendimento dos motivos que mantêm o grupo estudado ativo e coeso.

2.2 APRENDIZAGEM DE LÍNGUA ADICIONAL BASEADA NA AUTONOMIA

Neste estudo, o conceito de Língua Adicional constitui-se como um pressuposto; assim, não será feita uma discussão detalhada sobre o tema. Entende-se que o termo “estrangeira” pode acarretar conotações indesejadas ao aprendiz, casos, por exemplo, em que a língua alvo seja falada em seu país de origem, ou ele tenha contato mais

próximo a ela, em que a língua adquirida não seja superior ou inferior à língua nativa do aprendiz (JUDD, TANN, WALBERG, 2003). Outrossim, estamos imersos em “um tempo de ‘aldeia global’ e ‘World Wide Web’ no qual a comunicação entre as pessoas tem se expandido para além das comunidades de fala locais” (ELLIS, 1997:03) e, com a democratização do acesso à Internet, a computadores e a dispositivos móveis, cada vez mais são rompidas as barreiras entre comunidades de fala locais. Assim, nesta seção, para melhor compreendermos a aprendizagem de inglês como Língua Adicional de forma autônoma e colaborativa, primeiramente consideramos fundamental explicitar o conceito de aprendizagem utilizado, com base em um aporte ecológico. Na sequência apresentamos o conceito de autonomia adotado e, por fim, discutimos sobre a colaboração, por entender que este é um aspecto importante em um grupo de aprendizagem de inglês por *WhatsApp*, constituído de forma autônoma.

No que se refere ao conceito de aprendizagem que aqui será abordado, Van Lier (2002) ressalta que o sucesso da linguagem, entre outros processos comunicativos, está imbricado à relação entre os sistemas simbólicos e icônicos, ativados através da indexação. Assim, de acordo com ele, interações como histórias, piadas e conversas/diálogos são uma fonte rica para indexação e, portanto, para a construção da relação entre os sistemas simbólicos e icônicos. Ter acesso e fazer parte desses eventos discursivos são fundamentais para a pessoa em processo de aprendizagem. Segundo o autor, a chave mais importante para se tornar um membro de uma comunidade é a indexação, a qual possibilita diversas atividades semióticas como apontar, referir e/ou participar, sendo que

[i]sso permite a criação e utilização de *affordances* e signos relevantes, mas o mais importante é o ambiente de trabalho ou área de trabalho em que o aprendiz pode negociar o livre fluxo entre signos e a construção de opiniões para a vida. Sem a chave dêitica, o sujeito aprendiz permanece alheio ao processo, mas com aquela chave o convite à cultura da aprendizagem é possível e o aprendiz pode ser tornar um “signatário” daquela cultura (VAN LIER, 2002:154)²³.

Com base nessas considerações, Van Lier (2007) também elenca três processos que fazem parte da aprendizagem de determinada língua, que são: indução,

²³ [i]t allows for the creation and use of relevant affordances and signs, but more importantly it is the workbench or desktop on which the learner may negotiate the free flow among signs and the construction of opinions for life. Without the deictic key, the learning person remains an outsider, but with that key the invitational culture of learning is possible, and the learner may become a “signatory” to that culture (VAN LIER, 2002:154).

dedução e abdução. O autor faz uma opção pelo terceiro deles ao elencar que o aprendiz participa da linguagem através do uso de sua experiência, constrói uma interpretação dos aspectos dessa linguagem, assimilando as situações e tentativas de uso para a utilizar como referência em situações comunicativas futuras, conforme represente lhe ser apropriado. Dessa forma, o processo de aprendizagem é emergente, experimental, aberto a mudanças ou confirmação/rejeição e depende das experiências prévias. Van Lier (1996:43) também pontua que “a aquisição da linguagem é o resultado cumulativo de esforço sustentado e engajamento ao longo do tempo, com a continuidade sendo central”²⁴.

Ressalta-se que “[...] se nós desejamos ser consistentes e honestos, precisamos afirmar que nossos aprendizes são pessoas com suas próprias vidas, aspirações, necessidades, medos sonhos e necessidades” (VAN LIER, 2007: 47)²⁵ e, sendo assim, fala-se da figura do aprendiz como um sujeito²⁶ ativo e não um mero receptor de *input* ou memorizador de fatos. A partir disso, a questão central sobre identidade e voz, segundo o autor, deve ser associada ao conceito de agência, o qual é correlato ao de autonomia.

No que se refere à autonomia, Dickinson (1994) responde aos questionamentos de como, por que e quando se dá tal processo. Primeiramente, situa o que não pode ser visto como autonomia, citando exemplos dos alunos em ambiente formal de sala de aula, no qual são livres para comparecer ou não às aulas, mas, no momento em que comparecem, devem cumprir com obrigações estipuladas pelo professor. O não cumprimento não poderia ser visto como um exemplo de autonomia, mas sim como uma descortesia ao docente e, por extensão, aos colegas. Também elucida a configuração física que subjaz à essa ideia: o aprendiz, como sujeito autônomo, pode trabalhar sozinho²⁷, mas essa não é uma condição intrínseca, pois “autonomia é primeiramente uma questão de atitude perante a aprendizagem em vez uma configuração física de aprendizagem” (DICKINSON, 1994:03)²⁸. Nesse contexto, “[u]m aprendiz autônomo é aquele que assume a responsabilidade pela sua própria

²⁴ [...] language learning is the cumulative result of sustained effort and engagement over time, with continuity being central” (VAN LIER, 1996:43).

²⁵ [...] if we wish to be consistent and honest we need to affirm that our learners are people with their own lives, aspirations, needs, worries, dreams and identities (VAN LIER, 2007: 47).

²⁶ Há a ciência das acepções acerca do termo sujeito, inclusive de acordo com Gramsci (1984) e Sonntag (2003); todavia, essa discussão não será desenvolvida neste estudo.

²⁷ O termo utilizado pela autora é *isolation*.

²⁸ [...] autonomy is primarily a matter of attitude to learning rather than the physical setting of learning (DICKINSON, 1994: 03).

aprendizagem” (DICKINSON, 1994:04)²⁹, o que está intimamente relacionado à capacidade de ter agência diante da tomada de decisões no processo. Assinala, ainda, que “autonomia por si só não garante o sucesso na aprendizagem, aprendizes autônomos podem tomar decisões erradas, bem como colocar uma grande quantidade de energia fazendo coisas inúteis” (DICKINSON, 1994:05)³⁰.

Van Lier (1996) vai ao encontro do proposto por Dickinson (1994) ao entender que o aprendiz autônomo deve ser capaz de tomar certas decisões, bastante significativas para o contexto de sua aprendizagem, pois ele é quem define o que, como e quando aprender. Assim, o próprio sujeito passa a ser responsável tanto pela presença quanto pela falta de sucesso da aprendizagem, desde que estejam ao seu alcance oportunidades adequadas. O que significa, de acordo com Van Lier (1996, 2004) e Sullivan e Conway (1989), que escolha e responsabilidade são características centrais para a autonomia, pois

[a]utonomia em uma abordagem ecológica não significa independência ou individualismo, todavia, significa ter autoria sobre as ações de alguém, tendo a voz que fala as palavras de alguém, estando emocionalmente conectado às ações e discursos de alguém (DAMASIO, 2003), dentro de uma comunidade de prática (WENGER, 1998) (VAN LIER, 2004:08)³¹.

Além da autonomia, consideramos, neste trabalho, que, em ambientes autônomos e não formais de aprendizagem, a cooperação assume papel fundamental, principalmente, por dois motivos: primeiro, o interesse mútuo em aprender e em cooperar com os demais membros pode ser visto como fator que os faz procurar serem parte de grupos; depois, como não há a definição de conteúdos, planos e/ou tarefas pré-estabelecidas, é através da cooperação que os membros podem compartilhar os conhecimentos que já possuem da língua, assim como construir práticas significativas de aprendizagem com base no auxílio dos demais sujeitos. Embora a cooperação seja um fator desejável e que possivelmente esteja presente em ambiente formais de aprendizagem, nos não formais e, complementarmente, virtuais, ela é fator necessário

²⁹ [a]n autonomous learner is one who has undertaken the responsibility for his own learning (DICKINSON, 1994: 04).

³⁰ “[...] autonomy of itself do not guarantee success in learning, autonomous learner may take the wrong decisions, and may put a lot of energy into doing rather useless things” (DICKINSON, 1994:05).

³¹ [a]utonomy in na ecological approach does not mean independence or individualismo, however. It means having authorship of one’s actions, having the voice that speaks one’s words, and being emotionally connected to one’s actios and speech (Damasio, 2003), within one’s community of practice (Wenger, 1998) (VAN LIER, 2004:08).

para que haja coesão entre um grupo. Diante do exposto, é falado, a seguir, sobre a cooperação com base em Tomasello (2008, 2009).

2.2.1 Cooperação

Para Tomasello (2008), os seres humanos cooperam numa vasta gama de atividades, como pesca, construção civil, música, governo, etc. Diferencia-se a cooperação dos seres humanos da que ocorre com outros animais e, inclusive, com os demais primatas, uma vez que o homem vive em uma cultura permeada pela expectativa de que seus membros participem de atividades coletivas, com metas compartilhadas e divisão de trabalho e, a partir da colaboração de todos, os benefícios/resultados poderiam ser divididos entre os colaboradores, desde que considerados merecedores (TOMASELLO, 2008). Além disso, “nossa proposta é que a comunicação cooperativa humana foi inicialmente adaptativa porque ela surgiu no contexto de atividades colaborativas nas quais os indivíduos ajudando aos demais estavam, ao mesmo tempo, ajudando a si mesmos (TOMASELLO, 2008:170)³², o que significa que a cooperação ocorre principalmente pelo mutualismo, no qual todos os sujeitos beneficiam-se de determinada situação, desde que trabalhem juntos, o que pode ser chamado, portanto, de colaboração (TOMASELLO, 2009). O autor defende a “cooperação efetiva” como colaboração. Há uma diferença, portanto, entre os termos.

Questionando-se por que os seres humanos cooperam entre si, pode-se ressaltar que, para ir além da cooperação comunicativa em contextos de mutualismo, deve-se levar em conta a reciprocidade (TOMASELLO, 2009). No entanto, nem sempre a reciprocidade está explícita, pois, muitas vezes, as interações/cooperações podem ter outras motivações, a saber, por exemplo, o fato de que os indivíduos preocupam-se não com o gesto em si mesmo, mas com o que dele advém: a reputação que possuem junto ao grupo, considerando-se que “[...] ter uma reputação de bom ajudante e cooperativo contribui de forma importante para o sucesso social” (TOMASELLO, 2009:171)³³.

³² [o]ur proposal is that human cooperative communication was adaptive initially because it arose in the context of mutualistic collaborative activities in which individuals helping others were simultaneously helping themselves (TOMASELLO, 2008:170).

³³ [...] since having a reputation as good helper and cooperator contributes in important ways to social success” (TOMASELLO, 2008:171).

Nesse sentido, a preocupação do homem com sua identidade junto ao grupo reforça a importância da aceitação social e, portanto, de sua inclusão em uma comunidade. Compartilhar aspectos em comum é um fator fundamental para a constituição e o sentimento de pertencimento de membros em um grupo; assim, falar a língua inglesa em um grupo de aprendizagem pode ser visto como fator capaz de unir ou distanciar os sujeitos, pois

[...] qualquer um que não fale nossa língua não é um de nós, assim como qualquer um que não se vista como nós, ou coma como nós, ou pinte seu rosto como nós, ou adore como nós, ou quaisquer outros tipos de coisas. A um grau sem precedentes, grupos humanos demarcam a si mesmos para ter certeza da sua participação no grupo, tendo, até mesmo, saudações específicas do grupo – um tipo único de ato discursivo – que serve, em parte, para solidificar a inclusão/participação no grupo (TOMASELLO, 2008:194-195)³⁴.

A partir disso, em um grupo de aprendizagem de inglês por *WhatsApp*, observam-se atividades colaborativas compartilhadas. Nessas atividades, a cooperação, primeiramente, está imbricada ao fato de que os colaboradores devem, em primeiro lugar, ser mutuamente sensíveis aos estados intencionais dos demais sujeitos (TOMASELLO, 2008). Além desse pressuposto, há duas características principais das atividades colaborativas compartilhadas: “(1) os participantes possuem um objetivo comum no sentido de que nós (em conhecimento mútuo) fazemos X juntos; e (2) os participantes coordenam seus papéis, seus planos e subplanos de ação, incluindo ajudar ao outro [...]” (TOMASELLO, 2008:61)³⁵.

Outro aspecto que representa ser fundamental é a constatação de que os seres humanos ensinam uns aos outros, pois uma das características que diferencia a espécie humana das demais é o engajamento ativo percebido ao ensinar ao outro (TOMASELLO, 2009). Tal ato estaria relacionado à noção de altruísmo, na qual os humanos ‘doam’ uns aos outros informações que possuem, sendo que tal comportamento não foi encontrado em qualquer outra espécie.

³⁴ [...] anyone who does not speak our language is not one of us, but also anyone who does not dress like us, or eat like us, or paint his face like us, or worship like us, or all kind of other things. To an unprecedented degree, human groups mark themselves to make sure of a membership, even having group-specific greetings - a unique kind of speech act - that serves, in part, to solidify group membership (TOMASELLO, 2008:194-195).

³⁵ [...] (1) the participants have a joint goal in the sense that we (in mutual knowledge) do X together; and (2) the participantes coordinate their roles – their plans and subplans of action, including helping the other [...] (TOMASELLO, 2008:61).

Tomasello (2009) problematiza a questão do altruísmo concernente à espécie humana, verificando a teoria proposta por Rousseau (2007), do “bom selvagem”. Evidências de suas pesquisas apontam que crianças pequenas, tão logo aprendam a andar e falar, já auxiliam os outros, demonstrando comportamento altruísta de forma espontânea, sem a influência de adultos. Conforme crescem, continuam auxiliando os demais, porém já sendo marcadas por juízos de valores e preocupação de como serão julgados pelos outros membros comunidade, assim como pela reciprocidade. Embora o altruísmo e a cooperação sejam aspectos positivos e possam ser vistos como desprendimento ou abnegação, conforme o autor, possuem uma motivação subjacente, que é a sobrevivência e o bem-estar. Os humanos vivem em comunidade e, sendo assim, cooperar com seus semelhantes e ter atitudes que recebem um julgamento positivo por essa comunidade podem auxiliá-los em seu processo de sobrevivência. O altruísmo estaria relacionado principalmente a três aspectos: ajudar aos outros; informar, disponibilizando informações necessárias e compartilhar.

Constrói-se um possível diálogo entre Van Lier (1996) e Tomasello (2009), especialmente ao aproximar-se a cooperação e o altruísmo humano à aprendizagem de línguas. Van Lier (1996) ressalta que não cabe ao professor “forçar” a aprendizagem do aluno, o qual poderia, no máximo, encorajar e guiar o estudante a aprender. O desejo de aprender deve vir do aluno, tanto devido a uma propensão humana por buscar aprender ou, ainda, pelo interesse no material didático.

2.3 PRESSUPOSTOS PARA UMA ABORDAGEM ECOLÓGICA

Kramsch e Steffenson (2008) situam a ecologia em uma abordagem holística, que implica a questão de não ser estudada de forma isolada, mas em seu meio natural, ou seja, “em relação aos fatores pessoais, situacionais, culturais e sociais que coletivamente moldam a produção e evolução da linguagem, tanto ontogeneticamente quanto filogeneticamente (KRAMSCH E STEFFENSON, 2008:18)³⁶. Van Lier (2004:21), por sua vez, situa ecologia como “o estudo das relações entre todos os

³⁶ “[...] in relation to the personal, situational, cultural and societal factors that collectively shape the production and evolution of language, ontogenically as well as phylogenetically” (KRAMSCH e STEFFENSON, 2008:18).

diversos organismos e seu meio físico”³⁷. Nesse viés, o contexto possui papel fundamental, não podendo ser visto apenas como plano de fundo, mas devendo ocupar o foco do estudo. Refere ainda que tanto o professor de língua quanto o aprendiz devem observar “a entidade viva e aprender a entender criticamente o que um faz ao outro, por quem e para quem, na multiplicidade de ecossistemas semióticos nos quais a linguagem opera, ou melhor, coopera com outros processos” (VAN LIER, 2002:145)³⁸.

Nesse sentido, a ecologia é uma forma situada de pesquisa e ela não é uma teoria ou método, mas sim uma forma de pensar e agir. Além disso, é muito importante que os fenômenos estudados sejam percebidos de maneira holística e com especial atenção aos detalhes (VAN LIER, 2004). Uma “[...] perspectiva ecológica entende que a linguagem não pode ser reduzida à gramática ou apenas ao significado, assim como ela não pode ser posta ‘de quarentena’ ou separada da totalidade de formas de comunicar e de dar sentido ao mundo que usamos”³⁹ (VAN LIER, 2004:24). Assim, “[a] linguística ecológica (LE) é o estudo das relações entre o uso da linguagem e o mundo no qual da linguagem é utilizada” (VAN LIER, 2004:44)⁴⁰. Isto posto, um olhar ecológico é muito importante ao observarmos a aprendizagem de inglês em um grupo autônomo e colaborativo via *WhatsApp*, pois ela ocorre a partir das relações entre os sujeitos e suas formas de comunicar e interagir naquele espaço, em relação ao contexto, conforme será visto na análise dos dados.

Sobre alguns dos princípios que norteiam uma abordagem ecológica, Kramsch (2008) elenca cinco aspectos, os quais são: relatividade de si e do outro, escala de tempo, emergência, não finalização/inacabamento e fractalidade. A relatividade de si e do outro está relacionada ao fato de que as pessoas raramente falam com o único intuito de transmitir novas informações, mas falam o que acreditam ser o esperado pelo interlocutor, ou tentando ser tanto empáticos com o interlocutor quanto performarem conforme gostariam de serem vistos por ele. Sobre a escala de tempo, no modelo

³⁷ “[e]cology is the study of organisms and their relations with one another and their environment” (VAN LIER, 2004:21).

³⁸ “[...] must observe the living entity, and learn to understand critically what it does to whom, by whom, and for whom, in the multiplexity of semiotic ecosystems in which it (language) operates, or rather cooperates with other meaning-making processes (VAN LIER, 2002:145).

³⁹ “[...] the ecological perspective says that language cannot be ‘boiled down’ to grammar or meaning only, and it cannot be ‘quarantined’ or separated from the totality of ways of communicating and making sense of the world that we use” (VAN LIER, 2004:24)

⁴⁰ “[e]cological linguistics (EL) is the study of the relations between language use and the world within language is used (VAN LIER, 2004:44).

ecológico, os significados transmitidos através da linguagem não estão dados em determinado tempo, ou seja, todo discurso é marcado por ações presentes, passadas e futuras, assim como experiências, memórias, etc. No que se refere à emergência, esta implica perceber que a aprendizagem de uma língua não ocorre de forma linear e contínua, e, nesse viés, o conhecimento não vai emergir de um novo conteúdo ou aspecto, mas sim das relações que são feitas. Não finalização ou inacabamento, por sua vez, está relacionado à ideia de que os sujeitos possuem “identidades abertas” e fronteira/pertencimento territorial dinâmico, sem delimitação. Por fim, no que se refere ao aspecto fractal, a ecologia está preocupada em estudar padrões de atividades e eventos que se constituem como figuras fractais em maior ou menor escala. Algumas dessas características propostas por Kramsch (2008) serão elencadas na análise dos dados, a fim de fornecer subsídios para compreendermos o funcionamento do grupo estudado sob um olhar etnográfico.

Van Lier (2004) propõe dez características de uma perspectiva ecológica, que são: relações, contexto, padrões/sistemas, emergência, qualidade, valor, criticidade, variabilidade, diversidade e atividade. Sobre relações, primeiramente, tem-se as relações entre linguagem e mundo, entre as pessoas e o mundo e, nesse sentido, para o autor a linguagem é um sistema de relações. Sobre o contexto, reitera o significado como algo situado, ou seja, que emerge do contexto, ressaltando também o seu papel, independentemente de ser ele físico ou social, e de sua relação à emergência de *affordances*. No que se refere a padrões/sistemas, considera a língua como um sistema de relações, norteadas por forças organizacionais interrelacionadas em vez de constituir-se apenas como um sistema de regras. Sobre a emergência, de modo geral, a menciona não como acumulação de objetos, mas reorganização, crescimento e transformação de saberes linguísticos, aspecto esse a ser tomado como especialmente importante, pois está relacionado ao conceito de aprendizagem proposto por uma visão ecológica, baseado na construção de *affordances*. A qualidade, conforme o autor, não se refere à noção de quantidade, porém à combinação de afeto à inteligência ou entendimento, produzindo então uma maior consciência. O valor, por sua vez, está relacionado a noções de si e de identidade, sendo ele marcado por aspectos éticos e morais. A criticidade é empregada no sentido de uma articulação reflexiva e ideológica, examinando práticas educacionais, sendo a ecologia crítica, conforme o autor, uma instância ativista. A variabilidade refere-se às variações individuais, isto é, as diferentes formas pelas quais os diferentes aprendizes aprendem, percebendo essas singularidades

como um aspecto positivo capaz de suscitar emergência de *affordances* com base no contexto e especificidades de cada aprendiz. Já a diversidade engloba, de forma mais ampla, tanto o valor de diferentes aprendizes em uma sala de aula quanto os diferentes tipos de pessoa em uma sociedade, não mais percebendo uma turma ou sociedade como grupo homogêneo. Por fim, atividade leva em conta a linguagem como atividade situada no mundo e não apenas um objeto. Durante a análise dos dados, abordaremos algumas das características propostas por Van Lier (2004) a fim de melhor compreender como se dá a aprendizagem de inglês em um grupo no *WhatsApp*, percebendo as particularidades do espaço e as práticas da língua que ali ocorrem como atividades situadas.

Dessa forma, em uma concepção ecológica, a linguagem é uma atividade situada, pois ela

[...] está localizada tanto no mundo ao nosso redor quanto no cérebro. Quando nós falamos é sobre alguma coisa e para alguma coisa – ou alguém – no mundo, não apenas devido a um acionamento de células cerebrais. Quando nós estamos atentos, nós estamos sintonizados com nosso entorno, não com nosso cérebro. O cérebro, claro, é importante, mas também é nosso coração. Nós pensamos, sentimos e falamos, mas nós pensamos com nosso cérebro da mesma maneira que nós sentimos com o coração e falamos com a língua (VAN LIER, 2002:158)⁴¹.

Especialmente no grupo estudado, percebemos a linguagem como uma atividade situada, seja pela relação entre os sujeitos da pesquisa, os usos do aplicativo em relação a questões de presença e pertencimento, ou, até mesmo, pelo uso de *emojis*, conforme discutiremos na análise dos dados. Ainda sobre a conceito de linguagem,

[a] perspectiva ecológica argumenta que o desenvolvimento da linguagem – primeiro e subsequente – ocorre como um resultado de participação significativa em eventos humanos. Essa participação [...] envolve percepção, ação e construção conjunta de significado. Em tal ação organizada socioculturalmente, *affordances* se tornam disponíveis como recurso para futura ação. *Affordances* não são peças de ‘input’ da linguagem, elas são relações entre o aprendiz ativo e elementos no meio. Linguagem é atividade de construção de sentido qual toma lugar em uma complexa rede de sistemas que são entrelaçados entre si assim como a aspectos dos mundos físico, social e

⁴¹[]language is located in the world around us as well as in the brain. When we speak, it is about something and for something - or someone - in the world, not just a by-product of firing brain cells. When we are mindful, we are in tune with our surroundings, not with our brain. Sure, the brain is important, and so is the heart. We think, feel, and speak, but we think with our brain in the same way that we feel with our heart, and speak with our tongue (VAN LIER, 2002:158).

simbólico. Ela não é imune a influências sociais, políticas e econômicas [...] (VAN LIER, 2004:53-54)⁴².

Nesse sentido, também parecem ser importantes as percepções do sujeito acerca do seu processo de aprendizagem, uma vez que a “[a]prendizagem sensorial (aprender a perceber) é uma parte constitutiva essencial da aprendizagem de línguas. Isso não tem sido suficientemente reconhecido na corrente principal de pesquisa em ASL”⁴³, o que acarreta lacunas ao ponto que “deixa de lado a questão básica de como a percepção da linguagem se desenvolve, como isso se entrelaça com a ação e como é internalizada” (VAN LIER, 2007:55)⁴⁴.

A partir disso, pode-se entender a memória como baseada em experiências multissensoriais e, por conseguinte, constituída por estruturas multimodais, pois

[...] a visão ecológica baseada na ação assume que o que é armazenado no cérebro não é um sistema linguístico sempre crescente e cada vez mais complexo, mas sim um conjunto cada vez mais sofisticado de ação-esquema que incorporam aspectos linguísticos, perceptuais, físicos, afetivos e outras questões de experiências do mundo real como modelos para atividades futuras que incluem repetições com mudanças (VAN LIER, 2007:55)⁴⁵.

Ao falar sobre experiências de aprendizagem em uma visão ecológica, é fundamental discutir o conceito de *affordances*. De acordo com Van Lier (2004:92), embasado nos estudos de Halliday (1978) e Gibson (1979), “[...] a noção de *affordance* é relacionada a potencial de sentido”⁴⁶ e “[p]ré-condições para o significado emergir são ação, percepção e interpretação, em um contínuo ciclo de mútuo reforço”⁴⁷. Van Lier (2004:95) considera, de forma geral, que “[...] *affordances* da linguagem, sejam

⁴² [t]he ecological perspective argues that language development – first and subsequent – occurs as a result of meaningful participation in human events. Such participation [...] involves perception, action and joint construction of meaning. In such socioculturally organized action, affordances become available as resources for further action. Affordances are not pieces of language ‘input,’ they are relations between the active learner and elements in the environment. Language is meaning-making activity that takes place in a complex network of complex systems that are interwoven amongst themselves as well as with all aspects of physical, social and symbolic worlds. It is not immune to social, political and economic influences [...] (VAN LIER, 2004:53-54)

⁴³ “[s]ensory learning (learning to perceive) is an essential constitutive part of language learning. This has not been sufficiently recognised in mainstream SLA research” (VAN LIER, 2007:55).

⁴⁴ “[...] sidestep the basic question of how language perception develops, how it intertwines with action and how it is internalized” (VAN LIER, 2007:55).

⁴⁵ [...] the ecological action-based view assumes that what is stored in the brain is not an ever-growing and complexifying linguistic system, but an increasingly sophisticated array of action-schemata that incorporate linguistic, perceptual, bodily, affective and other real-world aspects of experiences as models for future activities that include repetitions with changes (VAN LIER, 2007:55).

⁴⁶ [...] the notion of affordance is related to meaning potential (VAN LIER, 2004:92).

⁴⁷ [p]reconditions for meaning to emerge are action, perception and interpretation, in a continuous cycle of mutual reinforcement (VAN LIER, 2004:92).

naturais ou culturais, diretas ou indiretas, são relações de possibilidades entre usuários da linguagem”⁴⁸. O autor ainda propõe três características que constituem o conceito de *affordances* linguísticas, conforme abaixo:

- a) uma *affordance* expressa relações entre uma pessoa e a expressão linguística (um ato discursivo, um evento discursivo); ela é um potencial de ação; é uma relação de possibilidade;
- b) *affordances* linguísticas são especificadas na expressão linguística, disponível ao interlocutor ativo (ou destinatário) quem deve escolher uma ou mais de uma daquelas *affordances* como elas são relevantes para o momento;
- c) as *affordances* escolhidas servem ao agente – dependendo de suas habilidades – para promover futura ação para levar a um nível mais alto e bem sucedido de interação (VAN LIER, 2004:95)⁴⁹.

Van Lier (2007) também afirma que, na perspectiva ecológica, a aprendizagem de língua enquanto agência está imbricada à percepção, e aqui se inclui construção de *affordances*, as quais podem ser acessadas através de ações colaborativas. Para ele, dois aspectos devem ser levados em conta:

[p]rimeiro, na perspectiva ecológica, toda e qualquer aprendizagem exige um agente ativo e perceptivo. Segundo, uma pessoa não aprende recebendo ‘input’ que é ‘entregue’ através de algum mecanismo instrucional, mas sim por selecionar informação no meio com base e guiado por necessidades e propósitos organicistas. A última é uma perspectiva muito diferente sobre a aprendizagem e é a qual muda o ‘jogo de bola pedagógico’ completamente. O currículo não inicia em especificar e sequenciar o material que precisa ‘ser dado/cumprido’, porém começa com as atividades, necessidades e propósitos emergentes do aprendiz (VAN LIER, 2007:53)⁵⁰.

Por fim, é bastante visível uma relação entre a complexidade e a ecologia, pois, conforme Van Lier (2004:197), “[e]ntender um processo complexo nunca é apenas uma

⁴⁸ [...] language affordances, whether natural or cultural, direct or indirect, are relations of possibility between language users (VAN LIER, 2004:95).

⁴⁹ a) an affordance expresses relationships between a person and a linguistic expression. (a speech act, a speech event); it is *action potencial*; it is a *relation of possibility* [...];
 b) linguistic affordances are specified in the linguistic expression, available to the active interlocutor (or addressee) who may pick up one or more of those affordances as they are relevant to the moment;
 c) the affordances picked up serve the agent – depending on his or her abilities – to promote further action and lead to higher and more successful levels of interaction (VAN LIER, 2004:95).

⁵⁰ [f]irst, in the ecological perspective, any and all learning requires an active, perceiving agent. Second, a person does not learn by receiving ‘input’ that is ‘delivered’ via some instructional mechanism, but by picking up information in the environment on the basis of and guided by organismic needs and purposes. The latter is a very different perspective on learning, and one that changes the pedagogical ballgame completely. The curriculum does not start out by specifying and sequencing the material that is to be ‘covered’, but it starts out with the activities, needs and emergent purposes of the learner. (*Op. cit.*: 53)

questão de mergulhar em causas e efeitos da forma linear [...]. Deve ser feito holisticamente, ainda que ao mesmo tempo com grande atenção aos detalhes”⁵¹. Nesse sentido,

[a]prender uma língua, seja ela primeira ou subsequente, na sala de aula ou na comunidade mais ampla, é um processo complexo (ou projeto, se nós olharmos para ele na perspectiva do aprendiz), influenciado por uma multiplicidade de fatores. Esses fatores não podem ser reduzidos a relações lineares únicas, i.e, uma causa (como um método, uma tarefa, um exemplo, um exercício) e um subsequente efeito (uma palavra ou estrutura memorizada, uso espontâneo de um item segmentado do discurso, uma resposta correta em um teste, etc.) (VAN LIER, 2004:197)⁵²

Assim podemos perceber um grupo de aprendizagem via *WhatsApp*, em uma perspectiva ecológica, ao levar em conta não apenas que o próprio grupo pode ser visto como contexto para a aprendizagem, mas também porque ele parece se constituir como um espaço propício para a emergência de *affordances*. Importante assinalar que o contexto não se resume a um pano de fundo para as interações, devendo ser entendido em seu fundamental papel, o qual pode possibilitar, a partir do engajamento entre seus membros, a emergência de *affordances*, sendo que, no grupo, a linguagem coopera com outros processos presentes. Além disso, devido à constituição do grupo como autônomo e colaborativo, o engajamento entre os seus participantes representa um aspecto muito importante a ser considerado. Na análise dos dados, elencaremos práticas de aprendizagem de inglês como língua adicional sob uma visão ecológica, utilizando-nos, principalmente, de algumas características para um enfoque ecológico propostas por Van Lier (2004) e Kramsch (2008). Tais características serão importantes, também, para compreendermos o funcionamento do grupo e elucidar alguns dos possíveis motivos pelos quais ele se manteve ativo e coeso por pelo menos dois anos, do período em que foi criado até o final da realização desta pesquisa. A seguir, apresentaremos e descreveremos a metodologia do trabalho.

⁵¹ Understanding a complex process is never just a matter of delving into causes and effects in the linear manner [...] It must be done holistically, yet at the same time with great attention to detail [...] (VAN LIER, 2004:197).

⁵² Learning language, whether first or subsequent, in the classroom or in the wider community, is a complex process (or project, if we look at it from the learner's perspective), influenced by a multitude of factors. These factors cannot be reduced to single linear relationships, i.e., a *cause* (such as a method, a task, an example, a drill) and a subsequent *effect* (a memorized word or structure, spontaneous use of a targeted item in discourse, a correct answer in a test, etc.) (VAN LIER, 2004:197)

3 METODOLOGIA

Intangíveis são frequentemente mais influentes que tangíveis. Se você não vê, não significa que não esteja lá. Se você não consegue mensurar não significa que não deva ser levado em conta (VAN LIER, 1996:02)⁵³.

3.1 ETNOGRAFIA PARA A INTERNET: PARTINDO DE UMA CONCEPÇÃO COMPLEXA E ECOLÓGICA

Duarte e Vetromille-Castro (2011:130) tratam “toda interação interindividual como força motriz da sala de aula, a partir do entendimento de grupos sociais como sistemas complexos”. Tais considerações embasam este estudo, sendo ainda que, em relação ao trabalho apresentado, temos que não nos referimos estritamente à sala de aula, mas também aos ambientes autônomos de aprendizagem. Fazemos tal aproximação por considerá-la pertinente e aplicável também a esse outro espaço.

Nesse contexto, Van Lier (1996) considera importante não apenas ser reconhecido o papel da interação, mas também a necessidade de ela ser compreendida, estudada e descrita de forma meticulosa. Conforme o autor, há inúmeras formas de interação e, para a aprendizagem, algumas são mais benéficas do que outras e, em tais casos, preconiza que sejam investigadas as relações suscitadas, especialmente, as de poder e de controle. Assim, ele considera a interação como um aspecto primordial na pesquisa sobre ensino e aprendizagem de língua; contudo, alerta para que ela não fique subjugada a um papel secundário, pois deve ser evitado percebê-la na sombra de uma comunicação superficial.

Vetromille-Castro (2007:15) constatou, em sua pesquisa, o “pressuposto de que a interação social, aspecto necessário para a aprendizagem, se estabelece e persiste quando os aprendizes constituem um sistema complexo, que por sua vez é originado e sustentado pelo benefício recíproco que tais aprendizes encontram na relação interativa”. Não serão discutidas extensivamente questões sobre a percepção da aprendizagem de inglês como LA no viés complexo, haja vista que esse já é um pressuposto do trabalho proposto, por basear-se em conclusões de outros estudos

⁵³ “Intangibles are often more influential than tangibles. If you can’t see it, that doesn’t mean it isn’t there. If you can count it, that doesn’t mean it doesn’t count”(VAN LIER, 1996:02).

sobre grupos em AVA, a partir de Duarte e Vetromille-Castro (2011); Souza (2011) e Vetromille-Castro (2007, 2008). Ademais, utilizar a abordagem ecológica já é considerar, *a priori*, a complexidade. Durante a análise dos dados, referimo-nos a algumas características de SACs, como condições iniciais e regras de baixo nível, assim como a figura do perturbador da ordem no sistema, com o intuito de mostrar como o sistema emerge e se estrutura. Porém, o funcionamento do grupo, foco do estudo, é visto a partir da ecologia.

Tudor (2003), com base nos estudos de Bailey e Nunan (1996) e Van Lier (1988), elenca duas abordagens para a pesquisa científica, inclusive no âmbito de ensino e aprendizagem de língua, a saber: ética e êmica. A abordagem ética aproxima-se mais de uma concepção tradicional de ciência, quantitativa, marcada por pensamento positivista, a qual estaria permeada por um saber “científico”. A abordagem êmica, por sua vez, diferencia-se no que compreende o ponto de vista do participante, não ficando restrita às observações empíricas do pesquisador, mas levando em conta como o sujeito/participante percebe a situação e o local/meio no qual está inserido. Van Lier (2004) também demonstra preferência por uma pesquisa de caráter êmico, em relação à ecologia. Essa visão foca “[...] em descobrir coerência local ou como um sistema opera em termos de sua própria lógica e regras internas” (TUDOR, 2013:07)⁵⁴. Tal abordagem envolve, ainda,

[...] trabalhar com dados tênues (*soft*), os quais podem prover *insight* para a compreensão e motivação dos participantes. Tais dados podem ser levantados a partir de diários ou anotações pessoais de experiências de ensino e aprendizagem ou até mesmo de uma discussão com os participantes sobre sua percepção de determinada situação (TUDOR, 2003:07)⁵⁵.

Barton e Lee (2013:13), embora voltados ao estudo dos letramentos, também falam sobre uma abordagem ecológica, permeada por uma metodologia etnográfica, pois

[é] uma metodologia que atenta aos detalhes, o que se relaciona fortemente com abordagens etnográficas. Envolve o exame de determinados eventos com o intuito de compreender práticas mais abrangentes. Pesquisas integram uma vasta gama de métodos incluindo observações, entrevistas, análise de textos,

⁵⁴ “[...] with discovering local coherence, or how a system operates in terms of its own inner logic and rules” (TUDOR, 2003:07).

⁵⁵ “[...] working with “soft” data which can provide insight into the understandings and motivations of participants. Such data may arise from diary studies or personal accounts of learning and teaching experiences, or from open-ended discussion with participants about their individual perceptions of a situation” (TUDOR, 2003:07).

uso de fotografias e mais. Essa é uma abordagem ecológica que compreende que todas as atividades estão situadas em um dado contexto e que as ações das pessoas tanto afetam quanto são afetadas pelos meios em que elas se encontram. Não há uma simples causalidade e ao invés de falar sobre os “efeitos” da tecnologia, são discutidas as *affordances* que a tecnologia oferece para ação⁵⁶.

Sobre a relação entre etnografia e Internet, mais especificamente, a

[...] compreensão de apropriação das tecnologias – e que se torna essencial para a problematização dos usos da etnografia em relação a contextos como internet – compreende tanto as dimensões históricas quanto técnicas e simbólicas que dizem respeito às materialidades e possibilidades do uso do objeto internet pelos internautas (FRAGOSO, RECUERO, AMARAL, 2015:169).

A partir da constatação do grupo sob uma perspectiva ecológica e noção de que uma pesquisa que utilize uma visãoêmica geralmente é permeada por um cunho etnográfico (TUDOR, 2003), optamos por uma abordagem etnográfica, a fim de averiguar e compreender como um grupo de aprendizagem via *WhatsApp* constitui-se e mantém-se coeso sem planos de curso, de aula e sem a figura do professor como perturbador, bem como quais elementos poderiam ser apontados como propiciadores da interação, levando em conta a emergência de *affordances*, procurando perceber os fatores que fomentam a cooperação entre os membros do grupo. A etnografia, com base nos estudos de Hine (2000, 2005, 2008, 2015) e Fragoso, Recuero e Amaral (2015), pareceu oferecer suporte teórico e ferramentas adequadas para o estudo das práticas de aprendizagem mediadas pela tecnologia, além de atender às ideias e questionamentos propostos.

Hine (2015) advoga pela substituição do termo etnografia virtual (HINE, 2000) por etnografia para a Internet. Diante disso, o estudo está orientada para uma pesquisa para a Internet, ou seja, que visa a compreender a multiplicidade de aspectos e reflexões que a rede suscita (HINE, 2015), não ficando restrita, apenas, a uma “pesquisa *online*”, embora, em alguns momentos, seja utilizado o termo etnografia virtual como sinônimo de etnografia para a Internet. Também há a ciência, neste trabalho, da distinção entre os termos netnografia e etnografia virtual, pois, conforme

⁵⁶ [i]t is methodology of attention to detail and it draws heavily on ethnographic approaches. It involves the examination of particular events in order to understand broader practices. Researches integrate a variety of methods including observation, interviews, analysis of texts, the use of photography, and more. This is an ecological approach accepting that all activities are situated and that people’s actions both affect and are affected by the environment they are in. There is no simple causality and rather than talk of ‘effects’ of technologies in discusses the affordances which technologies offer for action [...] (*Op. cit.*: 13).

Polianov (2013), há uma linha tênue que separa tais terminologias, embora Amaral (2009) trate os termos como sinônimos⁵⁷.

Conforme Fragoso, Recuero e Amaral (2015:177), as diferentes terminologias empregadas para referirem-se à pesquisa etnográfica voltada para a Internet “[...] parecem não propor mudanças substanciais à etnografia em si, mas em relação à maneira de lidar com os diferentes procedimentos de coleta e análise de dados”. Além disso, as autoras externam que houve uma disseminação do termo netnografia quando voltado para pesquisas de mercado bem como reforçam a importância de ser feita uma distinção da última com a pesquisa acadêmica. Neste trabalho, estabelecemos um diálogo entre a etnografia para a Internet (HINE, 2000, 2005, 2008, 2015) e a netnografia (KOZINETS, 2014) no que se refere aos procedimentos para coleta e para a análise dos dados.

Um desafio que permeia a pesquisa etnográfica voltada à Internet é “desenvolver formas de etnografia que preconizem a realidade social dos espaços online, enquanto, ao mesmo tempo, explorem sua inserção na vida cotidiana”⁵⁸ (HINE, 2008:258). Nesse sentido, propõe-se uma concepção de Internet situada, incorporada e cotidiana (HINE, 2015)⁵⁹. Situada, porque a Internet “[...] torna-se entrelaçada, em uso, com múltiplas formas de contexto e quadros de construção de sentido” (HINE, 2015:33)⁶⁰; incorporada à medida que “[...] em vez de ser um ciberespaço transcendente de experiência, a internet tem frequentemente se tornado uma parte de nós e as identidades virtuais não são necessariamente separadas dos corpos físicos” (HINE, 2015:41)⁶¹; cotidiana pelo fato de a Internet já estar imersa em nosso fluxo de vida diário, não sendo mais necessário, nos dias atuais, o deslocamento dos pesquisadores até uma sala equipada com computadores para somente assim acessá-la, como foi em épocas anteriores.

Uma pesquisa com uma metodologia embasada na etnografia virtual parece colaborar e dialogar com uma perspectiva complexa e, também, ecológica. Além disso,

⁵⁷ Conforme Polianov (2013) a netnografia parece estar mais voltada a pesquisas de mercado e à área da comunicação social, enquanto a etnografia virtual, oriunda da antropologia, mais orientada às ciências humanas.

⁵⁸ “[...] to develop forms of ethnography that take seriously the social reality of online settings, whilst also exploring their embedding with everyday life” (HINE, 2008:258).

⁵⁹ E³ Internet: embedded, embodied and everyday (HINE, 2015).

⁶⁰ Tradução nossa: “[...] becomes entwined in use with multiple forms of context and frames of meaning making” (HINE, 2015:33)

⁶¹ Tradução nossa: “[...]rather than being a transcendent cyberspatial site of experience, the Internet has often become a part of us, and that virtual identities are not necessarily separate from physical bodies” (HINE, 2015: 41)

também pode instrumentalizar o pesquisador com ferramentas que possibilitem, se não chegar a uma conclusão, melhor compreender determinado fenômeno. Neste trabalho, espera-se que a metodologia auxilie a perceber os motivos pelos quais um grupo autônomo e colaborativo mantém-se coeso, a emergência sistêmica de *affordances* e, caso possível, perceber as motivações para os sujeitos cooperarem entre si em um grupo de aprendizagem de inglês por *WhatsApp*.

3.1.2 Questões éticas para desenvolvimento de uma “pesquisa virtual”

Ao perceber a Internet como situada, personificada e cotidiana (HINE, 2015), algumas questões éticas devem ser abordadas para realização de uma pesquisa para a referida rede. Fragoso, Recuero e Amaral (2015) ressaltam a importância de ser questionado o papel do pesquisador em um ambiente virtual, bem como seus direitos e deveres em relação aos sujeitos da pesquisa.

Conforme Kozinets (2014:138), “[...] a ética está envolvida desde o começo de sua decisão de realizar uma netnografia até muito tempo depois de sua publicação e distribuição final”. Hine (2015:187), por sua vez, refere-se sobre “[...]a necessidade de manter uma instância ética, consciente da dignidade e reputação dos participantes[...]”⁶², adotando práticas de pesquisa que preconizem o zelo pelo seu bem-estar e dignidade. A autora, diferentemente de Kozinets (2014), destaca a dificuldade em serem definidas as instâncias éticas com antecedência e ressalta a importância de adaptações a partir do engajamento com os sujeitos da pesquisa e à medida que o etnógrafo avança em campo. Nesse sentido, entende-se que “[a] ética se torna um constante processo reflexivo ao invés de uma posição prévia a ser estabelecida antecipadamente” (HINE, 2015:188)⁶³.

No que tange aos limites entre o público e o privado, Ruther e Smith (2015) refutam uma visão ingênua de que tudo que está “na rede” é público. Assim, parece ser fundamental o conhecimento da pesquisa por parte dos sujeitos que dela participam, assim como a preocupação com o anonimato e com a integridade das identidades,

⁶² Tradução nossa: [...] the need to maintain an ethical instance, conscious of the dignity and reputation of participants” (HINE, 2015:187)

⁶³ Tradução nossa: [e]thics become a constant reflexive process rather than a prior stance to be laid out in advance” (HINE, 2015:188)

sejam elas performadas através de nomes reais ou pseudônimos, pois, na Internet, os próprios pseudônimos são marcados por aspectos de identidade (KOZINETS, 2014). Hine (2015:187) pondera que “[...] não há como decidir com antecedência e em princípio se o material encontrado online deve ser tratado como público ou privado: em vez disso, a decisão precisa ser tomada de forma contextual[...]”⁶⁴. Também é válido frisar questões de vulnerabilidade em espaços virtuais; para tanto, o pesquisador deve sempre avaliar os possíveis riscos que podem ser acarretados aos participantes (KOZINETS, 2014). A pesquisa em um grupo autônomo de discussão/prática de língua inglesa parece não gerar risco aos participantes da pesquisa, desde que a postura do pesquisador seja norteadada por um compromisso ético.

Diante do exposto, observamos que a pesquisa aqui exposta foi apresentada e relatada abertamente ao grupo. Junto aos seus participantes, houve consulta quanto ao seu consentimento para que o referido estudo pudesse ser efetivado, o que se daria sem divulgação de quaisquer informações pessoais, como nome, número de celular, idade, entre outros. Também foram tomadas precauções para que todos os participantes da pesquisa fossem maiores de idade. Por se tratar de um grupo de aprendizagem de inglês, ao longo do trabalho, evitou-se uma visão normativa de certo/errado em contextos de práticas da língua. O foco, porém, manteve-se em investigar como e se um grupo autônomo e colaborativo poderia proporcionar condições favoráveis à aprendizagem e como ele se manteve ativo e coeso sem a figura do professor como perturbador e sem planos de curso.

⁶⁴ [...] no way to decide in advance and in principle whether material found online should be treated as public or private: instead, the decision needed to be taken in a contextual basis [...](HINE, 2015:187).

3.2 DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

3.2.1 Um olhar etnográfico para grupos de aprendizagem no *WhatsApp*

Inicialmente, a pesquisadora tentou observar o grupo com vistas a não causar interferências e obter assim um *corpus* mais livre de “ruídos”; todavia, isso não se mostrou possível (nem desejável), especialmente em uma abordagem complexa, ecológica e etnográfica. Conforme Hine (2000:47)

[o] etnógrafo não é um simples voyeur ou um observador desengajado, mas é, em certo sentido, um participante compartilhando algumas das preocupações, emoções e compromissos dos sujeitos pesquisados. Essa forma ampliada depende também da interação, em um constante questionamento do que é possuir uma compreensão etnográfica do fenômeno⁶⁵.

Sob um enfoque etnográfico, a linha que separa o sujeito-pesquisador do objeto de pesquisa pode se tornar mais tênue. Hine (2000 - *online*) observa sobre a necessidade de o pesquisador instrumentalizar-se da tecnologia que está utilizando, bem como inserir-se ao meio/espço no qual se deseja estudar. Além disso, as estratégias para inserção do pesquisador/etnógrafo no ambiente que pretende estudar “[...] trazem problemáticas que precisam ser enfrentadas, desde a familiarização com as próprias plataformas digitais, até o tipo de entrevista proposto com os informantes” (AMARAL, 2009:15).

Conforme Kozinets (2014), Frago, Recuero e Amaral, (2015), Hine (2000), Amaral (2009) e Poliavanov (2014), o pesquisador, em uma abordagem etnográfica, pode assumir o papel de *lurker* ou *insider*. Ambas as posturas são pertinentes, contudo possuem tanto aspectos positivos quanto negativos que podem influir no desenrolar da pesquisa. O *lurker* compreende a figura do pesquisador enquanto observador que busca interferir o mínimo possível nos dados; ele pode participar de grupos ou espaços como um ser “invisível”, e/ou avisar sobre o propósito da pesquisa apenas

⁶⁵ [t]he ethnographer is not simply a voyeur or a disengaged observer, but it is also to some extent a participant, sharing some of the concerns, emotions and commitments of the research subjects. This extend form of experience depends also on interaction, on a constant questioning of what is to have an ethnographic understanding of a phenomenon (HINE, 2000:47).

posteriormente; nessa postura, não há a necessidade de criação de vínculos com os sujeitos da pesquisa além da relação pesquisador-objeto. Ao mesmo tempo que o *lurker* pode obter dados mais “livres de ruído”, também pode estar privado de determinadas informações devido a não constituição de um vínculo com os sujeitos. Já o *insider*, como o próprio nome sugere, está, de fato, inserido no grupo ou no meio que pretende pesquisar: interage com os sujeitos, podendo ser, inclusive, um dos sujeitos da pesquisa⁶⁶. Entende-se que o *insider*, levando em conta um aporte ecológico, pode estar mais imerso ao contexto dos sujeitos, bem como propenso a informações privilegiadas, haja vista também ser um membro do grupo. Há o fato de que, enquanto *insider*, não há uma distinção muito clara da figura do pesquisador; porém, questiona-se até que ponto isso pode ser visto como um problema. Assim, neste trabalho, nós, enquanto pesquisadores, adotamos a postura de *insider*, conforme é abordado na sequência.

Aparentemente, pode-se pensar que um dos problemas a serem considerados para desenvolvimento da pesquisa proposta é a diversidade dentro do grupo. Em relação aos participantes, percebe-se sim diversidade entre o nível de inglês, o país de origem, o contexto educativo, a forma pela qual aprendem, o sexo, o interesse para uso do inglês, o contato prévio com a língua, o acesso à Internet para interagir no grupo, entre outros. No entanto, sob um aporte metodológico etnográfico, a diversidade não é vista como um aspecto negativo, mas parece ser um fator capaz de possibilitar um olhar holístico e uma compreensão mais completa sobre o fenômeno a ser analisado. Conforme Duarte e Vetromille-Castro (2011), a diversidade não só possui papel fundamental para análise de um sistema, no caso, um grupo de aprendizagem, como também é capaz de propiciar o surgimento de ações coletivas inovadoras e pode oferecer, ainda, subsídio para a criatividade.

3.2.2 Definição do contexto e critérios para análise do grupo

Inicialmente, a pesquisa tinha como intuito perceber o grupo, enquanto todo, como objeto de pesquisa, a fim de verificar como ocorreria a aprendizagem de língua inglesa nesse espaço, tendo em vista a não existência de atividades pré-estipuladas e

⁶⁶ Conforme relatado por Amaral (2009), sendo a própria pesquisadora um dos sujeitos de pesquisa, através da autoetnografia.

a presença explícita do professor. Após observações, tal propósito mostrou-se inviável, principalmente devido ao número extensivo de interações, bem como à dinamicidade de inclusão/exclusão de membros, além da diversidade do nível de proficiência da língua e da frequência de interações por parte deles. A partir disso, optou-se por tomar o grupo como meio, ou contexto, no qual as interações ocorrem; ele não é o próprio objeto de pesquisa, mas tem papel fundamental, principalmente no âmbito das interações e *affordances* construídas.

O grupo estudado foi constituído no aplicativo *Whatsapp*, de forma autônoma e colaborativa, e, nele, a inclusão dos participantes deu-se por intermédio de redes sociais e *sites* que tratassem sobre a aprendizagem dessa língua. No momento da coleta dos dados, o referido grupo era formado por 89 membros, de 15 países, a saber: Brasil, Estados Unidos, Nigéria, Angola, Venezuela, França, Haiti, Bolívia, Malásia, Filipinas, Cazaquistão, Canadá, Afeganistão, Peru e Índia. Destaca-se que o número de participantes oscila significativamente. Não há um sistema prévio para prática da língua, e, na maior parte do tempo, as interações baseiam-se em conversas entre os membros em língua inglesa, embora, em alguns casos, seja utilizado o português - o qual não é bem aceito - e o francês – pelo fato de que muitos membros falam essa língua como LA. Apesar do vasto número de participantes, nem todos estão ativos nas interações. Na época das observações iniciais, havia uma média de 20 membros ativos. O grupo foi criado em 7 de dezembro de 2014, conforme relato de um dos sujeitos da pesquisa, passou por um período de conflito, no qual as interações praticamente se extinguiram e foi necessário um esforço por parte dos administradores para haver a inclusão de novos membros e, assim, dar continuidade às interações. Os temas dos diálogos compreendem diversos assuntos, desde tópicos gerais do cotidiano, regras de gramática da língua inglesa, até o compartilhamento de aspectos sobre suas vidas e textos humorísticos. Há a presença de administradores do grupo, responsáveis tanto pela inclusão de novos membros quanto pela exclusão de participantes. Além disso, também é tarefa dos administradores informar, em inglês, sobre as regras do grupo aos novos membros, mesmo que o procedimento não ocorra com regularidade, assim como zelar para que os diálogos e as interações não apresentem caráter ofensivo, excluindo membros descumpridores das regras ou que causem algum prejuízo, injúria, etc, a algum dos outros participantes.

Em uma pesquisa qualitativa, “[...] os elementos de amostra passam a ser selecionados deliberadamente, conforme apresentem as características necessárias

para a observação, percepção e análise das motivações centrais da pesquisa” (FRAGOSO, RECUERO, AMARAL, 2015:67). Assim, como estratégias e critérios de amostragem, foi utilizado o procedimento por intensidade. Primeiramente, foi observada a intensidade da interação entre os membros, a fim de evitar que figure, enquanto sujeito da pesquisa, um aprendiz que não participe frequentemente no grupo. Nesse momento, considerou-se a intensidade da interação em relação ao número de diálogos efetivamente estabelecidos entre, pelo menos, dois indivíduos, não se restringindo à quantidade total de mensagens enviadas. Também se cogitou a utilização do procedimento de máxima heterogeneidade (FRAGOSO, RECUERO e AMARAL, 2015), observando-se as características de diversidade e valor propostas por Van Lier (2004), ao considerar sujeitos de diferentes países; todavia, ele foi descartado ao perceber(mos) que o compartilhamento de língua materna entre pesquisadora – no caso, nós enquanto pesquisadores - e sujeitos da pesquisa mostrou-se um aspecto importante para constituição de um vínculo.

Como todos os grupos criados no *WhatsApp* possuem administradores, para a coleta de dados, mesmo que de forma anônima, foi necessária a anuência dos criadores e administradores do grupo. Também foi informada a realização da pesquisa publicamente, no grupo. Sobre a escolha de/quanto a quais dados utilizar, procurou-se empregar exemplos nos quais ocorria a prática da língua e, dentro das possibilidades, não utilizar o compartilhamento de informações pessoais. Como o grupo estudado é ativo há um certo período, existem relações mais estreitas entre alguns dos participantes da pesquisa; sendo assim, utilizar exemplos dessa natureza poderia causar certo desconforto. Nesse sentido, é importante a utilização de exemplos que não veiculem a identificação dos participantes. O olhar do etnógrafo precisa ser atento e delicado a ponto de perceber alternâncias entre assuntos pessoais ou de discussão da prática da língua, caso possível, a fim de não ferir nem a integridade, tampouco a subjetividade de algum participante.

Sobre a observação, ela foi realizada de forma multiescalar (FRAGOSO, RECUERO, AMARAL, 2015): no âmbito do grupo, como um todo, para perceber o contexto; no âmbito dos membros, com enfoque nas interações; no âmbito dos administradores, a fim de perceber seu papel no grupo e, no âmbito dos sujeitos, em entrevista, a fim de entender suas experiências/processo de aprendizagem. Além disso, foi adotado o método de observação participante, uma vez que a pesquisadora é

membro do grupo e, conforme corrobora Hine (2000), também interage com os participantes.

Em uma pesquisa complexa, a dinamicidade e a imprevisibilidade são fatores que se fazem presentes. No trabalho proposto, tais fatores se apresentam, em especial, no âmbito da participação dos membros do grupo, o que interfere diretamente na definição de sujeitos participantes da pesquisa. Foram selecionados seis participantes para realização de uma entrevista semiestruturada porque, por meio da divulgação da pesquisa no grupo, eles mostraram-se disponíveis em participar; constituem também a maioria dos membros mais ativos no grupo. As informações sobre eles foram coletadas através de entrevista realizada no próprio aplicativo (etapa 03 da pesquisa). Os sujeitos foram chamados de participantes seguido de um número – por exemplo, Participante 01 – a fim de preservar sua identidade. Destaca-se que todos são maiores de idade. A numeração foi definida a partir da atividade e do engajamento dos membros, recebendo números menores os mais ativos e números maiores os menos ativos ou membros que tiveram inclusão posterior no grupo.

Sobre os critérios para análise dos dados, além de olhar a emergência de *affordances*, conforme Van Lier (1996, 2004, 2007) e Barton e Lee (2013) e para algumas características de sistemas adaptativos complexos, serão observadas algumas das características propostas por Van Lier (2004) para uma visão ecológica, as quais são:

- a) relações;
- b) contexto;
- c) padrões/sistemas;
- d) emergência;
- e) qualidade;
- f) valor;
- g) criticidade;
- h) variabilidade
- i) diversidade;
- j) atividade.

Em alguns momentos, também foram relacionadas características de uma visão ecológica conforme Kramsch (2008):

- a) relatividade de si e do outro;

- b) escala de tempo;
- c) emergência;
- d) não finalização/inacabamento;
- e) fractalidade.

Não será feito um detalhamento sobre essas características, pois elas já foram contempladas no referencial teórico, seção 2.3, intitulada “Pressupostos para uma abordagem ecológica”.

3.2.3 Etapas de desenvolvimento da pesquisa etnográfica

A pesquisa foi desenvolvida em três etapas, conforme descrito na sequência.

Etapa 01: Primeiramente, foram realizados contato e ambientação com o grupo, conforme Kozinets (2014), *entrée cultural*. Nessa etapa, perceberam-se “[...] as dificuldades da entrada em campo, como a negociação com os informantes, a procrastinação e uma certa cegueira que atinge o pesquisador nos primeiros instantes da observação” (WINKIN *apud* FRAGOSO, RECUERO e AMARAL, 2015:185). Nesse momento, é descrito como a pesquisadora passou a ser parte do grupo, quais as dificuldades, impressões, primeiro contato com os membros, etc.

Etapa 02: Manutenção de um diário de campo (FRAGOSO, RECUERO e AMARAL, 2015), no qual foram apontadas as observações do pesquisador acerca do desenvolvimento da pesquisa, as quais serviram de guia a ele em relação a quais informações observar e quais dados coletar, a fim de melhor responder ao problema investigado. Nesse momento, também ocorreu a observação do grupo, análise do padrão e frequência das interações, sendo que foram percebidos os participantes mais ativos, assim como as interações entre os membros.

Etapa 03: Contextualização dos informantes e utilização dos diversos tipos de entrevistas (FRAGOSO, RECUERO e AMARAL, 2015). Nessa etapa, foi realizada uma entrevista semiestruturada, em conversa privada com cada um dos participantes, no próprio aplicativo, por meio de texto. Foi escolhido esse modelo

porque possibilita uma maior flexibilidade. Kivits (2015) traz considerações sobre a realização de entrevistas *online* através de e-mail, bem como sobre a comunicação entre pesquisador-sujeito baseada em textos e da necessidade de constituição de vínculo entre ambos. Assim, desenvolvem-se aproximações entre o estudo citado e a realização de entrevistas por meio do aplicativo *WhatsApp* por perceber que o vínculo entre pesquisador-sujeito, aspecto importante em uma entrevista *online*, segundo a autora, pode ser facilitado por meio desse aplicativo e da postura da pesquisadora enquanto *insider*. A entrevista foi realizada em dois momentos, conforme descrito abaixo.

1º Momento – Pré-entrevista:

A pesquisadora relembrou sobre a pesquisa e seu propósito, ficando à disposição para responder questionamentos que porventura o informante tenha ou que sejam necessários para o estabelecimento de uma relação de confiança entre pesquisadora e sujeito. Também foi acordado um melhor momento (data/horário) para sua realização.

2º Momento – Entrevista:

Primeiramente, foram solicitadas algumas informações de identificação, tais como:

- a) nome ou como gostaria de ser chamado pela pesquisadora durante a entrevista, o qual não será divulgado;
- b) idade, a qual não será divulgada;
- c) proficiência de língua inglesa: qual o informante considera que seja seu nível de língua e se ele/ela já fez algum teste de proficiência e, caso positivo, qual o teste/classificação⁶⁷;
- d) profissão.

Na sequência, foram realizadas algumas perguntas, conforme abaixo:

1. Quando você passou a fazer parte do grupo?
2. Qual(is) motivos o/a levaram a fazer parte de um grupo de aprendizagem de inglês por *WhatsApp*?

⁶⁷ Foi questionado aos participantes qual nível de proficiência da língua eles acreditavam possuir, escolhendo entre iniciante, intermediário e avançado.

3. Você faz parte de outros grupos? Você considera esse grupo diferente de outros? Por quê?
4. Algum membro, em especial, auxilia-lhe na aprendizagem da língua?
5. Como você percebe a aprendizagem/prática da língua sem a presença formal de um professor?
6. Como é, para você, fazer parte do grupo e em que aspectos você considera-o importante?

A entrevista foi realizada com seis participantes e está disponível no apêndice A. Não foi contemplada, no apêndice, a pré-entrevista, por entendermos que ela foi um momento de aproximação entre pesquisadora e participante, além de evitar a publicidade de informações pessoais. Do total dos entrevistados, um é haitiano, e os demais são brasileiros, possuem faixa etária de 20 a 30 anos e todos falam o inglês como língua adicional, embora falem outras línguas, como espanhol, francês e crioulo. Todos afirmaram possuir uma proficiência da língua nível avançado. Destacamos que “[e]ntrevistas etnográficas frequentemente surgem no contexto de uma relação contínua com um informante, em vez de representarem um encontro isolado” (HINE, 2015:78)⁶⁸. Qualquer forma de entrevista, em uma pesquisa etnográfica, não deve ser escolhida arbitrariamente ou convenientemente pela familiaridade do pesquisador ou participante com determinada ferramenta. Ao contrário, o meio pelo qual será realizada a entrevista deve preconizar a compreensão etnográfica do fenômeno, assim como representar uma habitação do campo (HINE, 2015). Optamos pela realização entrevista semiestruturada no *WhatsApp*, primeiramente, para verificar as implicações e as possibilidades de realização de uma entrevista no meio, levando em conta suas características interacionais e conversacionais (CHURCH e OLIVEIRA, 2014). Além disso, a entrevista realizada no aplicativo poderia se aproximar de uma face a face pelas características de presença (O’HARA *et al*, 2014) possibilitadas por ele: é possível saber quando um participante realizou o último acesso ou se está *online* no momento, podendo fornecer, assim, subsídios para saber o melhor momento de contatá-lo; é possível saber se o participante recebeu a pergunta e se visualizou-a, assim como ele também pode saber se o pesquisador visualizou a resposta, se foi

⁶⁸ [e]thnographic interviews often arise in the context of an ongoing relationship with an informant, rather than representing an isolated on-off encounter, (HINE, 2015:78)

automaticamente ou com certo atraso, o que poderia implicar na disponibilidade do pesquisador no momento. Também é importante mencionar que, pela proximidade com os membros, a postura de *insider* e as próprias configurações do aplicativo concederam um tom mais informal às entrevistas. Além disso, havia a possibilidade de realizarmos a entrevista através do *WhatsApp Web*⁶⁹, porém optamos por utilizar o *smartphone*, tanto para colocarmo-nos no lugar dos participantes da pesquisa quanto para verificar a viabilidade de utilização do dispositivo móvel de forma integral.

Na sequência, nas seções 3.2.3.1 e 3.2.3.2, trataremos da primeira etapa da pesquisa, *entrée cultural*. As segundas e terceiras etapas da pesquisa estão contempladas na análise dos dados.

3.2.3.1 Visualizou e não respondeu: dificuldades para entrada “em campo”

Neste momento, é relatada a primeira etapa da pesquisa, *entrée cultural*. A inclusão da pesquisadora no grupo deu-se em 26 de julho de 2015. Foi escolhido esse título “visualizou e não respondeu” porque ele faz referência à abordagem que pretendia ser utilizada primeiramente: a ideia era manter-se como *lurker*, ou seja, tomar posição de observar o grupo sem se manifestar, a fim de causar o menor ruído possível. Todavia, essa abordagem mostrou-se inviável por três motivos: a) caso não fossem mantidas interações, como responder mensagens, conversar com os demais membros, etc., poderia ocorrer exclusão do grupo; b) se não houvesse interação, seria mais difícil de criar um vínculo com os membros, em especial sujeitos da pesquisa e c) caso a pesquisadora adotasse a postura de *lurker*, em algum momento, os sujeitos poderiam sentir-se desconfortáveis, o que caracteriza ir contra o próprio objetivo da pesquisa, ter os sujeitos como atores dos dados obtidos, atuando em conjunto e conhecendo as etapas da pesquisa.

A primeira impressão foi a de que esta seria uma breve etapa, descrevendo a inclusão da pesquisadora no grupo, ou campo. Todavia, envolve questões mais complexas, porque, por se tratar de uma pesquisa etnográfica, há a preocupação com aspectos como a forma de entrar em contato com os sujeitos da pesquisa, quando entrar em contato com eles, que informações levar em conta, entre outros. Após serem

⁶⁹ O *WhatsApp Web* é um serviço oferecido pelo aplicativo *WhatsApp*, a partir do qual é possível enviar mensagens em um navegador *web*, utilizando um computador.

informados sobre a pesquisa e sobre seus propósitos, alguns integrantes, em especial os administradores do grupo, mostraram-se bastante favoráveis e receptivos à ideia. A partir disso, começou a estabelecer-se um vínculo entre pesquisador e sujeitos, sendo que as etapas para desenvolvimento do trabalho, como organização do projeto, leituras, etc, passaram a ser compartilhadas com o próprio grupo. Importante destacar que, devido ao vínculo construído no grupo e, em especial, com os participantes do estudo, a pesquisadora, após coleta de dados e conclusão da pesquisa, continuou a fazer parte do grupo, na figura de membro.

Ademais, merece destaque o critério para coleta das informações. Primeiramente, pensou-se em adotar máxima heterogeneidade (FRAGOSO, RECUERO e AMARAL, 2015) por perceber que o grupo conta com membros de inúmeros países e ter interesse em verificar como seriam as diferentes *affordances* entre eles. Todavia, a língua materna mostrou-se como um critério importante para a constituição de vínculo. Grande parte dos sujeitos da pesquisa são brasileiros, isso porque foi mais fácil dialogar sobre o significado de ser parte do grupo, dificuldades e inquietações sobre a aprendizagem de língua inglesa, utilizando a língua portuguesa. Além disso, com esses sujeitos, a pesquisadora constatou uma proximidade maior e, por consequência, compartilhou aspectos mais detalhados sobre o desenvolvimento da pesquisa.

3.2.3.2 Diário de uma etnógrafa virtual enquanto *insider*

Este breve diário de campo compreende algumas observações acerca da primeira etapa da pesquisa.

Já no primeiro contato, alguns integrantes mostraram-se bastante favoráveis e receptivos à ideia da pesquisa. Muitos deles eram administradores do grupo, bem como membros bastante ativos e com uma boa relação junto aos demais participantes. Assim, foi feito contato com eles para participarem como sujeitos da pesquisa, com o que todos concordaram.

Excerto 01:
28 de setembro de 2015
Pesquisadora: Guys, I need to ask you something...
Actually, I need your help.
Could you please help me? Hehehe
Participante 01: Yeah. Hahaha

Participante 02: Ask Bianca
 Pesquisadora: I'm doing my masters on linguistics.
 So I was wondering what I could study, then I realized I was a member of this group. And this would be a great place for learning
 Participante 02: yeah, it is, Bianca.
 Pesquisadora: What do you think about it?
 Participante 03: Great idea!
 Participante 06: 🙌🙌🙌 (emojis de palmas)
 Participante 07: Here we have me, Participante 02, Participante 01. Everybody can help you.
 [...]

Considera-se que “[d]esenvolver uma presença apropriada é, portanto, uma oportunidade de aprender fazendo, já que o etnógrafo tem de se engajar no mesmo processo de se tornar presente que qualquer um dos participantes[...]” (HINE, 2015:73)⁷⁰. Na pesquisa realizada, houve uma aproximação com os sujeitos, sendo que a participação no grupo passou a ocorrer de forma mais engajada e a performance mais próxima da igual a de um membro, sendo compartilhados, ao longo do tempo, tanto inquietações da pesquisa, quanto informações pessoais.

Excerto 02:
 22 de setembro de 2015
 Pesquisadora: Is anyone else getting crazy with papers or it's just me?
 Participante 04: What do u mean by paper?
 Pesquisadora: I have a kind of project to finish, it's for my masters
 Pesquisadora: And I've told here before, I intend to research learning based on mobile devices
 Participante 04: Hmm. It's a modern topic. I don't know if I will be creative like you.. when I do my project
 Pesquisadora: Well, I'm not that creative
 [...]
 Participante 04: Hmm
 Participante 04: Know I'm getting what ur project is about
 Participante 04: Now*
 Participante 04: This is kind of place it's a great way to learn/practice what we know .. But we still need some "real" classes ^^/
 Pesquisadora: Well, you might need
 Pesquisadora: But anyway you can learn lots of stuff here
 Pesquisadora: If you'd like, you could also help me :)
 [...]
 Participante 04: It would be great, just let me know how can I
 Participante 04: I wish u the best project ever, and when you need our help .. let us know!

Discorrer sobre a pesquisa no grupo vai além de informar os sujeitos da pesquisa; tal gesto está também permeado pelas nossas inquietações, inquietações da pesquisadora, as quais são compartilhadas, e, nesse primeiro caso, justifica-se a ansiedade na elaboração inicial do projeto. A partir do relato da pesquisadora, o

⁷⁰ [d]eveloping appropriate presence is thus an opportunity for learning-by-doing, as the ethnographer has to engage in the same process of becoming present that any of the participants (HINE, 2015:73)

Participante 04 parece receptivo e oferece-se para ajudar. Ele não apenas se interessa em saber mais informações sobre o trabalho, mas também demonstra comportamento solidário e altruísta.

Destaca-se que, ao longo do tempo e devido à relação construída com alguns membros do grupo, a pesquisadora compartilhou o andamento da pesquisa, ao ponto em que os próprios sujeitos mostram interesse em saber como anda o trabalho, conforme é possível perceber nos excertos 03 e 04. Além disso, ao construir uma relação com os sujeitos, parece cada vez menos visível a linha que separa a pesquisadora da de um membro, pois ser *insider* é ser, também, uma participante.

Excerto 03

25 de outubro de 2015

Pesquisadora: Hello guys! Good afternoon!

Participante 10: Heeey

Participante 10: Bianca

Participante 10: What's Up ??

Pesquisadora: I'm fine, and you?

[...]

Participante 10: Pretty Good

Participante 10: I'm Home Drinking Tea

Participante 10: 😊😊 (emoji sorriso)

Pesquisadora: Ohh! It sounds nice!

[...]

Participante 10: Bianca Are you done with ur work yet ?

Excerto 04

19 de março de 2016

Participante 01: Bianca, are you still working on that research?

Pesquisadora: Yes!

By the way, I've just already started writing about it.

Participante 01: If you need some help we are here. I can tell you everything about it because I've been learning a foreign language through WhatsApp.

4 ANÁLISE DOS DADOS

A análise dos dados é desenvolvida em duas etapas. Primeiramente, é abordada a complexidade, tendo em vista já terem sido desenvolvidas pesquisas sobre o tema e por este trabalho ter partido das constatações de Vetromille-Castro (2007, 2008, 2011). Nesse sentido, espera-se, com a complexidade, mostrar como o grupo, enquanto sistema, emerge e se estrutura. Além disso, parece ser importante visualizar as condições iniciais e as regras de baixo nível para melhor compreender a emergência de perturbadores da ordem no sistema. Utiliza-se a ecologia em um segundo momento, para analisar o funcionamento do grupo, embora ela seja o foco do estudo. A partir da ecologia, é investigada a emergência de *affordances* que auxiliam no processo de aprendizagem/prática da língua inglesa, assim como o que mantém o grupo coeso. Conforme Van Lier (2004), compreende-se a complexidade e a ecologia não apenas como teorias afins, mas como aportes inter-relacionados. Utilizam-se ambas, portanto, com o intuito de empreender um olhar contextualizado e melhor compreender fenômeno da aprendizagem de inglês por *WhatsApp*.

4.1 SOBRE A CONSTITUIÇÃO DO GRUPO: CONDIÇÕES INICIAIS, REGRAS DE BAIXO NÍVEL E PERTURBADORES DA ORDEM NO SISTEMA

O grupo de aprendizagem de inglês por *WhatsApp* estudado foi considerado com um SAC por entendermos o papel da complexidade *a priori*. Conforme Larsen-Freeman (1997), os sistemas adaptativos complexos são dinâmicos, complexos, não-lineares, caóticos, imprevisíveis, sensíveis às condições iniciais, abertos, auto organizáveis, sensíveis ao *feedback* e adaptativos. Neste trabalho, para melhor compreender a constituição do grupo, nos deteremos a observar duas características do grupo como SAC, que são as condições iniciais e as regras de baixo nível. No grupo estudado, entendemos que a interação é balizada pelas regras de baixo nível e fomentada pelos perturbadores da ordem no sistema. Tanto a participação dos perturbadores quanto as regras de baixo nível parecem possuir uma estreita relação com as condições iniciais do sistema.

Larsen-Freeman (1997:144) destaca, como uma das características para a imprevisibilidade de determinado sistema, sua sensibilidade às condições iniciais. Tal sensibilidade estaria relacionada ao fato que “[u]ma pequena mudança nas condições iniciais pode ter vastas implicações para o comportamento futuro” ao mesmo tempo que “[...]o comportamento de sistemas com diferentes condições iniciais, não importa o quão similar seja, diverge exponencialmente conforme o tempo passa”⁷¹. Inicialmente, pensamos que a criação do grupo como espaço para prática da língua inglesa compreenderia as condições iniciais. Esse aspecto foi mencionado em entrevista, excerto 05, pelo Participante 07, um dos criadores do grupo

Excerto 05

09 de setembro de 2016

20:29 – Pesquisadora: 1. Quando você passou a fazer parte do grupo?

20:29 - Pesquisadora: Pode ser uma previsão aproximada

20:30 - Participante 07: Bom, eu juntamente com Participante 01, Participante 02 e Participante 09 criamos desde 2014.

[...]

20:31 - Pesquisadora: 2. Quais os motivos os levaram a fazer parte de um grupo de aprendizagem de inglês por whatsapp?

20:34 Participante 07: Bom, nós acreditamos que isso iria quebrar com aquele tabu de que língua estrangeira só se aprende quando se mora no determinado lugar em questão. Então resolvemos trazer uma miscigenação com pessoas do mundo todo. Assim não só a língua inglesa viria a ser aprendida mas qualquer outra.

Contudo, ao longo das observações, outros aspectos também ficaram visíveis como condições iniciais do grupo:

Excerto 06

7 de outubro de 2015

Participante 02: This group has already have 1 year

Participante 06: Cool , Participante 01

Participante 02: But this is a new one

Participante 01: Yeah

Participante 02: Already is 1 year**

Participante 02: I met you guys on July of the last year

Participante 06: Cause of me , the old group damage 😊😊

Participante 01: Hahahah😊😊😊😊

Participante 02: Because of you??

Participante 02: What happened??

Participante 06: Ask Participante 01

Participante 06: 😊😊😊

Participante 02: I dont remember

Participante 01: You were making waves there, that's why'😊😊😊

Participante 06: Kkkkkk

⁷¹ [a]slight change in initial conditions can have vast implications for future behavior” [...] “[...] the behavior of systems with different initial conditions, no matter how similar, diverges exponentially as time passes” (LARSEN-FREEMAN, 1997:144).

Participante 04: I remember
 Participante 04: Hahahahahagga
 Participante 01: 😊😊😊
 Participante 06: Shhhhhhhhh 🤫🤫
 Participante 06: I guess I do
 Participante 01: That was funny though 😊😊
 Participante 02: Tell me Participante 01
 Participante 02: Now Im curious
 Participante 06: 😊😊😊
 Participante 02: I mean
 Participante 02: I dont remember what happend properly
 Participante 01: I don't remember who did that to Participante 06 but I remember that he says " I removed everybody because of Participante 06, she is making waves here and getting in troubles " 😊
 Participante 02: Ooh gosh!
 Participante 06: Hahahaaaa
 Participante 02: I remember now!!
 Participante 02: 😊😊😊😊😊

Nas condições iniciais acima, é fundamental levar em conta o papel do contexto. Alguns dos participantes já interagem por meio de outro grupo, também com o objetivo de praticar a língua inglesa. Todavia, devido a desentendimentos e situações de conflito entre alguns membros, aquele grupo foi excluído, sendo então criado um novo, o qual foi o estudado nesta pesquisa. Assim, o contexto daqueles participantes parece assegurar a existência de condições iniciais, uma vez que a relação entre eles serve como contexto inicial para as interações. Nesse sentido, o grupo estudado parece ter, como condições iniciais, ser um espaço amistoso para a prática da língua inglesa, o que está diretamente relacionado às regras de baixo nível.

O grupo observado possui 05 regras de conduta/boa convivência, as quais são divulgadas e lembradas pelos seus administrados. Pensamos que elas poderiam ser consideradas regras de baixo nível.

Excerto 07

usEnglish GroupGB

RULES

1. NO Merchandising about other groups. If people want to join another one, they just ask for it!
2. NO OTHER language than ENGLISH is allowed there.
3. NO NUDES.
4. No contents that may harm people's feeling.
5. NO Religion talk.

The comprehension of these rules are very important for our good manners in relation with other members and it shows that you are a very polite person.

THANK YOU!!

- The Administrators –

Nesse sentido, Vetromille-Castro (2009:126) destaca que “[...]regras de baixo nível que regem os sistemas complexos são aquelas mais sólidas e menos suscetíveis

a alterações internas ou externas”. Johnson (2001:18), por sua vez, menciona que “[o] movimento de regras de baixo nível a níveis mais altos de sofisticação é o que chamamos de emergência”⁷².

As regras mencionadas no excerto 07 estão relacionadas às condições iniciais do sistema, tendo em vista que sua criação e seu cumprimento parecem zelar para que não ocorra novamente um desentendimento entre os membros do grupo, situação em que o sistema, anteriormente, perdeu sua coesão. Sendo assim, representa ser fundamental que, conforme a regra 04, não seja compartilhado ou falado sobre algum assunto que possa ferir ou causar mal-estar aos participantes, uma vez que esse poderia ser um motivo para a perda de coesão do espaço. Também se percebe que as demais regras seriam derivações da regra 04, pois todas elas tratam, de modo geral, sobre o causar certo incômodo aos demais. Um exemplo disso pode ser visto no excerto 08:

Excerto 08

30 de julho de 2015

[...]

Participante 06: People change religion only for two reason

Participante 01: Which ones?

Participante 06: If I tell here... It's will be World War III

Participante 01: So, don't say any word. 😊

Participante 06: Yes... That's why I am quite 😊

Participante 08: Participante 06 will be the first person to fight

Participante 07: Respect religion

Participante 02: Please, DONT say anything that gives us reason for starting a fight!

Surge, no grupo, uma discussão sobre religião, excerto 08, e, mesmo que inicialmente tenha sido descumprida a regra 05 ao ser sido abordado o referido tema, os Participantes 01 e 07 pedem cuidado quanto ao assunto em pauta, enquanto o Participante 02 faz um apelo para que não seja tratado sobre nenhum assunto que possa dar início a um desentendimento.

Conforme relatado pelo Participante 07, excerto 09, o grupo apresenta uma boa convivência entre seus membros, o que estaria relacionado às condições iniciais e às regras de baixo nível do grupo.

Excerto 09

09 de setembro de 2016

20:38 - Pesquisadora: Você considera esse grupo diferente de outros? Por que?

⁷² [t]he movement from low-level rules to higher-level sophistication is what we call emergence (JOHNSON, 2001:08).

20:39 - Participante 07: Diferente não seria a palavra correta já que os outros possuem a mesma finalidade. Eu diria que nosso grupo é miscigenado como já havia dito antes. E com uma boa convivência entre os participantes que nele estão inseridos.

Embora as regras de convivência no grupo sejam consideradas regras de baixo nível, elas não são cumpridas o tempo todo; há momentos de alternância em que é utilizado o português ou são utilizadas outras línguas, por exemplo, embora haja um cuidado maior em relação ao cumprimento da regra 04. O descumprimento das regras, em alguns momentos, também foi visível em entrevista realizada com o Participante 10:

Excerto 10

15 de setembro de 2016

19:04 - Pesquisadora: 3. Are you a member of other groups? Do you consider English Group different? Why?

19:08 - Participante 10: Yes I'm, Of course yes I consider that, because each English group has its own motivation and different type of people. Sometimes they talk about different Subject like Religion, Behavior and so on...

O Participante 04, por sua vez, mencionou, durante a entrevista, o papel dos administradores do grupo em relação à definição e ao cumprimento das regras de baixo nível:

Excerto 11

11 de setembro de 2016

20:02 - Pesquisadora: 3. Você faz parte de outros grupos? Você considera esse grupo diferente de outros? Como?

20:03 – Participante 04: sim, participo de outros grupos, entretanto todos eles possuem características similares, variando apenas quanto a organização dos administradores.

20:05 - Pesquisadora: Só mais uma pergunta sobre isso, como você se referiria à organização dos administradores, no sentido de dinâmica/regras e tal?

20:07 Participante 04: Isso em alguns grupos os administradores possuem mais cuidado quanto a aplicação de regras e desenvolvimento de dinâmicas, porém os grupos de whats app são bem estáticos, variando de períodos em períodos dependendo da dedicação de cada membro.

As regras de baixo nível também são menos propensas a mudanças (internas ou externas), pois houve uma tentativa de estabelecimento de outras regras de baixo nível, porém, estas não obtiveram sucesso, ou seja, não foram absorvidas pelo grupo nas interações subsequentes, conforme demonstrado no excerto 12.

Excerto 12

31 de dezembro de 2015

Participante 02: Well, the group has been a little dead recently

Participante 02: But always when we say we re gonna start this, the group dies again 😊😊😊

Participante 05: lol

Participante 05: yes but what If we had a specific group about that stuff?

Participante 02: 😊😊😊

Participante 02: Well, you launch this idea before Participante 05

Participante 02: I remember when you told me
 Participante 02: But you didnt creat anything
 Participante 02: *Create
 Participante 02: **You launched
 Participante 05: no I didn'
 Participante 02: Have you given up?
 Participante 05: nope
 Participante 02: But it is hard to find people who wants to join these kind of groups on wpp
 Participante 05: yes it is but although it has only few people it would still be good
 Participante 05: I think
 Participante 02: Yeah, but at least 5 people the group should have in
 Participante 02: Not less than that
 Participante 05: yes...then we could choose a everyday topic so we talk about for example "linking words"
 ,"dependent clauses", etc..
 Participante 02: Yes... it is a great purpose!
 Participante 05: the group's name would be: Topic: "something"
 Participante 05: yes
 Participante 02: The Group's name can be changing everyday for people to see what is the today's topic!
 😊
 Participante 05: the people would give exaples in the day's topic
 Participante 05: on the*
 Participante 02: And this way, the group would never die 😊😊
 Participante 05: yes bro that's it
 Participante 02: We could make a schedule
 Participante 05: yes
 Participante 02: For the week, or for the month
 Participante 05: yesss
 Participante 05: nice one bro!!
 Participante 05: then people could send articles, links, videos on the day's topic
 Participante 05: etc..
 Participante 02: Yes, right
 Participante 02: We have to run after these people then
 Participante 05: yess let us go then😊
 Participante 05: Examples of Dependent Clauses

A dependent clause is a group of words with a subject and a verb. It does not express a complete thought so it is not a sentence and can't stand alone. These clauses include adverb clauses, adjective clauses and noun clauses.

Adverb Clauses

Adverb clauses modify verbs and begin with subordinating conjunctions.

Here are examples of dependent clauses that are adverb clauses:

- ✓When the president arrives
- ✓Because I can't wait for the bus
- ✓As if he knew what was going to happen
- ✓Than his sister canlf you can work on Sundays

[...]

Conforme o Participante 02 ressalta, o Participante 05 já havia sugerido a criação de determinadas regras/atividades, a fim de fomentar as interações no grupo. Todavia, como demonstrado no diálogo, houve a sugestão sem implementação prévia. Percebe-se, portanto, uma preocupação para que o grupo não passe por um período

de inatividade, pois, ao empreender determinadas atividades, o Participante 02 aborda que o grupo nunca “morreria”, ou seja, não cessariam as interações. Os participantes também se preocupam com o número de membros que poderia se engajar na prática sugerida, mencionando uma média de 05 pessoas. Isso permite a reflexão sobre engajamento efetivo e engajamento ocasional no grupo, uma vez que, conforme entrevista realizada com o Participante 05, excerto 13, dos 89 membros, observado o momento de realização da entrevista, cerca de 10% estão efetivamente engajados nas interações. Ressalta-se, contudo, que esse número pode oscilar significativamente.

Excerto 13

[...]

11/09/16, 20:08 – Participante 05: bem, falando sobre os que realmente estão interessados, eu admiro a força de vontade e disposição destes

[...]

11/09/16, 20:08 – Participante 05: muitos estão lá e nunca participam

11/09/16, 20:10 - Pesquisadora: Pois é, eu percebi que, sei lá, dos 80 membros que deve ter, uns 20, no máximo, participam...

11/09/16, 20:10 – Participante 05: 20?kkk

11/09/16, 20:11 – Participante 05: acho que nem isso

11/09/16, 20:11 - Pesquisadora: Acho que fui otimista demais né?! Kkkkkk

11/09/16, 20:11 – Participante 05: da pra contar nos dedos

Constatou-se, a partir das observações, que a participação de determinados membros parece exercer perturbação da ordem no sistema, seja acarretando interações subsequentes ou auxiliando outros participantes em aspectos relacionados à língua. Utiliza-se o conceito de perturbador em uma visão complexa, em detrimento da visão tradicional do professor, tendo em vista que esse papel “[...]abarca ações que visam tirar os indivíduos de um estado passivo e estacionário, levando-os ao movimento em direção aos demais elementos sistêmicos, sejam eles ferramentas ou outros indivíduos”. Nesse sentido, as atitudes do professor enquanto perturbador “[...]vão mais no sentido de propor desafios e causar pequenas instabilidades nos participantes [...] que os levem à atuação autônoma e colaborativa, do que na direção do simples fornecimento de respostas” (VETROMILLE-CASTRO, 2007:210-211).

Cita-se, na sequência, alguns exemplos de perturbação da ordem no sistema:

Excerto 14:

5 de outubro de 2015

Participante 07: Good morning

Participante 23: Usually, the past tense of "I am" is "I was". But only in one occasion, we use "I were". When we use "I were"?

Participante 11: I don't know

Participante 02: Participante 23,

I think it is used in the sentences you PRETEND being somewhere or someone, for example:

"I wish I were a bird" and in the conditional:

"If I were you, I wouldnt do such a thing"

Participante 23: Yeah perfect. I remember that : If I were *** 🙌🙌🙌🙌🙌🙌🙌🙌🙌🙌🙌🙌

Participante 02: Participante 24, am I right? Do you agree?? 😊

Participante 11: Who is Participante 24?

Participante 23: Super knowledge in english shefeefa

Participante 24: Someone told me the second one is correct not the first one.

"If I were you"

Participante 23: Like: if I were a bird, I would have reached everest now..

Participante 02: So the first one would be, I wish I WAS??

Participante 24: Yes

Participante 02: Cool! 🙌

No excerto 14, o Participante 23 pergunta sobre a utilização da forma verbal “I were” no modo subjuntivo da língua inglesa. O Participante 02 manifesta-se em relação à dúvida e, mesmo sabendo a resposta, utiliza a expressão “I think...”, evitando uma imposição de regra, formulando uma explicação por meio de exemplos. O Participante 23 parece satisfeito com a resposta e também ter compreendido a explicação, tanto que demonstra aprovação por meio da utilização repetida do *emoji* batendo palmas. Contudo, o Participante 02 questiona ao Participante 24 sobre sua explicação, demonstrando dialogicidade e colaboração no grupo⁷³.

Excerto 15:

31 de outubro de 2015

Participante 02: I'm fine! I just woke up 😊

Participante 02: What do you do for living?

Participante 25: Haiti and you

Participante 02: What do you do for living = do you have a job?

Do you study?

Participante 25: I'm at study

Participante 25: And you

Participante 02: I'm a musician and I take a course at a college

No excerto 15, o Participante 02 faz uma pergunta, a qual não é compreendida pelo Participante 25. Assim, o Participante 02 explica ao que ele se referia anteriormente, utilizando duas perguntas como exemplo. Em vez de traduzir literalmente a questão, ele utiliza perguntas para que o Participante 25 compreenda seu sentido. Apesar de compreender o que estava sendo perguntando, o Participante 25 utiliza uma expressão gramaticalmente não bem aceita para responder, porém, por compreender o sentido da resposta, o Participante 02 não o corrige.

⁷³ Apesar de o Participante 24 ter mencionado que a forma correta para “I wish I were a Bird” seja “I wish I was a bird”, ambas as construções são consideradas corretas, no que se refere à gramática da língua inglesa, embora a primeira sentença tenha maior aceitação em uma concepção tradicional da gramática, a a segunda só tenha conseguido esse lugar mais recentemente.

Excerto 16:

1 de dezembro de 2015

Participante 01: Yesterday, I learned a nice phrasal verb and I want to share it with you guys.

RUB IT IN

Jogar na cara

You earn more money than me, you don't need to rub it in.

Participante 01: To*

Participante 14: It also can be: rub things on my face

Participante 01: I didn't know about this one

Participante 15: Good brother

Participante 15: I will note it

Participante 01: Thanks

No excerto 16, o Participante 01 compartilha um verbo frasal que acabou de aprender. É importante situar, como contexto da interação, que, no momento em que o Participante 01 manifesta-se, o grupo passava por um período de inatividade. Por meio de sua manifestação, mais dois participantes engajam-se no diálogo, sendo possível perceber que a aprendizagem parece se constituir de forma colaborativa, uma vez que ele aprende outro aspecto como o Participante 14, e o Participante 15, por sua vez, demonstra ter aprendido algo novo ao expressar que vai “anotar a dica”.

Com base nos excertos 14, 15 e 16, percebe-se, por parte de alguns membros, um engajamento e uma postura que poderia ser aproximada da de um perturbador. Nesse contexto, durante as entrevistas, foi feito o questionamento sobre se algum membro auxiliava-o na aprendizagem da língua, a partir do qual foram obtidas as seguintes respostas:

Excerto 17

15 de setembro de 2016

15:35 - Pesquisadora: 4. Algum membro em especial lhe auxilia na aprendizagem/prática da língua?

15:36 – Participante 01: Sim, algumas pessoas.

Eu na verdade estou sempre aprendendo nos grupos através das pessoas.

15:39 - Pesquisadora: Só mais uma coisa sobre essa pergunta... Você destacaria alguém em especial?

(Não se preocupe, que não vou divulgar nenhum nome :) e você acha que amizade entre os membros do grupo é um fator que influencia?

15:42 – Participante 01: Participante 04, Participante 06 e Participante 08.

Sim, é uma grande influência.

15:43 – Participante 01: Isso não só influencia quem está no grupo, mas até quem está de fora.

15:44 – Participante 01: Essa semana eu adicionei duas meninas, elas não sabem nada de inglês mas viram uma amiga e quiseram aprender e entrar no grupo

Excerto 18

10 de setembro de 2016

18:12 - Pesquisadora: 4. Algum membro em especial lhe auxilia na aprendizagem/prática da língua?

18:16 – Participante 02: Hmm... Tem várias pessoas lá que são excelentes aprendizes e ao mesmo tempo, educadores também. Acho muito boa a atuação do Participante 05 naquele grupo. Ele realmente

se interessa em aprender a língua e sim, às vezes me auxilia em algumas dúvidas que tenho como eu também o faço.

Excerto 19

11 de setembro de 2016

20:09 - Pesquisadora: 4. Algum membro em especial lhe auxilia na aprendizagem da língua? Caso a resposta seja positiva, Como?

20:12 - Participante 04: Sim, durante todos esses anos desenvolvi amizades que sempre me ajudaram a me manter motivado, podendo contar com a ajuda deles a qualquer momento do dia para tirar dúvidas, praticar e discutir novas ideias, sendo eles, Participante 02 e Participante 01

Excerto 20

11 de setembro de 2016

20:00 - Pesquisadora: 4. Algum membro em especial lhe auxilia na aprendizagem/prática da língua?

20:01 – Participante 05: eu sempre converso com o Participante 02

20:01 – Participante 05: e com o Participante 02 bem raramente

Excerto 21

09 de setembro de 2016

20:41 - Pesquisadora: 4. Algum membro em especial lhe auxilia na aprendizagem da língua? Como?

20:45 – Participante 07: Bom. No meu aprendizado em particular não. Pois eu possuo muitos contatos no exterior então aprendo com os próprios nativos. Mas se tem alguém que merece todo o crédito pelo aprendizado de muitos ali é o Participante 02. Ele é muito dedicado e está sempre disposto a ajudar os integrantes do grupo

Observa-se, diante do exposto, que o grupo constituiu-se como um espaço “seguro” e amistoso para prática da língua inglesa, conforme condições iniciais; há também uma preocupação, por meio das regras de baixo nível, para que não seja causado desentendimento, o que pode acarretar a perda de coesão do grupo. Depreende-se que a emergência do comportamento de perturbadores da ordem no sistema está relacionada às condições iniciais e regras de baixo nível, além do engajamento ativo entre os membros. Os Participantes 01, 02, 05 e 07 parecem causar perturbação da ordem no sistema através de suas interações e intervenções. A postura do Participante 02 aproxima-se da de um professor perturbador, embora, em alguns momentos, os participantes 01, 05 e 07 também exerçam esse papel. Entende-se que, no grupo, não há a presença oficial de um professor, mas de alguns membros que exercem o papel próximo ao de um professor perturbador, especialmente o Participante 02; porém, esse papel não é performado o tempo inteiro. O papel da perturbação, nesse sentido, é muito importante ao ponto que parece fomentar a interação no grupo, uma aprendizagem colaborativa e, com base no contexto, a emergência *affordances*, o que é visto na sequência, na segunda etapa da análise dos dados.

4.4 JÁ ACABOU WHATSAPP? O GRUPO SOB UMA VISÃO ECOLÓGICA

Nesta segunda etapa da análise dos dados, é visto o funcionamento do grupo, a fim de analisar as interações entre os participantes, procurando perceber a emergência sistêmica de *affordances*, especialmente linguísticas, que auxiliam no processo de aprendizagem e de prática da língua inglesa, assim como contribuem para a coesão do grupo. Na seção também aparece o papel da autonomia no grupo.

Excerto 22

12 de agosto de 2015

Participante 01: "Here is your change"

Is it what the seller says when you buy something and rest some money

[...]

Participante 01: Like, I buy a , it is 99 but I give the seller 100...

Participante 08: No that means

Here is your change.

Participante 01: What is the name of this money that rest?

Participante 01: In Brazil we say, 'troco'

Participante 08: For example

you gave \$1.00 for flashlight

Flashlight cost \$0.99

Change is \$0.01

Participante 01: Here is your change, 1\$

Participante 08: Change can mean coins or the amount left over from what you paid.

Participante 01: Humm.. I got it, thanks👍

Participante 08: *Amount

Participante 08: No problem but you understand right

Participante 01: I gotta go now, tomorrow I have to work early☺

No excerto 22, há uma discussão sobre o significado da palavra 'change'. O Participante 01 utiliza, em sua explicação, um recurso semiótico, que é o *emoji* da lanterna. Tal uso poderia ocorrer por dois motivos: a) ele pensou em um exemplo utilizando a palavra "lanterna" e, talvez, por não saber o termo em inglês, "*flashlight*", utilizou o *emoji*, o que já seria uma *affordance* ou b) utilizou o *emoji* como um recurso para sua explicação, acarretando uma relação de possibilidade com o uso da imagem, escolhendo uma *affordance* relevante para o momento. Percebe-se, também, a noção de emergência (KRAMSCH, 2008; VAN LIER, 2004): de gramática, quando é demonstrado um exemplo de uma prática "correta" da língua; simbólica (lanterna), quando emerge das ferramentas disponíveis no aplicativo (*emoji* lanterna), e a aprendizagem então pode ter emergido da participação e interação entre os membros

do grupo. Por fim, aparece, nesse diálogo, a noção de relações (VAN LIER, 2004), pois, em uma visão ecológica, entende-se a linguagem como um sistema de relações, a qual foi sendo construída por meio dos sistemas icônicos e simbólicos, através da relação entre as sentenças e o uso do *emoji*.

Excerto 23

17 de dezembro de 2015

Participante 01: My English class guys
(compartilha video na aula)

Participante 01: I am next to the girl

[...]

Participante 04: I've never used slide on my English classes Participante 01 ^^

Participante 05: he appears to be such a good teacher

Participante 01: But one of the greatest among them

Participante 04: you teacher's pronunciation is pretty good btw

Participante 05: yes it is

Participante 01: He is really good

No excerto 23, o Participante 01 está em sua aula de inglês e compartilha um vídeo. Destaca-se que o *WhatsApp*, até o momento, não possui ferramenta para envio direto de um vídeo, como ocorre com as fotos. Assim, possivelmente o Participante 01 gravou o vídeo separadamente e teve a preocupação de enviar para o grupo em tempo real, a fim de compartilhar um evento discursivo de prática da língua. Isso pode ser visto como um fator possibilitador para a emergência de *affordances*, uma vez que ele escolheu uma *affordance* significativa para o momento. Essa *sua* escolha também levou a um nível mais bem-sucedido de interação no momento em que o Participante 04 comenta nunca ter trabalhado com *slides* em suas aulas de inglês e ele, juntamente com o Participante 05, engajam-se na observação da aula, assim como na da pronúncia do professor. Nesse diálogo, também se percebe a escala de tempo (KRAMSCH, 2008), à medida que o evento discursivo está marcado não só por ações presentes, mas por experiências e memórias, sejam por parte da experiência de participação na aula do Participante 01, seja pelas memórias invocadas sobre as aulas de inglês do Participante 04.

Excerto 24

1 de março de 2016

Participante 21: What is the difference about

Have had

Had had

Qual o tempo verbal?

Participante 04: hahahahahha nooooo

Participante 04: I always mix them hahah

Participante 04: I can't not explain the difference
 Participante 04: maybe Participante 02 can help you
 Participante 04: I know it is the pass
 Participante 21: But ,past continuous end ???
 Participante 04: had had = an action in the past that happened in a specific time .
 have had = an action in the past that continuous in the present
 Participante 04: I'm not sure about that
 bcs i think it is correct
 Participante 21: Thanks it's help me
 Participante 21: 👍
 Participante 02: Participante 04,
 You're right! You explained it well!
 Participante 02: Have had = I HAVE HAD some problems with him = "Eu ESTOU TENDO uns problemas com ele". Isso começou no passado e ainda acontece até hoje.
 Participante 02: Had had = I HAD HAD some problems with him = "Eu TINHA uns problemas com ele". Aconteceu no passado mas não acontece mais.
 Participante 02: But sincerely, I can not understand why you have to write Double 'HAD'. It doesn't make sense in portuguese
 Participante 05: how about "I've been having"?
 Participante 04: have been having = eu tenho tido problemas, an action that happened in the past but still continues in the present
 Participante 05: Have had = I HAVE HAD some problems with him = "Eu ESTOU TENDO uns problemas com ele". Isso começou no passado e ainda acontece até hoje.
 Participante 04: have had e um passado mais distante
 Participante 04: and have been é uma ação mais continua, se eu falar "I HAVaw been having problems with him " isso significa que todo dia a pessoa está discutindo com vc ...
 Participante 05: I knew it
 Participante 05: thanks any way
 Participante 19: the difference is in the continuous you need time
 Participante 19: I have been having problems "since or for"..
 Participante 05: "she related a conversation she had had with her son"
 Participante 19: without time
 Participante 19: I believe "been" is the key
 Participante 05: tinha tido
 Participante 05: A friend of mine mentioned that she had an appointment with her son's Spanish-immersion kindergarten teacher. I knew that regular parent-teacher meetings were not due for a while, and when I asked if there was a problem, she related a conversation she had had with her son. "Mom I can speak three languages now!" he said excitedly.
 "Three?" she questioned.
 "Yes" he replied proudly. "English, Spanish and Inappropriate.

No exemplo acima, excerto 24, percebe-se um engajamento entre os membros para explicar/discutir sobre os tempos verbais do inglês *present perfect* e *past perfect*. Parece ocorrer relatividade de si e do outro (KRAMSCH, 2008), no momento em que o Participante 04, mesmo externando sua incerteza quanto aos tempos verbais, explica ao Participante 21 seu entendimento, respondendo ao que o outro participante gostaria de ouvir e sendo empático. Isso também poderia ser relacionado ao altruísmo humano proposto por Tomasello (2008, 2009), no momento em que ele fornece informações com o intuito de ajudar o outro em situação de necessidade e, nesse caso, uma dúvida quanto à determinado aspecto da língua. A atividade (VAN LIER, 2004) também parece

ser um aspecto muito importante para o estabelecimento do diálogo, pois uma língua está situada no mundo e para o mundo e, para tanto, é fundamental a interação.

Também se observa a emergência (KRAMSCH, 2008; VAN LIER, 2004) no momento em que a aprendizagem de uma língua não ocorre a partir de um novo conteúdo ou aspecto, mas sim com base nas relações que são construídas. Nesse sentido, o Participante 05 parece construir relações entre os aspectos gramaticais discutidos no grupo por meio de uma piada, a qual tem sua compreensão perpassada pelo tempo verbal *past perfect*, ou seja, ocorre uma reorganização, por meio da piada, do que estava sendo discutido.

Excerto 25

17 de dezembro de 2015

Participante 19: .

☹

👉 |||

^

Esperando cortarem meu whats

Participante 09: Hahahaa

Participante 20:

(•_•)

<)) já

/\

(•_•)

\((> acabou

/\

(•_•)

<)) WHATSAPP?

/\

VOLTA AQUI

Participante 09: My gosh.. I thought my whats was gone

Participante 20: No yet

Participante 02: But it will

Participante: Many people ran out of whatsapp

Uma *affordance* acontece a partir das características que determinado contexto possibilita (VAN LIER, 2004). Nesse sentido, o excerto 25 possibilita a emergência de *affordances* linguísticas tanto pelos usos que foram feitos com caracteres para ilustrar determinado desenho marcado por diversas significações, quanto com o que acontece a partir da manifestação do Participante 19, ou seja, o engajamento de outros participantes no diálogo.

Pela importância do contexto em uma visão ecológica (VAN LIER, 1996, 2004, 2008; KRAMSCH 2008; KRAMSCH e STEFFENSEN 2008), menciona-se, em um primeiro momento, o pano de fundo para essa interação. Em 2015, o *WhatsApp* sofreu

seu primeiro bloqueio a pedido da justiça brasileira, ficando indisponível por 48h⁷⁴. Conforme é relatado pelo Participante 02, várias pessoas deixaram de usar o aplicativo pela incerteza de sua liberação; todavia, em 2016, devido a situações semelhantes, o aplicativo foi bloqueado por mais duas vezes⁷⁵, tendo os serviços restabelecidos posteriormente. O participante 19 utiliza uma imagem, construída a partir de caracteres disponíveis no aplicativo, para, com teor humorístico, demonstrar sua espera pela suspensão do serviço. A partir da manifestação do Participante 20, emerge uma *affordance* dessa situação para compartilhar uma figura, a qual, conforme as relações (VAN LIER, 2004) necessárias para plena compreensão de determinado evento discursivo, refere-se ao viral/meme⁷⁶ “já acabou Jéssica”, que circulou amplamente na Internet ao final de 2015. Destaca-se, ainda, a alternância entre palavras escritas com letras maiúsculas e minúsculas, pois, nas conversas desenvolvidas por meio da Internet, há um consenso de que escrever uma palavra/frase em letras maiúsculas indica alteração no tom de voz/grito. Assim, no texto enviado pelo Participante 20, mais uma vez, é feita referência ao meme, pois uma das participantes alterna o tom de voz conforme se dirige à Jéssica.

Em uma visão crítica (VAN LIER, 2004), os fenômenos devem ser percebidos criticamente e, mesmo com o cunho humorístico, questões de gênero suscitadas por esse meme devem ser problematizadas, pois parte do humor presente no vídeo reside no fato de que a briga é protagonizada por duas meninas, sendo que uma delas, a qual foi confrontada, ao final da briga levanta, coloca as mãos na cintura (como a figura enviada pelo Participante 20 sugere) e questiona “Já acabou, Jéssica?”. O meme parece reforçar uma visão que vem sendo discutida nos círculos feministas sobre a questão da competição entre as mulheres. Esse trecho também poderia estar relacionado ao aspecto da escala de tempo, proposta por Kramsch (2008), à medida que os significados do ato discursivo são marcados por ações presentes, passadas e futuras, assim como memórias e experiências.

⁷⁴ <https://www.tecmundo.com.br/whatsapp/91909-whatsapp-bloqueado-brasil-48h-justica-bloqueia.htm> acesso em 07 de janeiro de 2017

⁷⁵ <http://www1.folha.uol.com.br/mercado/2016/05/1766869-justica-determina-bloqueio-do-whatsapp-em-todo-o-brasil-por-72-horas.shtml>; <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2016/07/whatsapp-deve-ser-bloqueado-decide-justica-do-rio.html>; acesso em 07 de janeiro de 2017

⁷⁶ Meme é um termo grego que significa imitação. O termo é bastante conhecido e utilizado no "mundo da Internet", referindo-se ao fenômeno de "viralização" de uma informação, ou seja, qualquer vídeo, imagem, frase, ideia, música e etc, que se espalhe entre vários usuários rapidamente, alcançando muita popularidade. Disponível no site <https://www.significados.com.br/meme/>, acesso em 07 de janeiro de 2017.

Excerto 26

23 de dezembro de 2015

Pesquisadora: I saw someone had said before that gauchos were from Mato Grosso

Pesquisadora: Well, there are many gauchos in Mato Grosso but we live in Rio Grande do sul actually

Participante 04: kkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkk

Participante 04: thats true

Participante 04: There are

Pesquisadora: Hehehe

Participante 02: Gaúcho means weak in spanish? 😏😏😏😏😏😏

Participante 19: 😏

Participante 19: Gaucho is the strongest in Brazil

Participante 21: ?

Participante 05: 😏🐒 (emoji sarcástico – sorriso de canto e olhar debochado e emoji do macaquinho com as mãos na boca)

Participante 19: (emoji pensativo)

O diálogo presente no excerto 26 teve início no momento de o Participante 02 dizer que havia muitos gaúchos no grupo; a partir disso, alguns participantes (brasileiros) disseram que gaúchos eram naturais do Mato Grosso. A pesquisadora participou, dizendo que, embora muitos gaúchos morassem no estado do Mato Grosso, eram naturais do Rio Grande do Sul. Na sequência, o Participante 02 questiona se o termo “gaucho” significaria fraco em espanhol. Para compreender o diálogo, é importante levar em conta as relações e o contexto (VAN LIER, 1996, 2002, 2004), assim como a escala de tempo (KRAMSCH, 2008), uma vez que os significados ultrapassam tanto o limite das frases quanto as interações do momento. Quando o Participante 19 diz que os gaúchos são os mais fortes no Brasil, provavelmente faça referência ao mito do centauro dos pampas, da figura estereotipada e masculinizada do gaúcho, presente no imaginário coletivo e, conforme Lisboa de Mello, Zilbermann e Bernd (2004), criado pelo Partenon Literário gaúcho do século XIX. É importante destacar que o Participante 19 é gaúcho e talvez, por esse motivo, ocorra a identificação com o mito e a utilização do emoji surpreso. A partir disso, o Participante 05 utilizou dois *emojis*: um olhar sarcástico e o macaco com as mãos na boca, sendo que, conforme o site *Emojipedia*, o macaco com as mãos na boca (speak-no-evil-monkey) é utilizado para indicar brincadeira. Entende-se que, a partir da utilização do conjunto de *emojis* pelo Participante 05, ocorre emergência de *affordances*, pois, por meio apenas de uma imagem, presente no próprio aplicativo, conseguiu transmitir uma mensagem repleta de significações, decorrente do diálogo. Ao utilizar o sarcasmo e a brincadeira, o participante parece estar questionando a figura do gaúcho forte e, nesse

sentido, bastante masculinizada. Isso vai ao encontro do proposto por Van Lier (2004:63), pois

[s]ignos não são objetos 'lá fora', nem pensamentos 'aqui', mas relações de relevância entre a pessoa e mundo, física, social e simbólica. Signos são *affordances* mediadas, portanto eles iniciam como relações dialógicas entre a pessoa e 'alguma coisa lá fora'⁷⁷.

Excerto 27

4 de outubro de 2015

Participante 05: brown nose

1) Someone who sucks up to you to gain your favor. This is done by doing stuff for you for no apparent reason, laughing at stuff you do that wasn't suppose to be funny, agreeing with everything you say, etc...

Participante 05: 🙄👃

Participante 05: 😂😂😂😂😂

Participante 13: Hahaha

Participante 24: Yep😊

Participante 05: In Portuguese we say "baba ovo " ou "puxa saco"

Participante 05: Lol

Participante 24: I will write this phrase down😊👉

Participante 02: Cool Participante 05

Participante 02: Thanks

Participante 02: Me too, Participante 24 😂😂

Participante 24: Haha

Participante 05: Yes when the nose is too close to the ass it becomes brown😊😊😊

Participante 02: I know this one as "Ass kisser" too Participante 05

Participante 02: Puxa-saco = ass kisser

Participante 05: Good one as well! 😂😂

No excerto 27, exposto anteriormente, o Participante 05 compartilha uma nova expressão no grupo. Por meio de sua participação, três outros membros engajam-se no diálogo. No momento em que o Participante 24 diz que vai anotar a frase, e o Participante 02 reitera, pode-se compreender que a expressão foi algo novo e significativo para eles, pois a referência a anotar algo significa guardar para poder fazer posterior referência. Percebe-se a emergência de *affordances* linguísticas na quase totalidade das interações, desde o momento que o Participante 05 refere-se à expressão, passando à ilustração por meio da utilização combinada de *emojis*, pela relação feita à expressões do português, conforme mencionado por ele, pelo dizer do interesse em “guardar” a expressão demonstrado pelos Participantes 24 e 02, até a relação a outra expressão de carga semântica parecida, feita pelo Participante 02.

⁷⁷ Signs are not objects out there, nor thoughts in here, but relationships of relevance between the person and the world, physical, social and symbolic. Signs are mediated affordances, thus they start out as dialogical relationships between the person and 'something out there' (VAN LIER, 2004:63)

Excerto 28

14 de fevereiro de 2016

Participante 05: Why couldn't the skeleton go to the Christmas Party?

Participante 02: Why??

Participante 05: He had no body to go with

Participante 02: Hahahahah 🤪

Excerto 29

05 de setembro de 2015

Participante 02: Knock knock 🖐️📱🖐️📱🖐️📱

Participante 07: Who is it

Participante 07: ?

+55 51 9894-1181: Sorry I m sleeping

Participante 02: A cane

Participante 07: A cane what?

Participante 02: A cane in like a wreeeecking baaa!!!

Participante 07: It's came no?

Participante 02: Sorry, guys 😊😊😊😊😊😊

Participante 01: Participante 02 🖐️

Participante 02: It was terrible

Participante 02: I made up this one

Conforme Van Lier (2002:154), a chave mais importante para se tornar um membro de uma comunidade é a indexação, a qual possibilita diversas atividades semióticas como apontar, referir e/ou participar, e isso permite a construção de *affordances*, sendo que, com a chave dêitica, “o convite à cultura da aprendizagem é possível, e o aprendiz pode ser tornar um ‘signatário’ daquela cultura”. Isso pode ser percebido nos excertos 28 e 29, anteriormente reproduzido. No momento em que o Participante 05 joga com o sentido das palavras na língua inglesa para acarretar humor, ele está sendo, de fato, um signatário da língua e não um mero receptor passivo, pois percebe e utiliza aspectos que estão subjacentes àquela construção linguística. Já no excerto 29, o Participante 02 demonstra ser signatário da língua inglesa no momento em que utiliza o trecho de uma música, a qual fez bastante sucesso no segundo semestre de 2015 (Wrecking ball – Miley Cyrus), para construir uma brincadeira através do jogo linguístico pela rima das palavras came (verbo vir) e cane (bengala). Mesmo que a brincadeira não tenha acarretado o humor que talvez o Participante 02 tenha buscado, apenas por meio de sua tentativa é possível observar um uso consciente e engajado da língua.

Excerto 30

28 de setembro de 2015

Pesquisadora: I want to know if it's possible to learn English from WhatsApp.

Participante 01: I have a friend from Haiti. He is learning Portuguese through WhatsApp. He already speaks Port very well. So I think it's possible.

Participante 02: I think it is possible to learn through WhatsApp. But not the pattern English.

You can learn the informal English

Participante 01: You're not going to learn too much about grammar

Participante 06: But it's important on writing

Pesquisadora: [...] I wanna know how you feel about being part of group and what do you think about learning with others.

Participante 02: I feel like I'm a beloved person here and I love each one here

Participante 06: 👍 👍 (emoji fazendo sinal de positivo, concordando com o que o Participante 02 disse).

No excerto 30, compreende-se o conceito de prática da língua difundido entre alguns membros do grupo: a gramática (tradicional) da língua não será aprendida em primeiro plano e, embora o grupo seja importante para praticar a escrita, o que se sobressai é a prática do “inglês informal”, conforme mencionado pelo Participante 02, o qual se refere, nesse caso, ao “*standard English*”. Essa diferença entre a linguagem formal e informal, mais aceita e menos aceita, poderia ser relacionada a padrões/sistemas (VAN LIER, 2004), pois, em uma visão ecológica, é dada importante atenção à relação entre sistemas linguísticos naturais e normativos.

Também se constata, no excerto 30, a qualidade (VAN LIER, 2004), no momento em que ela está relacionada a questões de cognição e afeto, ao ponto que uma relação entre eles poderia levar a um nível maior de consciência. Talvez esse seja um dos diferenciais do grupo, pois, no momento em que alguns membros sentem-se acolhidos e consideram-se como parte do espaço, eles podem tornar-se mais engajados e aceitos na prática da língua, o que poderia acarretar uma maior consciência sobre seu processo de aprendizagem. Assim, conforme elencado pelos Participantes 02 e 06, ser parte do grupo não se restringe apenas à prática da língua, porquanto o vínculo afetivo entre os membros também é um aspecto importante. Quando questionados sobre a possibilidade de aprender inglês através do aplicativo, o Participante 01 reafirmou a viabilidade, haja vista que um de seus amigos está aprendendo português baseando-se apenas no aplicativo *WhatsApp*. A concepção da necessidade de instrução formal para adquirir uma “forma padrão” da língua também ficou evidente em entrevista, conforme transcrição a seguir:

Excerto 31

15 de setembro de 2016

15:46 - Pesquisadora: 5. Como você percebe a aprendizagem/prática da língua de forma autônoma, sem a presença formal de um professor?

15:51 - Participante 01: [...] Uma pessoa que quer aprender gramática ele deveria fazer um curso sim.

Sobre o processo de aprendizagem da língua, a partir do excerto 32, na sequência, nota-se a importância de aspectos socioculturais, conforme abordado pelo Participante 10, pois, para ele, o contato com diferentes culturas é muito importante:

Excerto 32

16 de setembro de 2016

20:30 - Pesquisadora: 6. How is it for you being a part of a Group and why do you think it's important?

[...]

21:36 – Participante 10: Being part of a group of English is a Great Experience, because I meet a lot of foreigners Friends and I know more things about other Culture. And I've learnt more foreign Expression. Because of those things I notice it's so important for me.

Esses aspectos também aparecem em entrevista com o Participante 02, excerto 33, na sequência.

Excerto 33

10 de setembro de 2016

18:41 - Pesquisadora: 6. Como é, para você, fazer parte do grupo e em que aspectos você acha que ele é importante?

18:52 – Participante 02: Fazer parte do English Group (e dos outros também) é uma das coisas que já faz parte do meu cotidiano. Não sei mais como seria sem eles. Gosto muito de tudo aquilo.

Os grupos são importantes nos aspectos didáticos e conhecimentos em geral. O montante de coisas sobre culturas de várias partes do mundo que se aprende através dos estrangeiros, é impressionante se pararmos pra pensar. É uma troca de experiências muito grande que se adquire mesmo sendo uma conversa virtual. Podemos tirar várias coisas pra nossa vida pessoal escolar através disso ajudando e enriquecendo o nosso conhecimento geral.

Também é pertinente a discussão sobre diversidade (VAN LIER, 2004) no grupo. Alguns membros consideram a diversidade por meio da participação de membros estrangeiros como um fator positivo (excertos 34, 35 e 36) e, conforme Van Lier (2004), um ambiente multilíngue é mais rico para a aprendizagem do que um ambiente monolíngue.

Excerto 34

15 de setembro de 2016

15:29 - Pesquisadora: 3. Você faz parte de outros grupos? Considera esse grupo (English Group) diferente de outros? Por que?

15:31 – Participante 01: Faço parte de outros 2 grupos de inglês, sim, considero ele diferente pelo fato de ter mais estrangeiros e por ser o mais ativo.

15:33 – Participante 01: "Apesar dele estar morto ainda é o mais ativo" haha

Excerto 35

11 de setembro de 2016

19:58 - Pesquisadora: 2. Qual/quais motivos o levaram a fazer parte de um grupo de aprendizagem de inglês por whatsapp?

20:01 – Participante 04: Durante o processo de aprendizagem, eu procurei diversos meios para praticar o inglês, dentre eles, o whats app se destacou pela facilidade e praticidade de se comunicar com pessoas ao redor do mundo através do inglês

Excerto 36

11 de setembro de 2016

20:15 - Pesquisadora: 6. Como é para você fazer parte do grupo e em que aspectos você acha que o grupo é importante?

20:59 – Participante 05: Fazer parte do grupo é muito proveitoso

20:59 – Participante 05: Os aspectos importantes do grupo são ter pessoas disponíveis vinte e quatro horas por dia já que nele tem pessoas em fusos horários diferentes para tirar dúvidas e para praticar aquilo que se aprendeu

No excerto 37, entrevista realizada com o Participante 07, constata-se certa turbulência em relação à sua participação no grupo, a qual é justificada por motivos de ordem pessoais, aparentemente afetivos. Destaca-se, ainda, conforme elencado pelo Participante, questões referentes ao altruísmo humano (TOMASELLO, 2008, 2009), pois, para ele, é uma realização auxiliar os demais membros por meio da língua inglesa.

Excerto 37

09 de setembro de 2016

20:53 – Pesquisadora: 6. Como é, para você, fazer parte do grupo e em que aspectos você acha que ele é importante?

20:56 – Participante 07: Bom como dizer sem ficar redundante. Atualmente, minhas frequências no grupo tem sido menores por causa dos estudos entre outros motivos pessoais que me afastaram um pouco. Mas é uma realização muito grande poder ajudar as pessoas de uma maneira tão fácil por uma língua tão difícil. Em questão de importância, creio que para um bom amante de linguagens, ele é essencial. Mas para quem quer somente um passatempo deixa de ser essencial e passa a ser monótono

Além disso, conforme o excerto 38, na sequência, é reforçada uma ideia ecológica de currículo, uma vez que, no grupo, “[...] uma pessoa não aprende recebendo ‘input’ [...], mas sim por selecionar informação no meio e com base e guiado por propósitos organicistas [...]”, ou seja, “[...] o currículo não inicia em especificar e sequenciar o material que precisa ser dado/cumprido, porém inicia com as atividades, necessidades e propósitos emergentes do aprendiz” (VAN LIER, 2007:53).

Excerto 38

10 de setembro de 2016

18:03 - Pesquisadora: 3. Você faz parte de outros grupos? Você considera esse grupo (English Group) diferente de outros? Por que?

18:10 – Participante 02: Sim. Faço parte de outros dois grupos no momento. Eu considero o English group diferente dos outros porque lá é um grupo bem formal (e informal ao mesmo tempo). Formal no quesito de que as pessoas estão lá somente pra aprender o Inglês e escrever em Inglês. Temos regras lá e não é permitido outras línguas. Informal no quesito de que aprendemos a língua com conversas cotidianas mesmo. Sem método e tudo mais. Já um dos que participo não tem essa regra. Apesar de ser também um grupo onde se fala a maioria do tempo em inglês.

Em relação à noção de currículo mencionada anteriormente, cita-se, no excerto 39, a seguir, algumas inquietações por parte do Participante 01, sobre a aprendizagem formal da língua, no momento em que o plano de curso de um ambiente formal no qual ele estudava pressupunha conteúdos que não eram significativos para ele, porém precisavam ser cumpridos. Isso não parece acontecer no grupo de aprendizagem via *WhatsApp*, posto que os próprios participantes gerenciam os temas e os aspectos a serem discutidos, havendo uma flexibilidade maior devido a não existência de planos de atividades; além disso, as interações baseiam-se em diálogos, embora o interesse em participar delas varie para cada membro, conforme o Participante 07 pondera (excerto 37). No excerto 39, percebe-se, ainda, uma relação com a variabilidade (VAN LIER, 2004) no momento em que é difundido, em muitos ambientes de aprendizagem, a necessidade de o professor tratar todos os alunos da mesma forma, ou seja, “ensinar” a todos os alunos os mesmos conteúdos e atividades. Nesse contexto, tratar a todos da mesma forma pode estimular ainda mais as desigualdades entre os alunos, uma vez que uma postura homogeneizante pode dificultar a emergência de *affordances* por meio das singularidades e dos usos específicos do contexto de cada aprendiz.

Excerto 39

15 de setembro de 2016

16:02 - Pesquisadora: Pq você recomendaria esse tipo de prática para quem quer aprender inglês?

16:06 – Participante 01: Eu recomendaria porque é um meio menos estressante e você não precisa gastar nada 😊

O curso é muito Bom... Mas no curso você tem que seguir o que está no livro e às vezes você não está com cabeça para estudar aqui ali então a aula acaba ficando chata.

16:07 – Participante 01: Tipo, eu às vezes não queria estudar HORAS e ALIMENTOS em inglês, mas eu era obrigado a estudar porque estava no livro, e a aula acabava ficando um tédio

Assim, o grupo de aprendizagem de inglês estudado não possui planos de curso ou qualquer forma de avaliação, a participação dá-se de forma espontânea. Acredita-se que uma parte das interações no grupo, especialmente por parte dos perturbadores da ordem no sistema, também ocorra em função de aspectos da evolução humana, conforme Tomasello (2008, 2009), da cooperação e do altruísmo, uma vez que, aparentemente, os participantes não ganhariam nenhum benefício material em participar e auxiliar aos demais, embora pareça ser importante sua identidade junto ao grupo. As condições iniciais para a criação do grupo demonstram uma relação prévia entre determinados membros, e fatores como amizade e afetividade possivelmente tenham um carácter importante. Ainda poderia ser relacionada a isso a relatividade de

si e de outro (KRAMSCH, 2008), à medida que o interlocutor fala aquilo que acredita ser o esperado em determinada situação comunicativa.

Excerto 40

28 de setembro de 2015

Participante 07: Participante 14 some doubt u can call me on private

Participante 02: Participante 14, what you're gonna need you can tell us

Excerto 41

5 de outubro de 2015

Participante 02: Welcome, bro! 🙌

Participante 26: Thank you

Participante 07: Welcome bro i hope that you can enjoy our group and Improve your English.

Participante 26: Sorry but i dont speak very well

Participante 26: 😊

Participante 02: No worries

Participante 07: No problem. If you're here you will learn

Participante 26: Im learning

Participante 07: Some doubts just ask for one of us

Excerto 42

Participante 07: Hey man. Welcome to our English group.

Participante 27: Thank ya...

Participante 07: I hope that you an enjoy it

Participante 27: thanks

Participante 07: And improve your English. Please don't be shy

Participante 07: Some doubts you can ask here or for us. Me, Participante 02 and the others adm's are here for help.

Participante 07: 😊

Com base nos excertos 40 a 42, avalia-se que também parece ocorrer no grupo não apenas cooperação, mas colaboração (TOMASELLO, 2008), no momento que o auxílio entre os membros é engajado; em outras palavras, existem objetivos comuns com papéis definidos, principalmente, quando os participantes colocam-se à disposição para ajudar outros membros. Existe a cooperação no grupo quando, por exemplo, um administrador adiciona algum membro. Só por ele possibilitar que o sujeito passe a fazer parte do espaço, já ocorre a cooperação. Porém, para que aconteça a colaboração, é necessário um esforço conjunto e engajamento mútuos, seja por meio de se colocar à disposição para auxiliar outros membros, seja por participar ativamente em um diálogo/discussão ou seja, ainda, por exercer o papel de perturbador da ordem no sistema, entre outros.

Além disso, as interações no grupo também parecem ir ao encontro de uma proposta ecológica de currículo (VAN LIER, 1996, 2002), levando em conta a agência do aprendiz em seu processo de aprendizagem. Isso implica em uma discussão sobre a autonomia no grupo.

Paiva (2009:201) define autonomia

[...] como um sistema ecológico complexo, sujeito a restrições internas e externas, que se manifestam em diferentes graus de interdependência e controle sobre seu próprio processo de aprendizagem. Isso envolve oportunidades (*affordances*), capacidades, habilidades, atitudes, disposição, tomada de decisão, escolhas, planejamento, agência e avaliação, tanto como um aprendiz quanto como um usuário da língua, dentro ou fora da sala de aula.

A partir das entrevistas, o papel da autonomia ficou evidente, dialogando com o que aborda Paiva (2009) e Van Lier (1996, 2004), sobre o aprendiz como agente responsável pela tomada de decisões acerca do seu processo de aprendizagem, como é possível verificar nos excertos 43 a 46, abaixo:

Excerto 43

15 de setembro de 2016

15:46 - Pesquisadora: 5. Como você percebe a aprendizagem/prática da língua de forma autônoma, sem a presença formal de um professor?

15:51 – Participante 01: No meu ponto de vista vai até mais rápido, porque, você estudando sozinho você pode estudar aquilo que lhe convém Mas tem as suas desvantagens de não poder tirar suas dúvidas.

Excerto 44

10 de setembro de 2016

18:18 - Pesquisadora: 5. Como você percebe a aprendizagem/prática da língua sem a presença formal de um professor?

18:29 – Participante 02: Hoje em dia isso tá cada vez mais comum. Claro, que no grupo não tem como você chegar sem saber o básico do básico por falarmos somente em Inglês. Mas ali vejo várias pessoas realmente interessadas e evoluindo no aprendizado "solo" (não achei outra palavra). Quando se tem curiosidade, quem realmente quer aprender, pergunta. E quem estiver disponível irá responder.

Excerto 45

11 de setembro de 2016

20:14 - Pesquisadora: 5. Como você percebe a aprendizagem/prática da língua sem a presença formal de um professor?

20:18 – Participante 04: A Aprendizagem de uma nova língua sem o contato direto com um professor exige do aluno muito mais esforço e dedicação, pois é ele quem será responsável por ir atrás do conhecimento. Portanto, aconselho a utilizar o whats app apenas como uma ferramenta adicional de imersão

Excerto 46

11 de setembro de 2016

20:02 - Pesquisadora: 5. Como você percebe a aprendizagem/prática da língua sem a presença formal de um professor?

20:08 – Participante 05: bem, falando sobre os que realmente estão interessados, eu admiro a força de vontade e disposição destes

[...]

20:12 – Participante 05: mas, minha resposta foi suficiente?

20:12 - Pesquisadora: Sim, foi sim :)

20:12 – Participante 05: ok

20:13 - Pesquisadora: Que na verdade pelo que você falou, o que importa mesmo é a força de vontade de cada um

20:13 – Participante 05: sim

20:14 – Participante 05: pois o cara pra ser autodidata tem que ser dedicado

Por fim, destaca-se que, na quase totalidade de diálogos apresentados, algum dos participantes entrevistados esteve presente, assim como algum(ns) do(s) perturbador(es) da ordem no sistema. Com base no que já foi apresentado na seção anterior, entende-se que sua participação pode fomentar a interação no grupo e auxiliar na emergência sistêmica de *affordances*, especialmente linguísticas. Essas *affordances* não apenas auxiliam no processo de aprendizagem e prática da língua, mas também na coesão do grupo, uma vez que estão interligadas a uma energia interativa, o que mantém o grupo ativo e assim, em função das condições iniciais e regras de baixo nível, também coeso. Além disso, merece destaque a autonomia por parte dos membros efetivamente engajados, pois caracterizam-se como responsáveis pela tomada de decisões, agência e avaliação de seu processo de aprendizagem. Tal aspecto vai ao encontro da concepção ecológica de currículo, proposta por Van Lier (1996, 2004), ao ser ele situado e norteado pelas reais necessidades, escolhas e expectativas do aprendiz.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa partiu do questionamento de como um grupo de aprendizagem via *WhatsApp* mantém-se ativo e coeso, sem que se tenham planos de curso e de aula e sem a figura do professor como perturbador. Durante as observações, embora tenha sido confirmada a não existência de planos de curso e de aula, percebemos, por meio da participação nossa enquanto pesquisador e participante do grupo que alguns membros exercem perturbação da ordem no sistema, contrariando, em parte, a visão inicial da não existência de um professor/perturbador. Esse papel é exercido por 4 membros, o que não ocorre o tempo todo, mas em momentos específicos de suas interações. Um participante, em especial, pareceu exercer a postura de um professor/perturbador em grande parte de suas interações, fomentando a emergência sistêmica de *affordances* por meio de suas manifestações e intervenções. Apesar de serem desempenhados esses papéis em determinadas situações, o grupo, de forma geral, consente em refutar a existência de um “professor oficial”, sendo orientado a uma aprendizagem colaborativa e cooperativa entre seus membros. Reiteramos que, apesar da visão do grupo, um ambiente de aprendizagem pode ser marcado por práticas colaborativas e cooperativas, mesmo com a presença de um “professor oficial”.

Entendemos que um grupo de aprendizagem no *WhatsApp* como um sistema complexo possui um controle descentralizado. Vale frisar que esse controle não é oriundo, essencialmente, da ausência da figura do professor, mas tal característica pode reforçar a descentralização do controle. No caso do grupo estudado, embora alguns membros performem como perturbadores durante alguns momentos, a postura de professor(es) “oficial(is)” não foi definida ou legitimada pelo grupo. Assim, todos os membros engajados ativamente nas interações são corresponsáveis pela manutenção do grupo, seja cumprindo as regras de baixo nível seja dispensando energia interativa para fomentar a coesão do espaço.

Durante a análise dos dados, usar a complexidade auxiliou no entendimento de como o grupo estabeleceu-se e consolidou-se. Reiteramos que esse aporte não foi o foco do estudo, contudo ofereceu ferramentas para compreender o funcionamento do grupo por meio da ecologia. Um aporte ecológico é relevante porque as práticas de aprendizagem que se fizeram presentes naquele espaço ocorrem de maneira

contextualizada, por meio das relações entre os diferentes sistemas icônicos e verbais e, através das características que o aplicativo *WhatsApp* apresenta e o uso que os participantes fazem do contexto, ocorre a emergência de *affordances*, especialmente linguísticas.

Sendo esta pesquisa marcada por uma visão ecológica, é inviável elencar uma causa e um efeito que possam justificar os motivos pelos quais o grupo estudado manteve-se ativo e coeso, por, pelo menos, 2 anos, período em que foi criado, até o final das observações. O estudo permitiu concluir uma inter-relação entre diversos aspectos, os quais permitem que o grupo configure-se como um espaço diferenciado para a prática da língua inglesa. A figura dos perturbadores tem um papel fundamental para que sejam suscitadas interações e o sistema se mantenha ativo e coeso. As condições iniciais exercem um notável papel para a constituição do ambiente complexo, mormente pela natureza da formação do grupo, da proximidade entre seus membros criadores e pelo zelo por parte dos administradores. Além disso, as regras de baixo nível, em especial a regra 4 (não compartilhar qualquer conteúdo que possa ferir os sentimentos de algum participante) dialogam com as condições iniciais e também contribuem para a manutenção do espaço. Sob uma outra visão, seria possível dizer que a emergência do comportamento de perturbação, as condições iniciais e as regras de baixo nível também seriam *affordances*.

O comportamento do grupo em relação à pesquisa que serviu como base para o estudo (VETROMILLE-CASTRO, 2007, 2008) apresenta diferenças, principalmente devido às condições iniciais, pois, conforme Larsen-Freeman (1997), sistemas com condições iniciais distintas divergem exponencialmente ao longo do tempo. Entendemos que, a partir da cooperação e colaboração entre os membros, ocorre uma energia compensatória que suscita desacelerar a entropia, uma vez o que grupo mantém-se ativo e coeso desde 2014. Destacamos que “[...] a entropia sempre ‘vence’: o que varia é o tempo de resistência sistêmica, consequência da interação interindividual” (VETROMILLE-CASTRO, 2008:231). Até o momento de conclusão deste estudo, o grupo estudado mantinha-se ativo, fruto do engajamento e da interação interindividual entre seus participantes. O engajamento no processo de aprendizagem entre os membros do grupo poderia ser chamado de autonomia, em uma visão ecológica.

Cumpramos frisar que “[q]ualquer descrição do que as pessoas fazem *online* é situado no presente e tende a mudar”⁷⁸ e, assim, “[...] é válido identificar onde estão as continuidades de práticas existentes e onde se encontram práticas que podem ser vistas como novas”⁷⁹ (BARTON, LEE, 2013:08). Segundo a análise dos dados, observamos emergirem novas práticas de aprendizagem, notadamente a partir do engajamento entre os membros do grupo, nesse aplicativo. Percebemos, ainda, que uma visão crítica ecológica pode auxiliar a compreender as novas “práticas online” e, no caso do grupo estudado, foram fundamentais aspectos como colaboração e autonomia, pois parecem aproximar as práticas de aprendizagem da língua de uma concepção ecológica de currículo. Nesse sentido, reconhecemos que, naquele espaço, aprendizagem da língua inglesa foi norteada pelos propósitos dos aprendizes e marcada por sua agência e tomada de decisões diante do processo. O fato de o grupo não possuir planos de curso ou atividades proporcionou uma maior flexibilidade e possibilitou que os membros gerenciassem os temas e aspectos a serem discutidos.

Além da participação e engajamento entre os sujeitos da pesquisa, o *WhatsApp* mostrou-se um espaço propício para novas práticas de aprendizagem *online*, sobretudo, por sua multimodalidade fluida. Especificamente sobre as características do aplicativo, sobressaiu-se a utilização de emojis. Os emojis serviram como recurso semiótico, indicando, ainda, relações de presença, afetividade e subjetividade. Assim, utiliza-se um grupo de aprendizagem para tentar abarcar nuances de um fenômeno mais abrangente, que é a aprendizagem de inglês por *WhatsApp*, o que representa ser algo corrente.

Na pesquisa desenvolvida, optamos por utilizar textos escritos e imagéticos (*emojis*) para compreender a aprendizagem de inglês em um grupo específico; porém, consideramos que o envio de áudios possibilitado pelo aplicativo oferece inúmeras potencialidades para investigação e análise de práticas de oralidade relacionadas à aprendizagem de línguas. Também consiste em serem relevantes estudos que levem em conta questões de pertencimento e presença em relação ao aplicativo, conforme já sinalizou O’Hara *et al* (2014), aliando esses aspectos à aprendizagem de línguas. Por fim, avaliamos que muito ainda pode ser dito sobre questões éticas e metodológicas em relação a pesquisas desenvolvidas no *WhatsApp*. Este trabalho foi um olhar para

⁷⁸ [a]ny description of what people do online is situated in the present and is likely to change” (BARTON, LEE, 2013:08).

⁷⁹ [...] it is worth identifying where there are continuations of existing practices and where there are practices that can be regarded as new (BARTON, LEE, 2013:08).

algumas possibilidades que o aplicativo apresentou, baseado em um aporte ecológico e em uma metodologia etnográfica. Esperamos que outros estudos possam surgir sobre esse tema, colaborando para o estabelecimento de um diálogo acerca das novas práticas de aprendizagem *online*, por intermédio deste aplicativo.

6 REFERÊNCIAS

- ALDA, L. **Aprendizagem de línguas mediada por telefone celular**: resultados de uma meta-análise qualitativa. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Pelotas, 2013.
- AMARAL, A. Autonetnografia e inserção online: o papel do pesquisador-insider nas práticas comunicacionais das subculturas da Web. In: **Fronteiras** – estudos midiáticos 11(1): 14-24, janeiro/abril 2009
- ALSALEEM, B. The effect of “Whatsapp” electronic dialogue journaling on improving writing Vocabulary Word Choice and Voice of EFL Undergraduate Saudi Students. In: **Arab World English Journal**, v. 4, n. 3, p. 213-225, 2013.
- BAILEY, K.M., NUNAN, D. (Eds.), **Voices from the Language Classroom**. Cambridge University Press, Cambridge. 1996
- BARTON, D.; LEE, C. **Language online**: investigating Digital Texts and Practices. Abingdon: Routledge, 2013, 208 p.
- CHINNERY, M. G. Emerging Technologies Going to the MALL: Mobile Assisted Language Learning. In: **Language Learning & Technology**, v.10 (1), p. 9-16, 2006.
- CHURCH, K.; DE OLIVEIRA, R. What's up with whatsapp?: comparing mobile instant messaging behaviors with traditional SMS. In: **Proceedings of the 15th international conference on Human-computer interaction with mobile devices and services**. ACM, 2013. p. 352-361.
- DA FONTE, R.; CAIADO, R. Práticas discursivas multimodais no WhatsApp: uma análise verbo-visual. **Revista Desenredo**, v. 10, n. 2, 2014.
- DICKINSON, L. Learner autonomy: what, why and how? In: LEFFA, V. (Ed.). **Autonomy in Language Learning**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1994.
- DUARTE, G.; VETROMILLE-CASTRO, R. Interação e a sala de aula de língua estrangeira em contextos digitais: uma perspectiva complexa. In: **Polifonia**, Cuiabá, MT, v. 18, n. 23, p. 129-149, jan/jun, 2011.
- ELLIS, N.; LARSEN-FREEMAN, D. (Eds.) **Language as Complex Adaptive System**. United Kingdom: John Wiley & Sons Ltd/Blackwell Publishing, 2009. 286 p.
- ELLIS, R. **SLA Research and Language Teaching**. Oxford University Press, 198 Madison Avenue, New York, NY 10016-4314, 1997.
- FRAGOSO, S.; RECUERO, R.; AMARAL, A. **Métodos de pesquisa para Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2015.
- GIBSON, J. J. **The ecological approach to visual perception**. Cambridge, MA: MIT Press, 1979.

GRAMSCI, A. **Maquiavel, o Estado e a Política Moderna**. 5 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.

GUY, R. (Ed.). **The evolution of mobile teaching and learning**. Informing Science, 2009.

HINE, C. **Virtual Ethnography**. Centre for Research into Innovation, Culture and Technology. Brunel University, Uxbridge, Middlesex, UB8 3PH, UK. Comunicação oral.

_____. **Virtual Ethnography**. Sage, 2000.

_____. **Virtual Methods**. (Ed.) Berg Publishers, 2005.

_____. Virtual Ethnography: Modes, Varieties and Affordances. In: **The SAGE handbook of online research methods**, p. 257-270, 2008.

_____. **Ethnography for the Internet: Embedded, Embodied and Everyday**. Bloomsbury Publishing, 2015.

JOHNSON, S. **Emergence**. New York: Penguin Books, 2001.

JUDD, E. L.; TAN, L.; WALBERG, H. J. **Teaching additional languages**. UNESCO. International Academy of Education. International Bureau of Education, 2003.

KIVITS, J. Online interviewing and the research relationship. In: HINE, C. **Virtual Methods**. (Ed.) Berg Publishers, 2005. p. 35-49.

KLOPFER, E.; K. SQUIRE, and H. JENKINS. **Environmental Detectives: PDAs as a window into a virtual simulated world**. Proceedings of IEEE International Workshop on Wireless and Mobile Technologies in Education. Vaxjo, Sweden: IEEE Computer Society, pp. 95-98, 2002.

KOZINETS, R. V. **Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online**. Porto Alegre: Penso Editora, 2014.

KRAMSCH, C. (Ed.) **Language Acquisition and Language Socialization: Ecological perspectives**. London: Continuum, 2002.

_____. Ecological perspectives on foreign language education. **Language teaching**, v. 41, n. 03, p. 389-408, 2008.

KRAMSCH, C; STEFFENSEN, S. Ecological perspectives on second language acquisition and socialization. In: DUFF, P. A; HORNERBEGGER, F. H. (Eds). **Encyclopedia of language and education**. Springer US, 2008. p. 2595-2606.

KRESS, G. R. **Reading images: multimodality, representation and new media**. IIID Expert Forum for Knowledge Presentation. Preparing for the Future of Knowledge Presentation. Conferência, 2004. Disponível online

<http://www.knowledgepresentation.org/BuildingTheFuture/Kress2/Kress2.html> acesso em 25 de maio de 2016.

LARSEN-FREEMAN, D. **Chaos/complexity science and second language acquisition**. Applied Linguistics, 1997, v. 18 n. 2, p. 141-165.

LARSEN-FREEMAN, D.; CAMERON, L. **Complex systems and applied linguistics**. Oxford University Press, 2008.

LEFFA, V. (Ed.). **Autonomy in Language Learning**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1994.

LISBOA DE MELLO, A. M.; ZILBERMANN, R; BERND, Z. **O viajante transcultural: leituras da obra de Moacyr Scliar**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

MIANGAH, T. M; NEZARAT, A. **Mobile Assisted Language Learning**. International Journal of Distributed and Parallel Systems (IJDPS) Vol.3, No.1, January 2012.

MILL, D. *et al.* Prática polidocente em ambientes virtuais de aprendizagem: reflexões sobre questões pedagógicas, didáticas e de organização sociotécnica. In: **Educação a distância: ambientes virtuais de aprendizagem**. MACIEL, C. (Org.) Cuiabá: EdUFMT, 2013, 259 p.

MILL, D; FIDALGO, F. Espaço, tempo e tecnologia no trabalho pedagógico: redimensionamento na Idade Mídia. In: **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 88, n. 220, 2007.

O'HARA, K. P. et al. Everyday dwelling with WhatsApp. In: **Proceedings of the 17th ACM conference on Computer supported cooperative work & social computing**. ACM, 2014. p. 1131-1143.

PAIVA, V. L. M. Caos, complexidade e aquisição de segunda língua. In: PAIVA, V. L. M. O; NASCIMENTO, M. (Orgs.) **Sistemas adaptativos complexos: lingua(gem) e aprendizagem**. Campinas: Pontes Editores, 2011, 269 p.

PENNYCOCK, A. Global Englishes and transcultural flows. In: KIRKPATRICK, A. (Ed.). **The Routledge handbook of world Englishes**. London: Routledge, 2007.

PLANA, M. G. et al. Improving learners' reading skills through instant short messages: A sample study using WhatsApp. **Proceeding of WorldCall**, p. 80-84, 2013.

POLIVANOV, B. Etnografia virtual, netnografia ou apenas etnografia? Implicações dos conceitos. **Esferas**, v. 1, n. 3, 2014.

RUTHER, J.; SMITH, G. W. H. Ethnographic presence in a nebulous setting. In: Hine, C. **Virtual Methods**. (Ed.) Berg Publishers, 2005.

- SONNTAG, S. K. **Globalization and the politics of language**. In: SONNTAG, S. K. *The local politics of global English: Case studies in linguistic globalization*. Lexington Books, 2003.
- SOUZA, V. Ambiente virtual de aprendizagem e diário de bordo: sistemas adaptativos complexos. In: DE OLIVEIRA, V. L. M.; PAIVA, M. N. (Orgs.) **Sistemas adaptativos complexos: lingua(gem) e aprendizagem**. Campinas: Pontes Editores, 2011, 269 p.
- SULLIVAN, M. J. L; CONWAY, M. Negative affect leads to low-effort cognition: Attributional processing for observed social behavior. **Social Cognition**, v. 7, n. 4, p. 315, 1989.
- TOMASELLO, M.. **Origins of human communication**. Cambridge: MIT press, 2008.
- TOMASELLO, M. **Why we cooperate**. Cambridge: MIT press, 2009.
- TUDOR, I. **Learning to live with complexity: towards an ecological perspective on language teaching**. *System* 31, 2003. p. 1–12.
- VAN LIER, L. An ecological-semiotic perspective on language and linguistics. In: KRAMSCH, C. **Language acquisition and socialization**. New York: Continuum, 2002. p. 140-164.
- _____. **The classroom and the language learner: ethnography and second language acquisition**. London: Longman, 1988.
- _____. **Interaction in the language curriculum: Awareness, autonomy and authenticity**. New York: Longman, 1996.
- _____. **The ecology and semiotics of language learning: a sociocultural perspective**. Boston: Kluwer Academic, 2004.
- _____. Action-based teaching, autonomy and identity. **International Journal of Innovation in Language Learning and Teaching**, v. 1, n. 1, p. 46-65, 2007
- VETROMILLE-CASTRO, R. **A interação social e o benefício recíproco como elementos constituintes de um sistema complexo em ambientes virtuais de aprendizagem para professores de línguas**. 01 out. 2007. 223 p. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação, 2007, Porto Alegre, BR-RS.
- _____. **Considerações sobre grupos em ambientes virtuais de aprendizagem como sistemas complexos**. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*. v. 8, n. 1, p.211 – 234, 2008.
- _____. A entropia sócio-interativa e a sala de aula de (formação de professores de) língua estrangeira: reflexões sobre um sistema complexo. In: PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e; NASCIMENTO, Milton do. (Org.). **Sistemas adaptativos complexos: lingua(gem) e aprendizagem**. 1ed. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2009, v. , p. 113-129.

7 APÊNDICE

APÊNDICE A - Entrevistas

Participante 01:

13/09/16, 22:18 - Participante 01: Ta ai?

14/09/16, 16:58 - Pesquisadora: Oi Participante 01

14/09/16, 16:58 - Pesquisadora: Eu estava viajando

14/09/16, 16:59 - Pesquisadora: Hoje de noite estarei em casa 😊

15/09/16, 11:10 - Participante 01: Me passa as perguntas

15/09/16, 12:10 - Pesquisadora: Vou almoçar, quando voltar eu te mando. Estava no trabalho, por isso não consegui ver antes

15/09/16, 15:23 - Pesquisadora: São 05 perguntas, acho que não vai te tomar muito tempo

15/09/16, 15:23 - Pesquisadora: 1. Quando você passou a fazer parte do grupo English Group?

15/09/16, 15:23 - Participante 01: Ok

15/09/16, 15:24 - Participante 01: Desde sempre, foi eu quem criei.

15/09/16, 15:24 - Participante 01: Que*

15/09/16, 15:24 - Pesquisadora: Hehehehe (eu podia ter pulado essa pergunta)

15/09/16, 15:24 - Participante 01: Haha sem problema

15/09/16, 15:25 - Pesquisadora: 2. Qual/quais motivos o levaram a fazer parte de um grupo de aprendizagem de inglês por whatsapp?

15/09/16, 15:28 - Participante 01: Primeiro, para poder conversar com pessoas de outros países, segundo, melhor o nível da pronúncia por que é um meio muito útil para conversar por áudio.

15/09/16, 15:29 - Pesquisadora: 3. Você faz parte de outros grupos? Considera esse grupo (English Group) diferente de outros? Por que?

15/09/16, 15:31 - Participante 01: Faço parte de outros 2 grupos de inglês, sim, considero ele diferente pelo fato de ter mais estrangeiros e por ser o mais ativo.

15/09/16, 15:33 - Participante 01: "Apesar dele estar morto ainda é o mais ativo" haha

15/09/16, 15:34 - Pesquisadora: Hehehehe

15/09/16, 15:34 - Pesquisadora: Pois é

15/09/16, 15:35 - Pesquisadora: 4. Algum membro em especial lhe auxilia na aprendizagem/prática da língua?

15/09/16, 15:36 - Participante 01: Sim, algumas pessoas.

Eu na verdade estou sempre aprendendo nos grupos através das pessoas.

15/09/16, 15:39 - Pesquisadora: So mais uma coisa sobre essa pergunta... Você destacaria alguém em especial? (Não se preocupe que não vou divulgar nenhum nome :) e você acha que amizade entre os membros do grupo é um fator que influencia?

15/09/16, 15:42 - Participante 01: Participante 06, Participante 02 e Participante 08.

Sim, é uma grande influência.

15/09/16, 15:43 - Participante 01: Isso não só influência quem está no grupo, mas até quem está de fora.

15/09/16, 15:44 - Participante 01: Essa semana eu adicionei duas meninas, elas não sabem nada de inglês mas viram uma amiga e quiseram aprender e entrar no grupo

15/09/16, 15:45 - Pesquisadora: Ah, que legal!!

15/09/16, 15:45 - Pesquisadora: Pois é, eu vi que elas tinham entrado

15/09/16, 15:45 - Pesquisadora: Bom, e a última

15/09/16, 15:45 - Participante 01: Ok

15/09/16, 15:46 - Pesquisadora: Ops, penúltima 😊

15/09/16, 15:46 - Pesquisadora: Desculpe, contei uma a menos

15/09/16, 15:46 - Participante 01: Tá legal

15/09/16, 15:46 - Pesquisadora: 5. Como você percebe a aprendizagem/prática da língua de forma autônoma, sem a presença formal de um professor?

15/09/16, 15:51 - Participante 01: No meu ponto de vista vai até mais rápido, porque, você estudando sozinho você pode estudar aquilo que lhe convém Mas tem as suas desvantagens de não poder tirar suas dúvidas.

Uma pessoa que quer aprender gramática ele deveria fazer um curso sim.

15/09/16, 15:54 - Pesquisadora: 6. Como é para você fazer parte do grupo e em que aspectos você acha que ele é importante?

15/09/16, 16:00 - Participante 01: Fazer parte do grupo é bem interessante, divertido e um meio bem eficaz de aprender.

Eu acho muito importante pelo fato de você ter a possibilidade de conversar com pessoas de outros países que é uma ajuda, porque se você não fala o idioma da pessoa você é obrigado a escrever no idioma que você está estudando " O Inglês no meu caso " e isso meio que te empurra e te força a aprender.

15/09/16, 16:01 - Pesquisadora: Bom, e uma última coisa, se você achar repetido ou que já falou sobre isso não precisa resp

15/09/16, 16:01 - Pesquisadora: Responder

15/09/16, 16:02 - Pesquisadora: Pq você recomendaria esse tipo de prática para quem quer aprender inglês?

15/09/16, 16:06 - Participante 01: Eu recomendaria porque é um meio menos estressante e você não precisa gastar nada 😊

O curso é muito Bom... Mas no curso você tem que seguir o que está no livro e às vezes você não está com cabeça para estudar aqui ali então a aula acaba ficando chata.

15/09/16, 16:07 - Participante 01: Tipo, eu às vezes não queria estudar HORAS e ALIMENTOS em inglês, mas eu era obrigado a estudar porque estava no livro, e a aula acabava ficando um tédio.

15/09/16, 16:10 - Pesquisadora: Sim, te entendo

15/09/16, 16:10 - Pesquisadora: Esse ponto é bem interessante!

15/09/16, 16:10 - Pesquisadora: Bom Participante 01, seria isso

15/09/16, 16:10 - Pesquisadora: 😊😊

15/09/16, 16:10 - Pesquisadora: Gostaria de te agradecer muito pelo auxílio

15/09/16, 16:13 - Participante 01: De nada haha

15/09/16, 16:13 - Participante 01: Quando precisar 😊

15/09/16, 16:13 - Participante 01: Eu estou saindo agora

Até mais tarde

15/09/16, 16:13 - Pesquisadora: Ah, tá certo, muito obrigada mesmo! 😊😊😊😊

15/09/16, 16:13 - Participante 01: Ok😊

15/09/16, 16:15 - Pesquisadora: Até mais!

Participante 02

Participante 02: Oi Bianca! 😊 Desculpa... desde daquele dia eu falava que ia te chamar aqui e sempre tinha que sair ou fazer algo

10/09/16, 17:28 - Participante 02: Então, pode mandar as perguntas. Como é? Respondo agora? Tipo Entrevista 😊

10/09/16, 17:28 - Pesquisadora: Ai, sem problemas! 😊😊

10/09/16, 17:28 - Pesquisadora: Hehehe

10/09/16, 17:29 - Pesquisadora: Olha, é tipo uma entrevista

10/09/16, 17:29 - Pesquisadora: Deve demorar, no máximo dos máximos uns 30 minutinhos

10/09/16, 17:40 - Participante 02: Ok! Eu to de boa agora...

10/09/16, 17:43 - Pesquisadora: Beleza 😊😊

10/09/16, 17:52 - Pesquisadora: 1. Quando você passou a fazer parte do grupo? (English Group)

10/09/16, 17:54 - Participante 02: Faço parte do grupo mais ou menos desde o mês de Junho de 2014.

10/09/16, 17:55 - Pesquisadora: 2. Qual(is) os motivos que o levaram a fazer parte de um grupo de aprendizagem de inglês por whatsapp?

10/09/16, 18:00 - Participante 02: Eu sempre amei a língua Inglesa. Desde criança eu gostava de ler livros iniciantes. Entrei em um grupo pra conhecer pessoas do mundo inteiro e começar a praticar meus "Speaking - listening Skills". E deu certo 😊

10/09/16, 18:02 - Pesquisadora: Ahh, que bacana! 😊😊

10/09/16, 18:03 - Pesquisadora: 3. Você faz parte de outros grupos? Você considera esse grupo (English Group) diferente de outros? Por que?

10/09/16, 18:10 - Participante 02: Sim. Faço parte de outros dois grupos no momento. Eu considero o English group diferente dos outros porque lá é um grupo bem formal (e informal ao mesmo tempo). Formal no quesito de que as pessoas estão lá somente pra aprender o Inglês e escrever em Inglês.

Temos regras lá e não é permitido outras línguas. Informal no quesito de que aprendemos a língua com conversas cotidianas mesmo. Sem método e tudo mais. Já um dos que participo não tem essa regra. Apesar de ser também um grupo onde se fala a maioria do tempo em inglês.

10/09/16, 18:12 - Pesquisadora: 4. Algum membro em especial lhe auxilia na aprendizagem/prática da língua?

10/09/16, 18:16 - Participante 02: Hmm... Tem várias pessoas lá que são excelentes aprendizes e ao mesmo tempo, educadores também. Acho muito boa a atuação do Participante 05 naquele grupo. Ele realmente se interessa em aprender a língua e sim, as vezes me auxilia em algumas dúvidas que tenho como eu também o faço.

10/09/16, 18:18 - Pesquisadora: 5. Como você percebe a aprendizagem/prática da língua sem a presença formal de um professor?

10/09/16, 18:29 - Participante 02: Hoje em dia isso ta cada vez mais comum. Claro, que no grupo não tem como você chegar sem saber o básico do básico por falarmos somente em Inglês. Mas ali vejo várias pessoas realmente interessadas e evoluindo no aprendizado "solo" (não achei outra palavra). Quando se tem curiosidade, quem realmente quer aprender, pergunta. E quem estiver disponível irá responder.

10/09/16, 18:31 - Pesquisadora: E sobre essa pergunta, só mais uma coisa

10/09/16, 18:31 - Pesquisadora: Por que você recomendaria esse tipo de prática para quem quer aprender inglês?

10/09/16, 18:38 - Participante 02: Acho isso uma prática e modo de aprender muito divertido. É diferente de uma sala de aula. Afinal de contas, tudo hoje está pendendo pro lado da tecnologia (aprender através da Internet e seus programas). E Obviamente, não descarto de maneira nenhuma o aprendizado "formal" de cursos em sala de aula, pois um complementa o outro. E é talvez num curso, que você irá aprender o básico que precisa não só pro grupo de whatsapp mas pra sua vida.

10/09/16, 18:40 - Pesquisadora: E a última agora, desculpa se estou sendo meio redundante...

10/09/16, 18:41 - Pesquisadora: 6. Como é, para você, fazer parte do grupo e em que aspectos você acha que ele é importante?

10/09/16, 18:52 - Participante 02: Fazer parte do English Group (e dos outros também) é uma das coisa que já faz parte do meu cotidiano. Não sei mais como seria sem eles. Gosto muito de tudo aquilo.

Os grupos são importantes nos aspectos didáticos e conhecimentos em geral. O montante de coisas sobre culturas de várias partes do mundo que se aprende através dos estrangeiros, é impressionante se pararmos pra pensar. É uma troca de experiências muito grande que se adquire mesmo sendo uma conversa virtual. Podemos tirar várias coisas pra nossa vida pessoal escolar através disso ajudando e enriquecendo o nosso conhecimento geral.

10/09/16, 18:53 - Pesquisadora: Muuuito obrigada pelas respostas e ajuda no trabalho!! 😊

10/09/16, 19:00 - Participante 02: Que isso! É um Prazer

10/09/16, 19:02 - Pesquisadora: So tomei um tempinho do teu sábado

10/09/16, 19:02 - Pesquisadora: Hehehehe

10/09/16, 19:03 - Participante 02: Sim. 😊

10/09/16, 19:05 - Pesquisadora: Bom, qualquer dúvida ou algo sobre a pesquisa é só me chamar 😊😊

Participante 04

Participante 04: hey bianca

11/09/16, 19:51 - Participante 04: XD

11/09/16, 19:51 - Pesquisadora: Oii Participante 04!!

11/09/16, 19:51 - Pesquisadora: Como está? 😊

11/09/16, 19:51 - Participante 04: to bem

11/09/16, 19:51 - Participante 04: foi um looooongo final de semana

11/09/16, 19:51 - Participante 04: e com vc?

11/09/16, 19:52 - Pesquisadora: Ah é?! Bah, eu to aqui entediada, como é normal no domingo de noitw

11/09/16, 19:52 - Pesquisadora: Hehehe

11/09/16, 19:52 - Participante 04: ^^

11/09/16, 19:52 - Participante 04: let's get down to bussiness?

11/09/16, 19:52 - Pesquisadora: Sure!! 😊😊

11/09/16, 19:53 - Pesquisadora: Beleza

- 11/09/16, 19:56 - Pesquisadora: 1. Quando você passou a fazer do grupo English Group? (não precisa ser uma data exata, mais ou menos o período)
- 11/09/16, 19:58 - Participante 04: Eu entrei no grupo em outubro de 2014
- 11/09/16, 19:58 - Pesquisadora: 2. Qual/quais motivos o levaram a fazer parte de um grupo de aprendizagem de inglês por whatsapp?
- 11/09/16, 20:01 - Participante 04: Durante o processo de aprendizagem eu procurei diversos meios para praticar o inglês, dentre eles o whats app se destacou pela facilidade e praticidade de se comunicar com pessoas ao redor do mundo através do inglês
- 11/09/16, 20:02 - Pesquisadora: 3. Você faz parte de outros grupos? Você considera esse grupo diferente de outros? Como?
- 11/09/16, 20:03 - Participante 04: sim, participo de outros grupos, entretanto todos eles possuem características similares, variando apenas quanto a organização dos administradores.
- 11/09/16, 20:05 - Pesquisadora: So mais uma pergunta sobre isso, como você se referiria à organização dos administradores, no sentido de dinâmica/regras e tal?
- 11/09/16, 20:07 - Participante 04: Isso em alguns grupos os administradores possuem mais cuidado quanto a aplicação de regras e desenvolvimento de dinâmicas, porém os grupos de whats app são bem estáticos, variando de períodos em períodos dependendo da dedicação de cada membro.
- 11/09/16, 20:08 - Pesquisadora: Certo, obrigada
- 11/09/16, 20:09 - Pesquisadora: 4. Algum membro em especial lhe auxilia na aprendizagem da língua? Caso a resposta seja positiva, Como?
- 11/09/16, 20:12 - Participante 04: Sim, durante todos esses anos desenvolvi amizades que sempre me ajudaram a me manter motivado, podendo contar com a ajuda deles a qualquer momento do dia para tirar dúvidas, praticar e discutir novas ideias, sendo eles, Participante 02 e Participante 01.
- 11/09/16, 20:14 - Pesquisadora: 5. Como você percebe a aprendizagem/prática da língua sem a presença formal de um professor?
- 11/09/16, 20:18 - Participante 04: A Aprendizagem de uma nova língua sem o contato direto com um professor exige do aluno muito mais esforço e dedicação, pois é ele quem será responsável por ir atrás do conhecimento. Portanto, aconselho a utilizar o whats app apenas como uma ferramenta adicional de imersão
- 11/09/16, 20:19 - Pesquisadora: 6. Como é, para você, fazer parte do grupo e em que aspectos você acha que ele é importante?
- 11/09/16, 20:23 - Participante 04: Fazer parte do grupo é algo muito especial e importante para mim, pois através dessa ferramenta pude aprimorar a habilidade de conversação no dia-a-dia, ponto que costuma a ser falho nos cursos convencionais de inglês.
- 11/09/16, 20:25 - Pesquisadora: So mais uma coisa sobre esse assunto: Pq você recomendaria esse tipo de prática para quem quer aprender inglês?
- 11/09/16, 20:27 - Participante 04: É uma forma descontraída de se ampliar os conhecimentos e suprir as falhas deixadas em cursos normais, sendo elas comunicação informal, habilidades de conversação e interação com falantes nativos.
- 11/09/16, 20:30 - Pesquisadora: Bom, era isso então
- 11/09/16, 20:30 - Pesquisadora: 😊😊
- 11/09/16, 20:30 - Pesquisadora: muito obrigada pela ajuda!!
- 11/09/16, 20:32 - Participante 04: ^^
- 11/09/16, 20:32 - Participante 04: qualquer coisa
- 11/09/16, 20:32 - Participante 04: nao pense duas vezes em falar comigo
- 11/09/16, 20:32 - Participante 04: bom trab
- 11/09/16, 20:32 - Participante 04: tem face? gostaria de ver suas fotos da irlanda x.X
- 11/09/16, 20:32 - Participante 04: 😊😊
- 11/09/16, 20:33 - Pesquisadora: Ah, pode deixar que qualquer coisa chamo sim
- 11/09/16, 20:33 - Pesquisadora: Tenho face sim
- 11/09/16, 20:33 - Pesquisadora: Acho que é bem fácil de achar
- 11/09/16, 20:33 - Pesquisadora: É uma foto preta e branca e estou de óculos
- 11/09/16, 20:34 - Participante 04: achei
- 11/09/16, 20:34 - Participante 04: ^^
- 11/09/16, 20:34 - Participante 04: bom resto de final de semana e boa sorte

11/09/16, 20:34 - Participante 04: bora se organizar para viajar U.U
 11/09/16, 20:35 - Pesquisadora: Já aceite!
 11/09/16, 20:35 - Pesquisadora: Ai, nem me fala! To nervosa demais
 11/09/16, 20:36 - Pesquisadora: Bom resto de fds pra você também! 😊😊

Participante 05

11/09/16, 19:43 - Participante 05: oi Bianca
 11/09/16, 19:43 - Participante 05: suave?
 11/09/16, 19:44 - Pesquisadora: Tranquilo, tirando o tédio de domingo mesmo
 11/09/16, 19:44 - Pesquisadora: Hehehe
 11/09/16, 19:44 - Pesquisadora: E por aí?
 11/09/16, 19:44 - Participante 05: pode pah
 11/09/16, 19:44 - Participante 05: to dia boa hoje tambem
 11/09/16, 19:45 - Participante 05: pode mandar aquelas questoes
 11/09/16, 19:45 - Pesquisadora: Ah, beleza!!
 11/09/16, 19:45 - Participante 05: dai eu vou respondendo na medida do possivel
 11/09/16, 19:45 - Pesquisadora: São 06
 11/09/16, 19:46 - Participante 05: ol
 11/09/16, 19:46 - Participante 05: ok
 11/09/16, 19:46 - Participante 05: não eram 20?
 11/09/16, 19:46 - Participante 05: hahaha
 11/09/16, 19:46 - Pesquisadora: Hahahahaha
 11/09/16, 19:46 - Pesquisadora: Não, coitado de ti
 11/09/16, 19:46 - Pesquisadora: É bem rápido mesmo
 11/09/16, 19:46 - Participante 05: blz
 11/09/16, 19:47 - Participante 05: go ahead
 11/09/16, 19:47 - Pesquisadora: Kkkk
 11/09/16, 19:50 - Pesquisadora: 1. Quando você passou a fazer parte do grupo (English Group)?
 11/09/16, 19:50 - Participante 05: sei la
 11/09/16, 19:50 - Participante 05: desde 2014
 11/09/16, 19:51 - Pesquisadora: 2. Qual/quais motivos o levaram a fazer parte de um grupo de aprendizagem de inglês por whatsapp?
 11/09/16, 19:52 - Participante 05: alguém achou meu número através de um aplicativo e me colocou em um grupo
 11/09/16, 19:53 - Participante 05: daí eu gostei, pernecei no grupo e fui aprendendo
 11/09/16, 19:54 - Participante 05: achei legal pois tinha pessoas de varios paises
 11/09/16, 19:54 - Pesquisadora: Ah, que bacana!
 11/09/16, 19:55 - Pesquisadora: 3. Você faz parte de outros grupos? Considera esse grupo diferente de outros? Pq?
 11/09/16, 19:56 - Participante 05: não
 11/09/16, 19:56 - Participante 05: sim eu faço
 11/09/16, 19:56 - Participante 05: mas não considero diferente
 11/09/16, 19:57 - Participante 05: 😊😊a diferença é que o outro é muito mais ativi
 11/09/16, 19:57 - Participante 05: tem um que eu criei que ficou bem morto também 😊
 11/09/16, 19:57 - Pesquisadora: Hehehehe
 11/09/16, 19:58 - Pesquisadora: Pois é né, o grupo já foi mais ativo há uns 06 meses, mais ou menos...
 Acho
 11/09/16, 19:58 - Participante 05: é
 11/09/16, 19:59 - Participante 05: 😊 aqui pra nós no outro o Participante 02 fala bastante
 11/09/16, 19:59 - Participante 05: 😊😊😊
 11/09/16, 19:59 - Pesquisadora: Heheheheeh
 11/09/16, 20:00 - Participante 05: anyway, go ahead
 11/09/16, 20:00 - Pesquisadora: Certo
 11/09/16, 20:00 - Pesquisadora: 4. Algum membro em especial lhe auxilia na aprendizagem/prática da língua?
 11/09/16, 20:01 - Participante 05: eu sempre converso com o Participante 02
 11/09/16, 20:01 - Participante 05: e com o Participante 01 bem raramente

11/09/16, 20:02 - Pesquisadora: 5. Como você percebe a aprendizagem/prática da língua sem a presença formal de um professor?

11/09/16, 20:03 - Participante 05: da minha parte?

11/09/16, 20:04 - Pesquisadora: Isso, porque no grupo não tem oficialmente um professor. Como você percebe, da sua parte, praticar a língua por conta própria, digamos assim

11/09/16, 20:05 - Participante 05: como assim percebe??

11/09/16, 20:05 - Pesquisadora: O que você acha, na real

11/09/16, 20:05 - Pesquisadora: Heheh

11/09/16, 20:06 - Pesquisadora: Porque no grupo todo mundo pratica a língua por conta própria, de forma autônoma

11/09/16, 20:08 - Participante 05: bem, falando sobre os que realmente estão interessados, eu admiro a força de vontade e disposição destes

11/09/16, 20:08 - Participante 05: porque a maioria eu nem sei por que estão no grupo

11/09/16, 20:08 - Participante 05: muitos estão lá e nunca participam

11/09/16, 20:10 - Pesquisadora: Pois é, eu percebi que sei lá, dos 80 membros que deve ter, uns 20, no máximo, participam...

11/09/16, 20:10 - Participante 05: 20?kkk

11/09/16, 20:11 - Participante 05: acho que nem isso

11/09/16, 20:11 - Pesquisadora: Acho que fui otimista demais né?! Kkkkkk

11/09/16, 20:11 - Participante 05: da pra contar nos dParticipante 05os

11/09/16, 20:12 - Participante 05: mas, minha resposta foi suficiente?

11/09/16, 20:12 - Pesquisadora: Sim, foi sim :)

11/09/16, 20:12 - Participante 05: ok

11/09/16, 20:13 - Pesquisadora: Que na verdade pelo que você falou, o que importa mesmo é a força de vontade de cada um

11/09/16, 20:13 - Participante 05: sim

11/09/16, 20:14 - Participante 05: pois o cara pra ser autodidata tem que ser dParticipante 05icado

11/09/16, 20:15 - Pesquisadora: Isso é verdade mesmo...

11/09/16, 20:15 - Pesquisadora: 6. Como é para você fazer parte do grupo e em que aspectos você acha que o grupo é importante?

11/09/16, 20:59 - Participante 05: Fazer parte do grupo é muito proveitoso

11/09/16, 20:59 - Participante 05: Os aspectos importantes do grupo são ter pessoas disponível vinte e quatro horas por dia já que nele tem pessoas em fuso horarios diferentes para tirar dúvidas e para praticar aquilo que se aprendeu

11/09/16, 20:59 - Participante 05: é isso

11/09/16, 21:02 - Pesquisadora: Bom, certo então

11/09/16, 21:02 - Pesquisadora: Participante 05, muito obrigada mesmo pela ajuda!! 😊😊😊

11/09/16, 21:03 - Participante 05: é nós 🤝👍

11/09/16, 21:04 - Pesquisadora: Bom restinho de domingo pra ti!

11/09/16, 21:07 - Participante 05: anytime

11/09/16, 21:13 - Pesquisadora: Valeu! 😊😊

Participante 07

Pesquisadora: Oi, tudo bem?

09/09/16, 19:45 - Participante 07: Ooopaa

09/09/16, 19:59 - Pesquisadora: Como esta? Tudo tranquilo?

09/09/16, 20:00 - Pesquisadora: Tranquilo

09/09/16, 20:00 - Participante 07: Tudo sim graças a Deus. E contigo?

09/09/16, 20:01 - Pesquisadora: Tudo bem também

09/09/16, 20:02 - Pesquisadora: Mas nas correrias de estudo e trabalho como sempre

09/09/16, 20:02 - Pesquisadora: Hehe

09/09/16, 20:02 - Participante 07: Boom kkkk

09/09/16, 20:02 - Participante 07: Que que tu manda? Kk

09/09/16, 20:03 - Pesquisadora: Olha so

09/09/16, 20:04 - Pesquisadora: Lembra daquela pesquisa/entrevista que eu havia comentado?

09/09/16, 20:05 - Participante 07: Posso sim manda aí

09/09/16, 20:05 - Pesquisadora: Hehehehe

09/09/16, 20:19 - Pesquisadora: Ta bom

09/09/16, 20:19 - Pesquisadora: So vou alterar o teclado do meu celular pra Portuguese

09/09/16, 20:21 - Participante 07: Ok

09/09/16, 20:28 - Pesquisadora: Bom, vamos lá então 😊

09/09/16, 20:29 - Pesquisadora: 1. Quando você passou a fazer parte do grupo? (English group)

09/09/16, 20:29 - Pesquisadora: Pode ser uma previsão aproximada

09/09/16, 20:30 - Participante 07: Bom, eu juntamente com Participante 01 e 02 criamos desde 2014

09/09/16, 20:31 - Pesquisadora: Nossa, muito tempo...

09/09/16, 20:31 - Pesquisadora: 2. Quais os motivos os levaram a fazer parte de um grupo de aprendizagem de inglês por whatsapp?

09/09/16, 20:34 - Participante 07: Bom, nós acreditamos que isso iria quebrar com aquele tabu de que língua estrangeira só se aprende quando se mora no determinado lugar em questão. Então resolvemos trazer uma miscigenação com pessoas do mundo todo. Assim não só a língua inglesa viria a ser aprendida mas qualquer outra.

09/09/16, 20:35 - Pesquisadora: Ah, que legal! É justamente esse tabu que a minha pesquisa gostaria de quebrar.. vamos ver né

09/09/16, 20:35 - Pesquisadora: Hehehe

09/09/16, 20:35 - Pesquisadora: Bom, próxima pergunta

09/09/16, 20:35 - Pesquisadora: 3. Você faz parte de outros grupos?

09/09/16, 20:37 - Participante 07: Fiz parte de um outro grupo que só havia brasileiro com a mesma finalidade. Mas por causa dos estudos do ensino médio tive que deixar de lado

09/09/16, 20:38 - Pesquisadora: Ah, certo.. e só mais uma coisa sobre isso..

09/09/16, 20:38 - Pesquisadora: Você considera esse grupo diferente de outros? Por que?

09/09/16, 20:39 - Participante 07: Diferente não seria a palavra correta já que os outros possuem a mesma finalidade. Eu diria que nosso grupo é miscigenado como já havia dito antes. E com uma boa convivência entre os participantes que nele estão inseridos

09/09/16, 20:41 - Pesquisadora: 4. Algum membro em especial lhe auxilia na aprendizagem da língua? Como?

09/09/16, 20:45 - Participante 07: Bom. No meu aprendizado em particular não. Pois eu possuo muitos contatos no exterior então aprendo com os próprios nativos. Mas se tem alguém que merece todo o crédito pelo aprendizado de muitos ali é o Participante 02. Ele é muito dedicado e está sempre disposto a ajudar os integrantes do grupo

09/09/16, 20:46 - Pesquisadora: Bom, eu me confundi e disse que eram 05 perguntas, mas são seis. Tudo OK? Heheh

09/09/16, 20:46 - Pesquisadora: Só mais duas 😊😊

09/09/16, 20:46 - Pesquisadora: 5. Como você percebe a aprendizagem/prática da língua sem a presença formal de um professor?

09/09/16, 20:48 - Participante 07: Bom, como eu sou autodidata, aprendi a perceber que estou progredindo quando assisto um filme ou seriado ou até mesmo ouvindo músicas totalmente em inglês e consigo entender 99% do que é falado sem precisar repetir

09/09/16, 20:49 - Pesquisadora: Só mais uma coisa sobre esse assunto...

09/09/16, 20:50 - Pesquisadora: Por que você recomendaria esse tipo de prática para quem quer aprender inglês?

09/09/16, 20:52 - Participante 07: Bom, pra quem quer algo mais "confortável" sem precisar sair do conforto casa e de maneira mais barata eu diria que é mais em conta. Afinal estamos todos aqui para ensinar onde quer que for. Inclusive hoje, dou aula via Skype ou FaceTime tanto para brasileiros no inglês ou espanhol quanto para estrangeiros que queriam aprender a língua nativa (o português)

09/09/16, 20:52 - Pesquisadora: E a última

09/09/16, 20:53 - Pesquisadora: 6. Como é, para você, fazer parte do grupo e em que aspectos você acha que ele é importante?

09/09/16, 20:56 - Participante 07: Bom como dizer sem ficar redundante. Atualmente, minhas frequências no grupo tem sido menores por causa dos estudos entre outros motivos pessoas que me afastaram um pouco. Mas é uma realização muito grande poder ajudar as pessoas de uma maneira tão fácil por uma língua tão difícil. Em questão de importância, creio que para um bom amante de linguagens, ele é essencial. Mas para quem quer somente um passatempo deixa de ser essencial e passa a ser monótono

09/09/16, 20:57 - Pesquisadora: Bom, era isso

09/09/16, 20:57 - Pesquisadora: Muito obrigada mesml

09/09/16, 20:57 - Pesquisadora: 😊😊

09/09/16, 20:58 - Participante 07: Kkk precisar estamos aí kkk

09/09/16, 20:59 - Pesquisadora: E qualquer dúvida sobre a pesquisa, enfim, me avisa
 09/09/16, 21:00 - Participante 07: Pode deixar kkkkkk
 09/09/16, 21:01 - Pesquisadora: 😊

Participante 10

15/09/16, 18:41 - Participante 10: Let's go Dear
 15/09/16, 18:41 - Pesquisadora: Great! 😊
 15/09/16, 18:50 - Pesquisadora: So let's go 😊
 15/09/16, 18:50 - Participante 10: Ok
 15/09/16, 18:50 - Participante 10: You welcome Dear
 15/09/16, 18:50 - Pesquisadora: 1. When did you become a member of English Group?
 15/09/16, 18:51 - Participante 10: Since 2014
 15/09/16, 18:53 - Pesquisadora: 2. Why did you decide to take part at a group of English learning?
 15/09/16, 19:00 - Participante 10: Because I want to Practice English more, and Learn more things about that language.
 15/09/16, 19:04 - Pesquisadora: 3. Are you a member of other groups? Do you consider English Group different? Why?
 15/09/16, 19:08 - Participante 10: Yes I'm, Of course yes I consider that, because each English group has its own motivation and different type of people. Sometimes they talk about different Subject like Religion, Behavior and so on...
 15/09/16, 19:12 - Pesquisadora: 4. Does any member of the Group help you learning/practising the language?
 15/09/16, 19:15 - Participante 10: No !! Sometimes I only Chat with them
 15/09/16, 19:18 - Pesquisadora: 5. How do you see learning english in an autonomous way, without and official teacher?
 15/09/16, 19:21 - Participante 10: I was studying English at School, it's an international School
 15/09/16, 19:37 - Pesquisadora: But in the group, for example, we don't have a teacher
 15/09/16, 19:38 - Pesquisadora: In school you had a teacher
 15/09/16, 19:38 - Pesquisadora: So how is it for you learning english in a Group without a teacher?
 15/09/16, 23:53 - Participante 10: It's not Difficult because I've been learnt English, I take part at a group of English for practicing, not only for learning.
 16/09/16, 20:30 - Pesquisadora: 6. How is it for you being a part of a Group and why do you think it's important?
 16/09/16, 20:30 - Pesquisadora: This is the last question dear
 16/09/16, 21:36 - Participante 10: Being part at a group of English is a Great Experience, because I meet a lot of foreigners Friends and I know more things about other Culture. And I've learnt more foreign Expression. Because of those things I notice it's so important for me.
 17/09/16, 03:00 - Pesquisadora: Thank you very much dear
 17/09/16, 03:00 - Pesquisadora: 😊😊
 17/09/16, 10:55 - Participante 10: You welcome my Dear
 17/09/16, 10:55 - Participante 10: 🙌